

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CIÊNCIAS SOCIAIS

“OSTENTAÇÃO FORA DO NORMAL”

Uma análise da relação entre o funk ostentação e a nova classe “média” a partir do consumo

Professora Paula Marcelino
Métodos e Técnicas de Pesquisa II

Lígia Coelho Janasi N° USP 4327912
Luiza Heyden Zerbinatti N° USP 8979386
Mariana Quadrada Santos N° USP 8978854
Pamela Carla Gomes da Silva N° USP 8577499
Rafael Aparecido Martins Frade N° USP 8032143

São Paulo
2015

Sumário

Parte I - O Problema de Pesquisa	2
Parte II - O trabalho de campo	4
Parte III – Análise.....	6
Uma reconfiguração da classe trabalhadora	7
Ostentação da cabeça aos pés	7
Ostentação como estilo de vida	9
Parte IV - Anexos	10
Anexo I - Diários de Campo	10
Anexos II - Entrevistas	17
Anexos III – Levantamento Socioeconômico	69
Anexos IV – Músicas.....	72

Parte I - O Problema de Pesquisa

Como estilo musical independente, o funk surgiu nos Estados Unidos, na década de 60 com James Brown e, após sofrer as mais diversas modificações, chegou ao Brasil na década de 70, não tardando a subir os morros cariocas e tornar-se o ritmo favorito dos jovens moradores de favela.

Nas décadas de 80, 90 e 2000, o funk passou por diversas transformações em seu ritmo, letras e temáticas, passando pelo funk melody até o ritmo conhecido como pancadão, que tratava de temas eróticos e sensuais, fazendo também apologia a drogas, armas e crimes. Com produção concentrada nos morros cariocas, o ritmo do funk era taxado, fazendo referência a um dos hits mais famosos (Som de Preto por Amilcka e Chocolate, 2005), de “Som de preto, de favelado”.¹

Porém, a partir de 2008 surge o Funk Ostentação com MC Bio G3 e seu “Bonde da Juju”, música na qual se ostentam óculos de grife, os juliets, colares de ouro e tênis de marca (“Tá de Juliet, Romeo 2 e Double Shox/ 18 K no pescoço, de Ecko e Nike Shox/ Tá de Juliet, Romeo 2 e Double Shox/ Vale mais de um barão, esse é o bonde da Oakley”²). O sucesso veio de imediato, mas foi a partir de 2011 e do lançamento do primeiro videoclipe de funk ostentação, “Megane” de Mc Boy do Charme, que centenas de MC’s passaram a cantar a ostentação, e que o sucesso se tornou grande para cada novo videoclipe e MC que surgia no cenário, especialmente na região metropolitana de São Paulo e na Baixada Santista.

Kondzilla, produtor e empresário, foi o responsável pela criação da estética da ostentação, com as mulheres dançando em volta de carros caros, muitas jóias, notas e bebidas caras. Adaptação da estética do hip-hop americano com nomes como 50 Cent ou Snoop Dogg, a ostentação de bens materiais tornou-se regra nos dois anos seguintes em boa parte dos clipes de funk. A exemplo disso, um dos maiores nomes do funk ostentação, MC Guimê, canta “Contando os plaque de 100, dentro de um Citroën/Ai nós convidamos, porque sabe que elas vêm/ De transporte nós tá bem, de Hornet ou 1100/ Kawasaki, tem Bandit, RR tem também”.³

Essa mudança de temática no funk, é claramente notável a partir de 2008 e nas produções a partir de então, com destaque ao ano de 2012, quando a ostentação encontrou seu auge.

A essa mesma época, ocorria no Brasil uma mudança no padrão de rendimento dos brasileiros. Era a emergência da “nova classe média”, como ficou então conhecida, caracterizada pelo maior acesso ao consumo de bens duráveis, como televisão, fogão, geladeira, aparelho de som e computador, que parte da classe trabalhadora brasileira obteve a partir da década de 2000. Pensando na concomitância desses dois processos, nos interessamos em estudar uma possível relação entre eles. Assim, partindo da hipótese de que o que ligaria ambos era a questão do consumo, chegamos à pergunta de nossa pesquisa: *De que forma o funk ostentação traduz um modo de parte da “nova classe média” afirmar sua posição social por meio do consumo?*

Acreditamos que o estudo do funk seja de extrema importância, principalmente por se tratar de uma expressão cultural subjulgada e considerada inferior, quando na realidade é parte da cultura identitária de um segmento da população brasileira, especialmente dos jovens. Além disso, a temática do funk já foi estudada na década de

¹ Ver “Som de Preto”, Amilcka e Chocolate, em Anexos IV

² Ver “Bonde da Juju”, em Anexos IV

³ Ver “Plaque de 100”, MC Guimê, em Anexos IV

80, quando Hermano Vianna (1988) desenvolveu seu projeto, explorando o universo do funk no Rio de Janeiro, e esse estilo musical pouco valorizado.

Para explorarmos nosso problema, optamos pelo uso de duas técnicas de pesquisa qualitativa: a observação direta, a entrevista semi-dirigida; e para triangulação, a análise documental das letras de funk. O campo foi feito em Franco da Rocha, na Chácara do Eddy, onde frequentemente ocorrem bailes funk. Por dificuldades que serão melhor explicadas na parte II, as 8 entrevistas que fizemos (duas com MCs, uma com um DJ e cinco com frequentadores) foram feitas nos mesmos dias em que saímos a campo, e não em momentos separados como gostaríamos de ter feito. Fomos à Chácara nos dias 30 de novembro, 21 de dezembro e 1 de fevereiro; quatro das entrevistas foram feitas em dezembro, e as outras quatro, em fevereiro.

Como base teórica para fundamentarmos nossa hipótese e, em seguida, nossa análise, utilizamos a bibliografia obrigatória que se segue:

(1) BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.

(2) FREIRE, Libny Silva. **Nem luxo, nem lixo**: Um olhar sobre o funk da ostentação In: Revista Entremeios, Pouso Alegre, v. 9, n. 9, 2012.

(3) MIZRAHI, Mylene. **Indumentária funk**: a confrontação da alteridade colocando em diálogo o local e o cosmopolita. In: Horizontes Antropológicos, Rio de Janeiro, n. 28, 2007.

(4) POCHMANN, Marcio. **O mito da nova classe média**. São Paulo: Boitempo, 2014.

Utilizamos o livro de Marcio Pochmann (2014) por considerá-lo uma referência no tema acerca da “nova classe média”. Para ele, na última década, uma parcela considerável da população brasileira teve maior acesso ao consumo ou a produtos industrializados. Surgiu, então, a hipótese de que ela corresponderia a uma suposta “nova classe média”. No entanto, de acordo com ele, as características dessa parcela não fazem com que ela se enquadre como parte da classe média tradicional – corresponderiam, na verdade, a uma parcela da classe trabalhadora que, devido a diversos fatores (queda do desemprego, aumento do rendimento médio e da inserção da mulher no mercado de trabalho, entre outros), tiveram maior acesso aos bens de consumo.

Os componentes da classe trabalhadora também teriam expandido seu acesso a tecnologias importantes como consequência da repercussão da grande mídia, dos desejos de consumo e ascensão social, atrelados à possibilidade de se ter acesso aos bens materiais já adquiridos pela classe média tradicional, cuja privação colocava a classe trabalhadora numa posição de inferioridade na hierarquia social.

Por identificarmos o estilo de vida do funk ostentação como uma prática distintiva, procuramos em “A Distinção”, de Bourdieu (2007), inspiração para a problematização de nossa hipótese. Para ele, os bens culturais considerados legítimos e superiores estão relacionados a posições de classes também superiores no espaço social; essas classes têm o poder de impor seu estilo de vida e modo de consumo como legítimos, fazendo com que grupos de posição social inferior aceitem tais padrões de consumo e estilo.

Conferindo consistência à essa ideia de Bourdieu, Mizrahi (2007) escreve sobre a indumentária funk e a importância da genuinidade das marcas estrangeiras das roupas e acessórios, especialmente dos tênis. Também alerta para as diferenças de homens e

mulheres lidarem com essa questão das marcas: para o gênero masculino elas são bem mais relevantes que para o feminino. O primeiro procura “ostentar” em praticamente todas as peças, enquanto o segundo, geralmente, tem preferência, não pelas grifes, mas pelo tipo de peça – shorts curtos e confortáveis para dançar. Tais descrições a respeito da indumentária foram comprovadas por nosso trabalho de campo.

Para desenvolvermos nosso conhecimento a respeito da história do funk, desde seus primórdios até a atualidade, utilizamos a linha do tempo esmiuçada por Freire (2012). Ela também explicita as diferenças entre o funk carioca e o paulista, sendo o último marcado pela constante referência a roupas, calçados e acessórios de marcas caras e famosas, carros de luxo e dinheiro. Ou seja, o funk paulista é do tipo “ostentação”.

Tendo tudo isso em conta, partimos então da hipótese de que o estilo de vida próprio do funk ostentação está relacionado à incorporação de parte da classe trabalhadora a novos padrões de bens de consumo, e é uma expressão cultural, considerando tanto o vestuário dos frequentadores, como o conteúdo das letras das músicas, que reflete a posição desse grupo no espaço social, e para qual o consumo se configura como prática distintiva.

Parte II - O trabalho de campo

Para estudar o Funk Ostentação era imprescindível que fôssemos a campo para observar, não só o comportamento das pessoas, mas o próprio modo como as pessoas se vestem em um ambiente onde roupas, marcas e o luxo são tão exaltados. Dessa forma, a Observação Direta foi uma das técnicas que utilizamos na nossa pesquisa, pois a festa Funk é um momento no qual as pessoas interagem, e do contato com os pesquisados é possível depreender elementos que consideramos importantes para a análise, tais como as letras das músicas, as vestimentas (apresentação), o comportamento dos indivíduos e as relações afetivas.

Além desta técnica, também fizemos entrevistas semi-dirigidas, pois é uma maneira de identificar se os entrevistados fazem parte da parcela emergente da classe trabalhadora. Além disso, como não há bibliografia diretamente relacionada ao nosso problema de pesquisa, esse tipo de entrevista permite que os indivíduos discorram sobre os elementos supra-citados.

Como um método auxiliar, para a triangulação, utilizamos a Análise Documental, que consistiu na análise das letras das músicas e dos videoclipes que são fundamentais para o estudo dessa forma de expressão cultural.

Primeiramente, precisávamos decidir o local do nosso campo. Uma das integrantes do nosso grupo mora em Francisco Morato, e conhecia algumas festas de Funk na região. Encontramos uma festa em um local conhecido como Chácara do Eddy, um sítio em Franco da Rocha onde são realizados diversos eventos, inclusive, aos domingos, festas de Funk. As três vezes que fomos ao campo foi na Chácara do Eddy, nos dias 30/11/2014, 21/12/2014 e 01/02/2015. No primeiro dia de campo, fizemos Observação Direta na chácara das 12:00 às 17:30. Porém, ao percebermos que a festa

começava mais tarde, no segundo e no terceiro dia de campo fizemos das 15:00 às 21:00. Todos os membros do grupo compareceram todos os dias ao campo.

Uma das integrantes do grupo (Pamela) conhecia uma pessoa que tinha contato com o Eddy, dono da chácara em que iríamos. No nosso primeiro dia de campo, chegamos às 12:00, e a festa ainda não havia começado, além disso, a pessoa que conhecíamos não foi. Na entrada, após conversarmos com o Eddy e explicarmos que estávamos fazendo pesquisa, não houve problema para termos acesso ao campo.

O estranhamento no primeiro contato foi grande, começando pelas próprias roupas que utilizávamos. O que para nós eram roupas simples e neutras, calça jeans e camiseta, para os frequentadores da festa eram roupas inusitadas e uma escolha improvável para qualquer um de lá, especialmente para as mulheres. Muitos faziam referência a nós como “Roqueiros” ou “Os da Faculdade”. Devido a nossa própria falta de experiência no campo, não sabíamos direito o que fazer, o que resultou em mais estranhamento na medida em que as pessoas chegavam à festa. Depois de algumas horas, quando já estávamos mais à vontade, começamos a conversar com algumas pessoas na festa, que nos levaram a falar com outras. Apesar do estranhamento, notamos facilidade de conversar com as pessoas, que se mostravam curiosas e ao mesmo tempo interessadas em conversar conosco.

No primeiro dia de campo fizemos contatos importantes para o desenrolar dos próximos dias e para conseguirmos contatos para as entrevistas. Dois dos membros da equipe de organização da festa, a equipe Bomba Funk Digital, Mateus e um amigo seu, foram quem nos apresentou a maior parte das pessoas da festa, incluindo MC's, promoters e DJ's. Nos outros dias, tudo ocorreu tranquilamente, como seguem os relatos de campo no Anexo I.

Entre nossas maiores dificuldades em campo estavam o nosso vestuário, e nossa posição social. Acreditamos que, por sermos conhecidos como “Os da Faculdade”, induzimos certas respostas posteriormente nas entrevistas, principalmente quando perguntávamos para as pessoas sobre seus planos para o futuro. Outra dificuldade esteve na definição de amostragem e de seleção do local, pois não conseguimos fazer Observação Direta em outros campos onde se realizam festas de Funk.

As entrevistas foram realizadas com pessoas que conhecemos em nossas visitas ao campo, limitando os entrevistados a frequentadores de festas na Chácara do Eddy e aos MC's que eram atração nos dias que estávamos lá. Os MC's e os empresários que conhecemos, devido a suas agendas cheias e ao fato de que alguns moravam em outras cidades, como no Guarujá, por exemplo (MC BR da Baixada), realizamos as entrevistas no próprio campo, gravando-as e transcrevendo-as posteriormente (ver em Anexo II, MC BR da Baixada, MC Ruanzinho, William e DJ Everton). No segundo dia de campo (21/12/2014), pegamos contatos das promoters, frequentadoras das festas que também trabalham na divulgação dos eventos e na recepções dos MC's e da própria organização dos mesmos. Para conseguirmos entrevistar as promoters, tivemos que realizar as entrevistas no próprio campo, no segundo dia. Essa foi a melhor opção para tanto, principalmente devido à distância entre o campo e as residências dos entrevistados, que moravam na região de Franco da Rocha, Caieras, Francisco Morato, Jundiaí, etc. e dos integrantes do grupo que moram em São Paulo. No terceiro dia que fomos a campo (01/02/2015), realizamos as demais entrevistas, feitas em campo pelos mesmos motivos das entrevistas com as promoters, chegando mais cedo no campo para podermos completar as 15 horas de observação direta.

A maior dificuldade nos processos de entrevista foi a tendência das pessoas dizerem o que nós queríamos ouvir. Percebemos isso quando um dos MC's que entrevistamos (Ruanzinho), por imaginar que nós menosprezávamos o funk, também o

menosprezou. Além disso, notamos diferenças entre o que a pessoa diz sobre si e o que ela diz sobre os outros a respeito da importância das marcas de roupa. Em muitos casos, por exemplo, o entrevistado dizia não acreditar na importância do vestuário, ainda que para outros tivesse grande relevância. Além da nossa própria tendência de induzir o entrevistado a falar algo, ou insistir muito em determinados assuntos; fora o desconforto de certos entrevistados em responderem algumas perguntas, ou mesmo a falta de compreensão sobre a própria pergunta (como ocorrera com Wellington). Outro empecilho na realização das entrevistas foi a distância do nosso campo e, conseqüentemente, a distância das residências dos entrevistados, o que nos levou a realizarmos as entrevistas no próprio campo.

Apesar dos limites e alcances de cada um dos métodos que utilizamos, os dados obtidos nas entrevistas e os que observamos em campo foram consistentes, além de serem compatíveis com as letras de músicas que também analisamos (ver em Anexos IV) para triangulação. Nas entrevistas, a maior parte dos entrevistados se mostrou confortável ao falar e demonstrou bom entendimento das perguntas. No campo, as pessoas também não mostravam constrangimento ao conversar conosco e falavam livremente sobre diversos assuntos, como roupas, paquera, músicas e as festas em geral. As duas técnicas mostraram-se compatíveis.

Na medida em que fazíamos mais entrevistas e que íamos a campo mais vezes, o próprio grupo ganhou experiência nessas técnicas. Por exemplo, após as primeiras entrevistas, já tínhamos mais facilidade na escolha dos termos. Aprendemos a explorar as respostas dos entrevistados e fazer perguntas mais precisas. Percebemos, posteriormente, que nós também nos mostramos mais indutivos nas perguntas que queríamos e estávamos muito pontuais em certas perguntas.

Sobre a Observação Direta, podemos dizer que aprimoramos a capacidade de observação das nuances pertinentes à pesquisa. Já possuíamos mais contatos no campo, o que facilitava o contato com as pessoas, e já estávamos mais à vontade para conversarmos com os frequentadores. Foi-nos possível, assim, desenvolver novas hipóteses relevantes com o que observávamos e o que ouvíamos, relacionando esses fatores com a bibliografia que havíamos acumulado desde a preparação do trabalho.

Parte III – Análise

A observação direta e as entrevistas possibilitaram a coleta de evidências pertinentes à análise. Parte da proposta final do grupo consistia na identificação da ostentação como prática distintiva de classe. O nome do fenômeno parece falar por si, mas era preciso caracterizar o que era para os indivíduos a tal ostentação.

Nossa hipótese inicial era a ideia de que havia alguma relação entre a nova classe “média” e o funk ostentação. A primeira formulação dela resultou na proposição de que o consumo era uma forma de criação de identidade de parte de dessa nova classe “média”. Contudo, não conseguimos mobilizar uma bibliografia que permitisse analisar a relação entre consumo e identidade de maneira apropriada. Então, a partir das leituras

de Bourdieu, concluímos que o consumo poderia ser estudado como prática distintiva. Essa hipótese foi formulada do primeiro para o segundo campo e se manteve até o fim.

Afinal, se existe, quem é essa nova classe “média”?

Uma reconfiguração da classe trabalhadora

O autor que domina com mais propriedade as discussões sobre o fenômeno chamado a nova classe média é Márcio Pochmann (2014). Para ele, a reorganização das atividades econômicas em escala global possibilitou a massificação mundial do consumo a partir dos anos 1990. Esse padrão incluiu bens como calçados esportivos, alimentação fast-food e roupas de grife, e de bens duráveis diversos, como veículos e eletrônicos. Essa massificação foi produzida pela generalização de um novo padrão de produção que alia alta tecnologia ao baixo custo de produção (POCHMANN, 2014. p. 77). Consagrou-se, então, a onda de consumo de bens duráveis mais acessíveis à base da pirâmide social brasileira (POCHMANN, 2014. p. 67).

Além da queda dos preços, houve mudança no padrão de rendimento dos brasileiros. Pochmann aponta, como fatores explicativos: a redução no tamanho médio das famílias; aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho; queda do desemprego; aumento do rendimento médio real motivado pela elevação do salário mínimo, pelas negociações coletivas de trabalho e pelos programas de transferência de renda; e ampliação de crédito ao consumo popular (POCHMANN, 2014. p. 93).

A partir disso, pode-se concluir que, no Brasil, a partir da década de 2000, parte da classe trabalhadora teve acesso ao consumo de bens duráveis, como televisão, fogão, geladeira, aparelho de som e computador. Entretanto, essa parcela não configuraria uma nova classe social, nem corresponderia à existente classe média (POCHMANN, 2014. p. 71). Ela constitui parte da classe trabalhadora reorganizada em novos padrões de consumo. Nos referiremos a ela, a partir daqui, como classe trabalhadora emergente.

Sabendo que essa classe trabalhadora emergente tem como principal característica a incorporação de novos bens de consumo e que nossos pesquisados – entrevistados e informantes –, assim como os frequentadores em geral, podem ser classificados como parte desse grupo⁴, resta esclarecer o porquê de o estilo de vida do funk ostentação ser uma prática distintiva e como ele reflete a posição no espaço social de seu público.

Ostentação da cabeça aos pés

“Só relógio cabuloso, relógio de marca grife
Aquele camisa polo, calça jeans & puma disk
O cordão de ouro pra fora, que é pra te chama atenção
Um perfume Hugo boss em qualquer lugar tá bom”
(“Shopping Center”, MC Kauan, 2010)

⁴ Vide Anexo III – Levantamento Socioeconômico

As letras de funk ostentação são um bom indício do que a ostentação se refere. “Bolso esquerdo só tem peixe, e direito tá cheio de onça”⁵ – referindo-se a notas de 50 e 100 reais –, consta na música do MC Rodolfinho.

Ao longo das conversas com os frequentadores e MCs ficou evidente a relação entre ostentação e aparência. Ostentar é deixar clara a presença, é possuir elementos com valores sociais distintivos que os indivíduos partilham entre si. Quais são esses elementos? Camisas, shorts, bonés, óculos, relógios, colares, pulseiras, celulares, sapatilhas e, especialmente, o tênis. Esses itens não são escolhidos necessariamente pelo conforto, à exceção dos shorts femininos; eles compõem um visual que permite ao possuidor ter uma imagem distintiva e, ao mesmo tempo, que mostre o indivíduo como pertencente ao meio. A nossa classificação, por pessoas diferentes, como “roqueiros”, evidenciou que nossas roupas não permitiam que fôssemos classificados como o público tradicional.

Nas entrevistas registradas e nas conversas, procuramos compreender o significado e a necessidade das roupas serem como são. Quando perguntados sobre si, alguns indivíduos negavam que uma roupa fazia diferença na escolha de um parceiro, ou pra se sentir bem no ambiente. Mas quando perguntávamos sobre o que as pessoas em geral acham, era unânime que alguém com roupas mais dentro do estilo ostentação chamava mais atenção e se tornava mais atraente. Mesmo as pessoas que supostamente não ligavam tanto para as roupas estavam vestidas dentro do estilo ou se relacionavam com pessoas que também o faziam.

O visual ostentação tem o intuito de distinguir e, para tanto, precisa ser nítido, precisa chamar atenção, falar por si. Assim, as roupas não ostentam somente por serem caras, mas por deixarem claro que o são, a marca precisa ser evidente. Se fôssemos descrever o estilo masculino típico, começaria pelo tênis, que é aparentemente a parte fundamental do visual, por ser, possivelmente, a mais cara. Os tênis tem sola alta, são ricos em detalhes, alguns com cores muito chamativas, do rosa choque ao verde fluorescente. Logo acima dos mesmos, estão as meias a meia canela de modo a permitir a visualização da marca. Shorts não são tão chamativos. Camisas e bonés o são. Dificilmente não possuem uma marca clara. Para completar, óculos também tem suas lentes coloridas e espelhadas. Relógios, correntes e pulseiras dourados finalizam o visual. Se uma palavra pode defini-lo, é brilho.

Sendo as roupas tão caras, e existindo similares falsificadas muito mais baratas, faz sentido gastar tanto dinheiro? Segundo William, um de nossos entrevistados, sim. Mesmo não sendo todos que usam roupas originais, há um prazer em comprar a original e dizer “isso aqui é caro! Isso aqui custa o seu celular!” (ver Anexo II, Entrevista com William).

A ostentação não se resume às roupas. Celulares das novas gerações são atrativos e vivem em constante exibição. Além deles, as bebidas não têm o intuito somente de embriagar, ou serem degustadas. Em vez das tradicionais bebidas baratas de alto teor alcoólico, no baile funk se gasta muito para beber e há um prazer em “fechar com os amigos uma garrafa de Red”, referindo-se ao whisky Red Label, que na festa custa 180 reais. “Se o menino tiver com um combo de Catuaba e chamar uma menina pra beber, ela vai... tá, ela vai, porque ela vai beber, agora, se um chamar ela e tiver com um combo de Red ou de Black Label, filho, ela vai preferir o cara com o combo de red”, afirmou Danielle, outra de nossas entrevistadas. (ver Anexo II, Entrevista com Danielle)

⁵ Ver “Ai Meu Deus, Como é Bom ser Vida Loka”, MC Rodolfinho, em Anexos IV.

Pelo visual ser tão chamativo, pelo prazer de comprar e mostrar que comprou, pela ostentação englobar acessórios e bebidas, concluimos que o estilo de vida do funk ostentação se configura como prática distintiva para os frequentadores.

Ostentação como estilo de vida

É difícil afirmar que existe uma relação de determinação direta entre funk ostentação e a parcela emergente da classe trabalhadora. Contudo, é notável o fato de que, quando se consolida essa nova parcela em novos padrões de consumo, o consumo seja enaltecido por um fenômeno cultural cujos participantes são membros dessa parcela e reconhecem a ascensão social. Sendo assim, para fazer caminhar a ciência normal, utilizaremos, como arcabouço teórico, as categorias bourdieianas de *espaço social*, *habitus*, e *estilo de vida*, e a partir delas faremos a análise.

O espaço social poderia ser definido como uma construção abstrata a partir da qual seria possível analisar os pontos dos quais os agentes enxergam o mundo social. *Habitus* seria uma essência geradora de práticas que são objetivamente classificáveis e o sistema de classificação dessas práticas. A partir da relação entre a capacidade de produzir práticas classificáveis e definir o gosto sobre essas práticas, que constituem as duas dimensões pelas quais se constitui o *habitus*, é que se define o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2007. p. 162).

A relação entre a condição econômica e social e as características distintivas associadas à posição ocupada no espaço pelos diferentes estilos de vida não se torna compreensível, a não ser pelo *habitus* como meio de justificar práticas e julgamentos. As ações dos indivíduos são expressão do *habitus* de classe. O caráter sistemático das práticas de classificação e distinção encontra-se no cotidiano dos indivíduos, como no vestuário, alimentação e distrações culturais. O gosto, que é a disposição para apropriação e classificação de determinadas práticas, é “a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida”, e é o que transforma coisas em sinais distintivos (BOURDIEU, 2007. p. 165).

Considerando que as posições no espaço social são definidos pela composição de capital econômico e cultural, podemos afirmar que os indivíduos pesquisados podem ser enquadrados dentro do mesmo grupo no espaço social, tanto pelas características econômicas, quanto pelas socioculturais, o que pode ser constatado por diversos elementos, como a escolaridade semelhante dos pais dos indivíduos, assim como a dos informantes; e condições materiais próximas, tanto no presente momento, como no período de dez anos atrás.

O estilo de vida próprio do funk ostentação revela um gosto que engendra uma mesma intenção expressiva partilhada pelos indivíduos que o compõe. A uniformidade dos julgamentos sobre elementos que são importantes à aparência, mostra um mesmo *habitus* correspondente ao grupo que resulta nas mesmas práticas de classificação. Isso se evidenciou na repetição das marcas citadas, na forma de se vestir, nos sonhos de consumo – que, em geral, incluíam carros e motos –, na classificação dos pesquisadores como “roqueiros” e em diversos outros elementos.

Considerando as classes e suas posições no espaço social, classes com mais capital econômico ou cultural têm maior poder para impor seu *habitus*, e, por tanto, seu estilo de vida como legítimo. Identificamos, assim, o gosto do público do funk ostentação, que inclui artigos de grife e objetos de luxo, como resultado da imposição

desse consumo como legítimo. Essa afirmação foi evidenciada na entrevista do DJ Everton, indagado sobre o porque do gosto por marcas, ele disse: “É um sonho de criança né... sempre... vê o *patrão* passar e pensa “nossa, um dia eu vou ter um carro desse””. Assim, o estilo de vida do funk, é resultado da incorporação de novos padrões de consumo, aliado ao desejo possuir um estilo imposto como legítimo.

Uma hipótese surgida ao longo das conversas no campo corrobora a teoria bourdiesiana da imposição do habitus legítimo pelas classes de maior capital. Alguns informantes disseram que o preconceito com o funk diminui nos últimos anos. Indagado sobre sofrer preconceito hoje, DJ Everton diz: “Hoje não. Tem cara que tem. Mas não tanto que nem antes”. Indagado sobre a razão da mudança, ele confirmou nossa hipótese: “Mudou por causa do estilo de vida. Muita gente que vem no funk tem seu carro próprio, sua casa própria, antigamente não tinha. O pessoal das antiga, quem era do funk era favelado, era nóia, era bandido, hoje não. Hoje já mudou”. Assim, a incorporação de elementos impostos como legítimos trouxe legitimidade ao público do funk.

Parte IV - Anexos

Anexo I - Diários de Campo

DIA I (30 nov. 2014)

Descobrimos o local onde acontecem as festas através da Heloise, conhecida de uma das integrantes do grupo que mora em Francisco Morato. Heloise disse que nos levaria à festa como VIPs, pois é amiga do Jhow, filho do Eddy, dono da chácara. Contudo, ela não se manifestou na véspera nem no dia da festa; não atendeu nossas ligações, nem respondeu nossas mensagens.

De qualquer maneira, nós havíamos comprado os ingressos antecipados (R\$10,00 mulher e R\$15,00 homem), e fomos para a festa mesmo sem a Heloise.

A festa estava marcada para as 13 horas. Chegamos ao meio dia e não havia ninguém no local além dos organizadores. Falamos com um deles sobre nosso trabalho e pedimos para falar com o Jhow. O rapaz nos deixou entrar, mas avisou que o Jhow estava dormindo. Foi aí que descobrimos que o Eddy e sua família moravam na chácara, e não apenas utilizavam o ambiente para fazer as festas.

Entramos e, bastante deslocados, ficamos sentados em um banco perto da piscina, esperando o Jhow acordar e a festa começar. Ficamos observando a forma como a organização acontecia e notamos uma divisão sexual do trabalho: as meninas cuidavam da limpeza e das bebidas, enquanto os meninos montavam o palco, a iluminação e carregavam as coisas.

Quando acordou, o Jhow foi falar com a gente. Contamos a ele sobre o trabalho e ele foi bastante prestativo, disse-nos para que ficássemos à vontade. Pediu apenas para que não filmássemos, pois, durante as festas, menores de idade usam drogas lícitas e ilícitas. Concordamos e ele se retirou para resolver questões referentes à festa.

Continuamos sentados perto da piscina até às 14 horas sem saber muito bem como agir e o que fazer. Nesse período, observamos a organização da chácara em seu terreno íngreme. Na parte mais baixa, há a piscina, o palco e uma área para os

frequentadores interajam; depois, subindo um lance de escadas, há o bar, os banheiros, um espaço para as pessoas dançarem e uma área coberta, com sofás; Ao subir o próximo lance de escadas, chega-se ao camarote: a varanda da casa de Eddy e sua família. Nessa mesma altura também se encontra o estacionamento. Lá de cima tem-se uma visão total da chácara.

Às 14 horas decidimos, então, tomar uma iniciativa, e usamos como desculpa a necessidade de usar o banheiro. Dividimo-nos em dois grupos: um foi ao banheiro, e o outro ficou conversando com as pessoas que estavam trabalhando no bar. Foi aí que conhecemos o Mateus e seu amigo, ambos com idade próxima de 20 anos e membros da Equipe Bomba Funk Digital, o grupo que organiza várias festas funk em diversos locais, como aquele.

Subimos para o camarote e conversamos um bom tempo com os dois. Contamos sobre nosso trabalho e eles demonstraram interesse. Fizemos diversas perguntas informais; por exemplo, sobre o tipo de roupa que as pessoas usam nas festas funk. Eles nos responderam que as meninas usam roupas curtas e os meninos usam roupas de marca, geralmente, mas que eles não se importavam muito com isso. Perguntamos sobre os tipos de funk, e eles disseram que preferem o funk do tipo putaria, apesar de algumas letras serem pesadas. Eles, pelo nosso tipo de roupa (calça jeans, tênis e camiseta/blusa), deduziram que somos roqueiros, e perguntaram se a gente gostava de funk. Tentaram, de certa forma, se defender, pois supuseram um preconceito inerente à nossa “classe roqueira”. Talvez por isso, diziam, por exemplo, que até gostavam de funk, mas que preferiam ouvir eletrônica.

Nós queríamos ter acesso aos MCs, e perguntamos para o Mateus se era difícil falar com eles. Ele respondeu que depende, mas, na hora, chamou uma MC que também faz parte da Bomba Funk, a Bela, para conversar com a gente. Fizemos basicamente as mesmas perguntas que tínhamos feito para o Mateus e o amigo, e as respostas foram bastante parecidas. Bela disse que não ligava nem um pouco para marcas, apesar de adorar calçados da marca Melissa e estar usando um biquíni da BillaBong. Disse que também não se importava em sair com um menino que não “ostentasse”, mas, mais tarde, mostrou-nos o rapaz com quem saía: ele era um dos que mais usava as marcas estampadas em seu vestuário. Contou que seu tipo favorito de funk é o ostentação, porque o putaria tem letras de baixo nível.

Mc Bela tem 15 anos, e nos disse que, ao contrário do que pensávamos, as pessoas que frequentam aquele tipo de festa funk são bastante novas. Ela contou vários aspectos de sua vida pessoal, sempre muito simpática. Falou que os pais se separaram quando ela tinha 9 anos e que esse processo foi muito difícil para ela, levando-a à automutilação, inclusive. Ela estava há certo tempo sem cantar, pois sua mãe tinha ficado doente. Bela contou que as meninas têm muita inveja por ela ser famosa na internet: suas fotos têm muitas curtidas e sua página no Facebook tem 13 mil seguidores. Ela disse, com orgulho que sua vida é o Facebook, e que ama postar fotos. Também é promotor das festas, e faz a divulgação pelas redes sociais.

Os meninos, muito prestativos, ofereceram água e bebidas alcoólicas; aceitamos a água. Sempre chamando um pouco a atenção dos frequentadores, sentamos em umas cadeiras para comer o que havíamos levado: salada de espinafre, batatas cozidas e torradas com creme de amendoim. Nossos novos conhecidos, MC Bela e Mateus, comeram com a gente.

Depois, descemos um lance de escadas, deixando o camarote. Encontramos duas alunas de um Cursinho pré-ETEC de Francisco Morato, ambas alunas de uma das integrantes do grupo. Conversamos bastante com elas sobre as marcas, e ambas concordaram que portar roupas, tênis e bonés de marca era fundamental na paquera. Um

fato curioso é que a mãe de uma delas também havia ido à festa para tomar conta delas e controlar a ingestão de bebidas alcoólicas.

Conversamos com dois rapazes que estavam, da cabeça aos pés, usando marcas caras e famosas. Eles conversaram apenas com o integrante homem do grupo, ignorando a presença das mulheres. Um deles nos contou os preços de suas peças de roupa: boné, R\$150; bermuda, R\$200; tênis, R\$750. Ele também afirmou que usava aparelho nos dentes por estética, e não por necessidade. O outro rapaz disse que não gostava de funk e ia somente pelas mulheres.

Observamos o uso de drogas ilícitas, tais como maconha, cocaína e lança perfume; e lícitas, como cigarro e narguile e álcool (quase sempre destilados). É possível perceber que a bebida é também parte da ostentação. As bebidas são vendidas em copos ou em baldes com gelo (garrafa da bebida e garrafa de 2L de energético). Os preços são bastante altos, e as pessoas com as bebidas mais caras chamam mais a atenção dos demais frequentadores.

Preços:

	BALDE	COPO
Red Label	180,00	15,00
Black Label	220,00	20,00
Big	80,00	10,00
Smirnoff	100,00	10,00
Catuaba	50,00	7,00
Passaporte	130,00	12,00

Fomos embora às 17:30, e a festa ainda estava longe de acabar. Pegamos o contato do Eddy e da MC Bela para conversarmos sobre a próxima festa.

DIA II (21 dez. 2014)

Ao Chegarmos no campo por volta das 15 horas, fomos muito bem recebidos pelo Eddy, dono da chácara, que, muito prestativo, se pôs à disposição para ajudar no que fosse necessário. Os seguranças também nos reconheceram, e todos entramos sem convite e sem sermos revistados.

Subimos para o camarote, onde temos acesso liberado, e não encontramos nossa principal informante, Mc Bela, apesar de ela ter nos enviado uma mensagem dizendo que chegaria na chácara às 10 horas da manhã.

Fomos, então, conversar com outro conhecido, o Mateus, que, assim como a Bela, faz parte da Equipe Bomba Funk Digital. Perguntamos quem eram todas aquelas meninas vestindo blusas pretas, e ele nos disse que elas são promoters das festas funk. Fomos apresentados como “o pessoal da faculdade” a duas delas, Luana e Danielle

Conversamos um bom tempo com elas e com duas de suas amigas. Elas nos explicaram que uma promoter deve divulgar as festas no Facebook, pedir os contatos dos MCs e DJs e conseguir shows para eles, chegar cedo nas festas para organizar cada detalhe. Luana contou que elas trabalham demais, ainda que algumas sejam folgadas e não ajudem, mas que gostam muito do que fazem. Elas têm, ainda, acesso livre ao camarote e às bebidas (algum destilado com energético), e isso aparenta ser símbolo de status, de diferenciação. Muitas meninas, segundo elas, almejam o cargo de promoter, mas para conseguir têm que trabalhar bastante, e não são todos que estão dispostos a

isso. Nessa equipe, apenas meninas são promoters. Ao perguntar o por quê disso, elas explicam que assim atraem mais meninos para as festas e, dessa forma, têm maior lucro. Além disso, elas enaltecem os MCs mais famosos e, frequentemente, os mais bonitos: gritam, correm para pedir fotos e autógrafos e até choram quando eles aparecem nas festas para cantar. Tudo isso, segundo elas, “porque eles podem”.

Luana e Daniele nos explicam a diferença entre as festas fechadas, como aquela, e as abertas, os fluxos, que acontecem em locais públicos. Nas últimas, que são de graça, cada um leva sua bebida, e às vezes a polícia aparece, dando tiros de borracha “sem dó”. Contam que, diversas vezes, tiveram que correr para fugir dos tiros, morrendo de medo. Mas as festas fechadas, segundo elas, são muito mais tranquilas, têm seguranças no local que colocam para fora aqueles que brigam e têm atitudes agressivas, especialmente quando estão bêbados.

Ao puxarmos o assunto das vestimentas, elas não hesitam em descrever o que geralmente usam os frequentadores das festas funk. As meninas, assim como elas mesmas, usam shorts curto (melhor para dançar), blusinhas e calçados baixos, muitas vezes da marca Melissa. Também aderem ao cabelo liso. Os meninos usam correntes no pescoço, bonés, óculos Juliet, tênis, camisetas, bermudas e meias até as canelas. Tudo isso é melhor visto se for de alguma marca famosa, com o símbolo bem grande. Os meninos, portanto, ostentam mais que as meninas e, pelo que observamos, para chamar a atenção delas. Outro fato frequente e interessante são as camisetas, cuecas, bermudas e meias “da erva”, com desenhos de folhas de maconha. Alguns meninos também colocam aparelhos ortodônticos apenas para a estética, e eles tendem a ser bastante coloridos, fluorescentes.

Marcas mais comentadas das roupas masculinas:

- Bonés: New Era, Ripcurl, Quicksilver, Oakley, Nike, John John;
- Camisetas: Lacoste, Abercrombie, Holister, Aeropostale, Quicksilver, Hurley, Oakley, Nike, Adidas, times de futebol nacionais e estrangeiros, maconha;
- Bermudas: Cyclone, Quicksilver, Ripcurl, maconha;
- Tênis: Asics, Nike, Adidas, Puma, Mizuno, Osklen, Calvin Klein;

Em relação às músicas, percebe-se que o funk ostentação está em baixa, e os funks mais tocados nas festas são os do tipo “putaria”. Entretanto, tal fato ocorre apenas em relação às músicas, não em relação à indumentária.

Segundo as promoters, o funk parece ter ganhado legitimidade e não sofre mais tanto preconceito quanto antes, pois agora aparece em novelas e programas de TV, mesmo que da forma censurada. Antes as músicas possuíam duplo sentido, mas hoje é descarado. Adaptam, todavia, para a TV.

Os MCs, geralmente, são tratados como superiores pelos frequentadores das festas e pelas promoters, que fazem fila para falar com eles.

Apesar das músicas possuírem conteúdo sexualmente explícito e as meninas dançarem simulando o ato sexual, não vimos quase nenhum casal que se formara na festa. Além disso, não presenciamos nenhum casal que não fosse cis-heteronormativo.

Às 20:30, quando estávamos indo embora, presenciamos uma curiosa cena: meninos e meninas dançando uns para os outros, mas sem contato físico, separados pela piscina.

DIA III (01 fev. 2015)

Eram 14h40 quando chegamos na Chácara do Eddy. O som já estava alto e havia, como de costume, um grupo de pessoas ainda para fora da festa, talvez por não poderem entrar com bebidas, talvez por estarem sem ingressos. Pareciam, de qualquer

modo, esperar algum aval que os permitisse entrar na festa. Nós, no entanto, mais uma vez não tivemos dificuldade alguma para entrar. Bastou conversar com os seguranças e explicar-lhes que estávamos lá para fazermos um trabalho que nossa entrada foi permitida (não antes, porém, de os seguranças nos pedirem um minuto para conversarem com o Eddy). Duas seguranças iniciaram a revista de uma das integrantes do grupo, mas rapidamente lhes foi dito que “eles, não precisa, pode deixar passar”. Passamos.

O ritual inicial foi o mesmo das outras vezes: marchamos em direção ao camarote, onde ficamos por pelo menos 1 hora. O camarote, que fica no nível mais superior da chácara, nos permitia melhor visualização da festa como um todo, e passamos os momentos iniciais buscando por algo interessante que não havíamos percebido nos demais campos.

A primeira percepção veio logo. Já havíamos, lógico, percebido que estava absolutamente claro que não pertencíamos àquele lugar. Em todos os campos, era evidente que todos nos olhavam com curiosidade, percebendo que éramos de fora e que estávamos ali por motivos distintos dos deles. Não éramos funkeiros; éramos, como ouvimos por diversas vezes, “roqueiros” – ou, então, “os da faculdade”. Nesse último campo, no entanto, isso se tornou mais evidente por dois motivos: na primeira vez que fomos à Chácara, chegamos cedo demais, e subimos ao camarote antes que a movimentação de fato houvesse começado. No segundo campo, chegamos já em meio à festa, mas subimos ao camarote por um caminho alternativo, afastado de onde estavam os frequentadores. Foi somente nessa última vez que chegamos já durante a festa e subimos em meio a todos, e foi principalmente aí que percebemos a quantidade de olhares curiosos e desconfiados em cima de nós. Pouco tempo depois, já no camarote, reparamos, inclusive, que parecíamos também afastar as pessoas. Em dado momento, nos reunimos em um canto geralmente movimentado e começamos a conversar e comentar nossas percepções até o momento. Passados alguns instantes, reparamos que já não havia mais ninguém lá, e decidimos testar: voltamos à área menos movimentada, continuamos um tempo apenas observando a festa e, poucos minutos depois, lá estava aquele mesmo canto, novamente movimentado.

Por esse motivo, também decidimos guardar os caderninhos de anotações que por cinco ou dez minutos estiveram em nossas mãos. Chegamos à conclusão de que apenas por estarmos de calças jeans já éramos bastante diferentes, e os caderninhos fariam apenas aumentar essa barreira existente entre nós e os frequentadores do baile. Assim, se houvesse algo muito importante para anotarmos, decidimos que seria melhor se usássemos os celulares.

Durante esse período inicial, reparamos também que, para além da marca, as cores também pareciam importantes. Como nos ficou claro desde o início, há de se chamar atenção, e para isso, não raro víamos um tênis, não apenas caro, mas também extremamente colorido, ou então com uma única cor forte, vibrante, bastante chamativa. Com os óculos se passava o mesmo. Mesmo que não fossem necessários, a maioria dos homens os trazia na testa, sem vesti-los, e, com raríssimas exceções, eram todos espelhados. Ademais, as correntes, os anéis e os relógios, todos dourados e enormes, completavam o quadro, que resultava em um homem, em última instância, colorido e brilhante.

Também deixamos o último campo com uma impressão que julgamos interessante e que nos parece acertada, ainda que não nos sintamos à vontade para afirmar com propriedade que isso de fato ocorre. Acontece que, no início da festa, as pessoas se organizam de determinado modo no espaço – espaço esse que se constitui em três níveis, sendo eles o camarote (nível mais superior), um nível intermediário, onde

estão localizados o bar e os banheiros, e o mais inferior, com o palco e uma pequena piscina. No camarote, ficam em geral as *promoters* da festa e a equipe da organização, e ainda que a maioria use uniforme e, por isso, não se destaquem tanto em termos de ostentação no vestuário, eles claramente se destacam por seu *status*. Nos outros dois níveis, no entanto, parece haver uma separação informal, como que resultado de um acordo não verbalizado, onde os que ficam no nível intermediário mantêm um ar superior perante aqueles que ficam ao lado da piscina e em frente ao palco, tanto no modo de se vestirem quanto na própria postura. Todavia, reparamos nessa possibilidade já no meio da festa e, do meio para o final, uma modificação espacial aparentemente ocorre: com o decorrer das horas e com a chegada da festa ao seu ápice, mais e mais pessoas descem ao nível inferior; a piscina, até então vazia, passa finalmente a ser usada, e se há, de fato, esse reflexo do nível de ostentação dos frequentadores nos níveis espaciais da Chácara, já não é mais possível identificá-lo. Tentando forçar a memória para lembrarmos os outros campos, no entanto, ficamos mesmo com essa impressão. Tanto que, quando procurávamos possíveis entrevistados para contarmos depois (e decidimos procurar por aqueles que melhor ilustravam o que é a ostentação), os mais interessantes nos pareciam estar, em geral, no camarote e no segundo nível.

Ainda que tivessem tocado poucas músicas de teor ostentativo (como aliás ocorrera nos demais campos), a ostentação sempre esteve bastante presente – e nem sempre isso se limitava apenas ao vestuário. Dessa vez, por exemplo, havia no camarote um grupo de meninos e meninas, todos em volta de um *combo* de Red Label (que consiste em uma garrafa de Red Label e um energético genérico por 150 reais) e ao lado de três carros bastante chamativos: um Jipe e um Buggy amarelos e um Gol (ou qualquer outro carro popular), com um potente som no porta-malas. A partir de dado momento, o som foi ligado, e a música, altíssima, passou a disputar com o funk que vinha do palco. Até o momento em que ficamos na festa, a situação não mudou, mesmo após a organização ter pedido a eles que parassem a música; eram os dois funks, o do carro e o do palco, tocando simultaneamente e no mesmo volume. Outra situação recorrente que também evidenciava a presença da ostentação ali era o som de motos. Não raro, tínhamos de interromper conversas quando alguns frequentadores produziam altíssimos sons com suas motos, impossibilitando que ouvíssemos uns aos outros.

Findo o período de uma observação não-participante, optamos por conversar um pouco com os frequentadores. Conhecíamos já um dos organizadores, Mateus, e, em parte aproveitando que ele estava por perto, em parte adiando o constrangimento de irmos falar com desconhecidos, decidimos conversar com ele primeiro.

Fomos, então, para os pisos inferiores, procurando estabelecer algum contato com os frequentadores em geral. Como nos demais campos todas as conversas que tivemos foram mediadas por algum informante, ficamos um pouco apreensivos, sem saber ao certo como iniciar uma conversação. Ao final, nossa tentativa foi pífia. Os olhares eram desconfiados, as conversas não fluíam, o desconforto era evidente. Acabamos, então, por voltar a conversar com o Mateus, pedindo-lhe que nos indicasse ou nos apresentasse alguém. E, de fato, a situação melhorou bastante. Por cerca de quarenta minutos conversamos com alguns homens – um DJ, um empresário e um organizador de eventos.

Eles nos explicaram como se organiza uma festa funk: alugam o local (aquela chácara, por exemplo, havia sido alugada por R\$2000,00), contratam os MCs, DJs e seguranças (estes últimos por R\$100,00 o dia, os primeiros por até R\$15000,00, como é o caso do MC Brinquedo), compram as bebidas e lucram bastante com suas revendas. Muitas vezes, quando chove, por exemplo, a equipe que organiza uma festa assume tem

prejuízo. Em outros dias de grande movimento, conseguem lucro suficiente para cobrir os gastos, pagar as promoters e ainda fazer churrascos para a equipe.

Anexos II - Entrevistas

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevista com Danielle - Realizada no dia 21/12/2014

Rafael: Seu nome é?

Danielle: Danielle.

Lígia: Você tem qual idade?

D: 19.

R: Às vezes as pessoas falam em classes sociais. À qual classe social você diria que pertence?

D: À mais humilde, porque... quem mora em Morato é humilde, então não tem como falar que eu sou classe C, sendo que eu não sou.

R: Qual foi a última série ou ano de estudo que você completou? Ou você ainda estuda?

D: Primeiro... grau.

R: Você completou a maior parte em escola pública ou privada?

D: Pública.

R: Pensando nos seus pais ou responsáveis que te criaram, até que ano sua mãe e madrasta completou?

D: A minha mãe não estudou, meu pai fez até a... 5ª série.

R: Atualmente você faz algum trabalho remunerado?

D: Não entendi.

R: Atualmente você trabalha?

D: Não.

R: Atualmente você é estudante?

D: Não.

R: Qual era a ocupação ou atividade principal do seu pai há dez anos atrás, mais ou menos?

D: Dez anos atrás? Ele trabalhava de zelador.

R: Essa foi a ocupação que ele exerceu por mais tempo?

D: Não.

R: Qual que foi?

D: Pedreiro.

R: Qual era a atividade da sua mãe há uns dez anos?

D: Há dez anos atrás ela era... faxineira.

R: Essa é a ocupação que ela exerceu por mais tempo?

D: Não, agora ela é dona dum mercadinho.

R: Somando a renda das pessoas que moram com você, considerando salários, benefícios ou aposentadorias ou qualquer outra fonte de ganho, qual você diria que é mais ou menos a renda mensal da sua família?

D: Dá... Como eu moro só com a minha mãe... como ela tem um mercadinho, a renda por mês é uns... 4 mil.

R: A sua residência atual é própria ou alugada?

D: Própria.

R: Quantas televisões tem na sua casa?
D: Duas.
R: E há dez anos atrás ela-- a sua residência era própria ou alugada?
D: Própria.
R: As televisões na sua casa são a cabo?
D: Uma é a cabo e a outra é aquelas anteninha que tem um negocinho assim.
R: E quantos telefones celulares vocês têm?
D: Dois.
R: Eles são smartphones?
D: Sim.
R: E há dez anos atrás quantos você tinha...? Quantos tinha, mais ou menos? Você tinha que usar celular?
D: Tinha uns quatro... Quando meu pai morava em casa.
R: Você considerava eles daqueles mais tecnológicos pra época ou daqueles mais simples?
D: Pra época era um dos melhores, agora pra agora... [risadinha]
R: Quantos micro-ondas tem na sua casa hoje?
D: Um.
R: E há uns dez anos, quantos tinham?
D: Nenhum. [rindo]
R: E quantos computadores hoje?
D: Um-- Nenhum.
R: Há uns dez anos você tinha algum?
D: Dois.
R: Você diria que a condição de vida melhorou-- da sua família melhorou nos últimos dez anos?
D: Sim, *muito*.
R: E você atribui isso a-- por que você acha que melhorou?
D: Porque antigamente há 10 anos atrás as coisas era mais difícil, aí agora os tempo foi passando e tudo melhorou. Porque antigamente, pra você ter um mercado, você tinha que ter muito dinheiro, aí agora não. E trabalho pra pedreiro era mais difícil, agora tá mais fácil.
R: A gente vai fazer algumas perguntas sobre funk... Que tipo de funk você prefere? Você acha que existe algum... tipo específico?
D: Não, pra mim não, pra mim ostentação depende do cantor e depende da música, se eu gostar eu vou escutar... de putaria também, tem cantor que eu não gosto, agora tem uns que....
L: Depende mais do cantor do que do estilo, assim?
D: É, depende mais do cantor.
R: E quais são seus artistas preferidos dentro do funk?
D: Mc Ruazinho, o Kauan, Mc Vassorini (?) e... O menor da VG.
R: Como que você entra em contato com o funk? Assim, é... você ouve no dia-a-dia, no celular, vê na internet, escuta no rádio...?
D: Vejo no celular, na rádio, na internet... E no final de semana tô no funk, pra escutar.
R: E que que você mais gosta nas músicas?
D: Eu gosto mais do cantor, não é praticamente da música

L: Não é a letra..?

D: Tem letra que sim... Mas tem letra, que igual, MC Pedrinho esculacha as meninas então... não é muito pela letra, é mais pelo cantor.

R: Você acha que o tipo de funk que você escuta mudou nos últimos 5 anos?

D: Mudou muito. Que antigamente, era tipo as músicas, não tinha muita putaria, agora ele fala tudo... tudo o que eles faz com a mulher entre quatro paredes eles falam no funk.

R: E fora putaria, alguma outra coisa?

D: Não. Porque tem MC que é cantor ostentação e eles não ostenta.

L: E eles sempre cantaram ostentação?

D: Sempre, igual... Aquele fulaninho assim... (?)

R: Há quantos anos ele canta ostentação?

D: O Ruanzinho ali canta ostentação, já tem uns 2 ano, mas agora ele tá fazendo putaria.

R: E quando você lembra de ter começado a ouvir funk ostentação?

D: Desde dos meus 14 anos.

R: Com que frequência você vem nas festas?

D: Todo final de semana

R: E onde são as festas que você frequenta?

D: A que eu mais frequente é aqui no Eddy. Vamo se dizer que eu moro aqui, porque depois que eu conheci aqui, as coisa mudou, porque antigamente eu ia muito em Morato, mas as festas em Morato é muita droga, é muita coisa... Aqui não, aqui é... (?)

R: E há quanto tempo você frequenta essas festas?

D: Há um ano.

R: E o que tem de legal nelas?

D: As amizade que eu faço e a consideração... de todos.

R: Você acha que tem diferença nas roupas que você vem-- que você usa pra vim no funk e nas que você usa no dia-a-dia?

D: Tem, porque... Não, porque pra mim no dia a dia quando eu to em casa eu uso shorts e aqui no funk também, agora quando eu estou trabalhando é calça, diferente do (?) que eu venho pra festa.

R: Momento fuxico: você tá saindo com alguém? Uma pessoa...?

D: [risadinha] Com um dj daqui.

R: E como é que ele costuma se vestir?

D: Que nem um.. vamo assim dizer, que nem um maloqueirinho né, porque funkeiro é maloqueiro né.

L: Descreve assim um look dele, tipo...?

D: Adidas de 1000, blusa da Hollister e short da Abercrombie.

R: Você acha que faz... ele fica mais atraente por usar essa roupa?

D: Ah, chama mais atenção, do que você ver um menino com tipo, com roupa que não é de marca... Tem menina que vai falar que chama mais atenção, pra mim tanto faz, o que importa não é a roupa, o que importa é o pensamento da pessoa.

L: Mas ele chama mais atenção no geral, assim?

D: É, porque o menino vai tá com um tênis de 1000 reais, ele vai chamar mais atenção, do que um menino que tá com um tênis daquele ali, ó [aponta pro tênis do Ruanzinho].

R: Quem tem-- esses caras que chamam mais atenção, eles pegam mais mulher?

D: Sim.

L: É? Claramente?

D: Tipo, 3 na noite, 3 no dia.
R: Você tem alguma marca de roupa favorita?
D: Pra mim não, pra mim tudo é roupa, tudo é a mesma coisa.
R: Quando você tem uma renda extra, com o quê que você gasta?
D: Eu gasto com... roupa.
[som de moto]
D: Eu adoro quando esses meninos [?], meu deus, parece que nunca viram moto. [voz irônica]
R: E que roupas que você compra, por exemplo? Alguma marca específica...
D: Não, não tem muita marca específica.
L: As mulheres que você vê, é... não importa muito a roupa pra chamar atenção?
D: Não, menino não. Tem menino que só pega menina se ela usar melissa. Só fica com ela se ela usar melissa. Pra mim tanto faz, igual, hoje tô com melissa, mas tem dia que venho pro baile de chinelo Ipanema, meu chinelo mesmo tá aí, eu só coloquei porque...
R: Qual foi o valor máximo que você já gastou em uma roupa?
D: Valor máximo... 200 reais, um shorts.
R: Por que que você comprou esse shorts?
D: Porque eu vi ele, eu achei bonito, eu chorei, implorei pro meu pai comprar e ele teve que comprar. Porque se ele não comprasse eu ia ficar muito... brava.
R: Você acha que faz diferença você vir numa festa com esse shorts do que com um shorts mais barato?
D: Não, pra mim não, mas é porque eu gostei.
L: Mas você sente que chama mais atenção se você vem com esse mais... caro?
D: É, chama atenção, chama.
R: Você tem um sonho de consumo? Alguma coisa que você queira comprar...?
D: Meu sonho de consumo? Eu quero... Eu tenho um sonho de consumo que é comprar uma 600, uma moto dessa grande. É meu sonho.
L: Por quê?
D: Mano, eu acho essa moto muito... top. Não sei porque, mas eu acho.
L: Você... dirige moto?
D: Não... Eu sei dirigir carro, agora moto nunca aprendi.
L: Mas você acha bonita essa...?
D: Eu acho bonita.
R: Você tem celular?
D: Tenho
R: Ele é smartphone?
D: É... (?) porque o meu é um lixo.
R: Você gostaria de trocar por um outro modelo?
D: Sim.
L: Por qual?
D: MotoG, ou por qualquer outro Samsung desses que saíram agora, que lançaram agora.
L: Por que que você gostaria de trocar?
D: Porque o meu não presta. Nem música pega esse daqui.
R: Você acha que chama mais atenção um celular mais caro assim, um Samsung?

D: Não, o único que faz diferença... Tem gente que chama mais atenção quando a pessoa tem um iPhone.

L: Só se for Samsung?

D: É, (?) ou Samsung... Moto G esses... (?) nada é, agora se a pessoa tiver um iPhone ela é o top da balada.

L: E o pessoal que tem iPhone, ele fica mostrando, assim?

D: Fica mostrando. “Ah, a minha capinha carrega. Ai, o meu celular baixa uma coisa que o seu não abaixa”.

R: E quais são seus planos pro futuro?

D: Então, não tenho planos pro futuro.

R: E pro próximo ano?

D: Pro próximo ano, trabalhar, tirar minha habilitação, e vamos ver se eu compro o meu carro ou minha moto, né.

R: Fora comprar a moto, você pensa em comprar alguma outra coisa?

D: Uma casa só pra mim, porque ficar morando na casa de mãe é... casa de mãe é sua, como eu sou filha única... mas eu queria ter uma casa só minha pra se caso um dia eu casar, eu ter a minha casa, não querer ter a casa da minha mãe. Que a casa da minha mãe num futuro vai ser minha, mas eu não... não penso nisso agora.

R: Você pretende continuar os estudos algum dia...?

D: Sim, ano que vem eu pretendo terminar meus estudos.

L: Fazer uma faculdade, você tem vontade?

D: Fazer uma faculdade de RH.

--

D: Pra mim chama a humildade, e se ele souber trocar ideia. Agora, pra mim ele pode tá com o melhor tênis, com a melhor roupa, mas se ele for desumilde... Tipo, aquele menino que chegou na menina e faz assim, ó, pra mim ele não presta, pra mim não vale nem meu respeito.

R: E entre dois meninos que sabem trocar uma ideia, se um deles tá bem vestido e outro não, faz alguma diferença?

D: Não.

R: Mas algum deles chama mais atenção?

D: O que vai tá mais bem vestido, não vou mentir que ele não chama mais atenção, claro que ele chama mais atenção.

L: E estar bem vestido é estar com roupa de marca, etc.?

D: Com uma corrente de prata, com tênis de 1000, com Adidas, com Mizuno, com short da Hollister, blusa da (?).

L: Isso ele vai chamar mais atenção, assim?

D: Sim.

L: E você acha que as meninas em geral acham ele mais legal por ele estar assim, tipo, por ele estar mais...?

D: Sim, muita menina vai querer olhar pra ele porque, pelo que ele usa.

L: E vai tentar se aproximar...?

D: E vai tentar se aproximar, ainda mais se ele estiver de carro ou moto, aí que elas vão tentar se aproximar. Tem menina que é assim.

L: Por que que você acha isso, assim? Por que que você acha que é tão importante?

D: Porque a menina vai querer falar pras amiga dela, “Ó, eu to pegando aquele menino, olha como ele anda, e olha, ele tem uma moto e um carro. Ele anda todo top, ele anda

todo... zica, ele é o zica da balada, ele é o desejado por todos, porque ele usa tênis de marca... roupa de marca, ele é o mais desejado de todas. E a mina vai querer sempre dar em cima dele.

R: Você acha que quando você começou a vir no funk já era assim?

D: Sempre foi assim. O que usava as melhores roupas, os que mais esnoba as menina, é os que as menina mais quer chegar perto pra falar “Aquele ali ó, esnoba aquela, aquela e aquela, mas ele tá ficando comigo”.

L: E pras meninas, o que mais chama atenção assim, é Melissa? Ou tem mais?

D: Então, pra menina,... Pro menino, é mais Melissa, Lui Lui, deixa eu ver... Menina com roupa de marca da Pranel [Planet Girls], da Hollister também.

R: E quando você começou a vir, as marcas já eram essas?

D: Então, antigamente era Pranel, e... Ai, não lembro as marca antigamente.

Pâmela: Tinha bastante Oakley antigamente também, né?

D: É então, os meninos que usava Oakley antigamente, usava (?). Hoje em dia é difícil ver um menino com Oakley, agora você olha nos pé dos menino é só Mizuno... Já foi o tempo de Oakley.

L: Era muito caro a Oakley também?

D: Muito caro. Uma blusa da Oakley (?) era 200 reais, um tênis, mais de 1000.

R: E o pessoal compra original ou é... falsificado?

D: Então, tem muitos que compra falsificado e quer falar que é original, mas a gente conhece, mas, igual eu, eu se vou numa feirinha igual a feirinha do Brás, eu vou comprar um shorts que eu gostei, não quero saber se é original ou se é Paraguai. Agora tem gente que vai falar “Nossa, aquele fulano ali tá andando com um shorts, mas o shorts dele é paraguaio.

(...)

R: Você sabe se as pessoas costumam ostentar com a bebida?

D: Costumam, se o menino tiver com um combo de Catuaba e chamar uma menina pra beber, ela vai... tá, ela vai, porque ela vai beber, agora, se um chamar ela e tiver com um combo de red ou de black label, filho, ela vai preferir o cara com o combo de red.

R: Sabe se sai muito red label aí?

D: Sai... sai bastante, mas sai mais Catuaba.

R: Porque é mais barato, né?

D: Então, acho que Catuaba é porque virou moda, não é nem porque é mais barato, porque tem baile que um combo de Catuaba é 80 reais, e aqui é 45, mas...

R: Uma garrafa de Catuaba sai 45?

D: Uma garrafa de Catuaba com um energético.

Entrevista com Luana - Realizada dia 21/12/2014

Luiza: Seu nome?

Luana: O meu é Luana.

L: Quantos anos?

Luana: 17

L: É... Quer fazer, Mari?

Mariana: Não, pod—é, é, pode... Começ—tem uma parte socioeconômica, assim né, pra gente...

Luana: Ixi, lascou. [em tom de brincadeira]

L: Não, mas fica tranquila!

M: É de boa! É... Assim, ó: A qual classe social você diria que você pertence?

Luana: Média.

M: Média? Tá. E qual foi a última série ou ano de estudo que você completou?

Luana: Terceiro. Graças a deus! [risos e comemoração]

M: E a maior parte de seus estudos foi em escola pública ou privada?

Luana: Pública. Acho que tanto porque pública e privada é a mesma coisa. Só no custo é que vai pagar. A diferença é essa.

M: E assim, pensando nos seus pais ou responsáveis que te criaram, até que ano da escola sua mãe completou?

Luana: Se eu não me engano, até a quarta série.

M: Até a quarta? E seu pai?

Luana: Também.

M: E atualmente que trabalho que você faz, renumerado?

Luana: Eu? Trabalho em telemarketing, cobrança.

M: E essa é a sua ocupação principal, agora que você terminou a escola, tudo?

Luana: É, agora vai ser. To procurando um curso pra fazer né.

M: E assim, você sabe que qual era o trabalho do seu pai há 10 anos?

Luana: Operador de máquina. Ph, fala. Retro-escavadeira, acho que é isso.

M: E foi essa a ocupação que ele teve por mais tempo?

Luana: Fazem acho que 32 anos.

[Luiza ao fundo: Nossa...]

M: E a sua mãe?

Luana: Minha mãe, acho que foi... supermercado. Ela trabalhava na área de... lanchonete.

M: E é a ocupação que ela...

Luana: Hoje ela mudou, hoje ela tá como... limpeza.

L: De supermercado mesmo?

Luana: Não, de supermercado era--- supermercado é de domingo a domingo. Esse que ela tá, não. Esse é de sábado, até sábado.

L: E é uma empresa, assim, alguma coisa?

Luana: É uma empre— a Uol. A Uol graças a Deus é muito boa.

M: E somando a sua renda, com a renda das pessoas que moram com você, considerando salário, benefício, aposentadoria, ...

Luana: Nossa...! [risos]

M: ... Ou qualquer outra forma de ganho, de quanto foi aproximadamente a renda da sua casa no mês passado.

Luana: Deixa eu somar, tem o meu...

L: É, tipo, tem umas faixas aqui, se você quiser falar...

M: Tem as faixas de renda, se você preferir...

L: Não precisa falar exatamente, sabe?

Luana: É, por causa, vamos ver. Tem... tô recebendo pensão, tem o meu salário... Tem o salário da minha mãe... Tem uma casa que ela vendeu, que a gente vai receber acho que

por 2 anos, 500 reais. Vamos colocar uns 2000, 2000 e alguma coisa. Eu vivo tudo muito bem com isso! Com 500 reais que eu recebo eu sou tão feliz!

L: Ah é, tem que ficar mesmo!

M: E a sua residência atual é própria ou alugada?

Luana: Própria. Vamos dizer que... Família, da família.

M: E há 10 anos era a mesma casa?

Luana: Não, não. Tanto porque minha mãe se separou do meu pai, a gente foi morar com a minha família. Eu não falava, nem com o meu pai eu falava. Eu voltei a falar no dia dos pais. Fiquei 2 anos sem falar com ele.

L: E antes a casa era alugada? Ou era própria?

Luana: Não, era própria. Era uma chácara.

L: Ah, tá. E agora, mas agora também...

Luana: Não, a chácara tá com o meu pai, e a minha casa, a da minha avó tá com a minha mãe. Então querendo ou não eu tenho parte na chácara todinha. Minha mãe vendeu pro meu pai pra não ter confusão, então desse que a gente tá recebendo.

L: Entendi.

M: E quantas televisões tem na sua casa?

Luana: Uma.

M: Uma? E é acabo, ou...?

Luana: Não. [pausa] Pra que essas frescuras? Muita frescura, vou pagar 50 reais a mais pra ter uns filme a mais. Coisa a mais?

M: E telefone celular, quantos você diria que tem na sua casa?

Luana: Três. [risos]

M: Três? E são quantas pessoas tem na sua casa?

Luana: Duas. Dois é meu.

M: E micro-ondas, tem?

Luana: Tem.

M: Quantos?

Luana: Um.

L: E os celulares são smartphones?

Luana: [hesitação] É, os três.

M: E computador?

Luana: Computador não. Ainda! Ainda. Tô planejando. Tô planejando ao invés do computador, um notebook, por causa disso daqui. [aponta para o celular] Que é bem mais fácil.

M: E há 10 anos atrás, assim? Tinham essas mesmas coisas na sua casa, de televisão, micro-ondas...?

Luana: Televisão, essa parte... Essa parte, televisão, sim. Agora, eu falo pra você que melhorou mais quando eu vim morar com a minha mãe. Então se eu 'tô com dinheiro, se eu tenho vontade de comer tal coisa, eu vou no supermercado, eu compro. Meu celular, eu 'tô pagando. Micro-ondas e-- Como só mora eu e minha mãe, ficou bem mais fácil agora. Então as coisas sou eu e minha mãe. Tanto que minha mãe ontem já gastou até demais com o fogão. Eu e ela-- pra quem saiu de um lugar sem nada, hoje estar o que tá, tá ótimo. Eu 'tô numa fase... graças a deus, boa.

M: Então você diria que sua condição de vida melhorou de dez anos pra cá, assim, pra você e pra sua família?

Luana: Dos dois anos pra cá, sim. [falando com intensidade]

L: Ah tá... Mas... Mas pensando dez anos?

Luana: Sim—não, sim. Porque meu pai, querendo ou não, meu pai podia ser do jeito que fosse, mas ele era, como que fala? Não faltava nada. O negócio de comida, assim, que meu pai era só frescurento nessas parte. Celular: nossa, ele tinha uma atração, não sei porque celular! O negócio dele era desse jeito.

M: E agora... Acabou a parte socioeconômica.

L: Agora é sobre o funk.

Luana: Ah, esse..!

L: [risos] Agora, mais fácil.

M: Que tipo de funk você prefere, assim? Quais os seus favoritos?

Luana: Os dois! [pausa] Os dois. Todo mundo faz a mesma coisa! Os dois, eu gosto dos dois.

M: Os dois? Quais?

Luana: Tem a putaria... Tem a ostentação, que a ostentação não tá nem muito sucesso, né. O que tá em sucesso agora é a putaria.

M: E como que você entra em contato, assim, como que você escuta o funk?

Luana: Baixando no whatsapp! Tanto que no nosso grupo, vira-e-mexe... Lançou hoje, hoje já tem a música. Um viu que lançou então já vai baixando e já vai mandando, e aí a música vai...

L: E quais são os seus artistas favoritos? No funk?

Luana: No funk? Meu Palhaço [risos]. Meu Palhaço Tenebroso, esse eu *piro*! Outro que vai vir aqui é o Menor da VG. Nem gostava dele, não sei o que eu gosto. Mas ele... Ele é super humilde, é um amor de pessoa. Um também que eu conheci faz pouco tempo é o Hollywood. Foi nesse dia que eu fui trabalhar virada porque eu fui conhecer ele. Fiquei no camarim com ele conversando como se fosse amiga. Tem MC que você querendo ou não, a produtora te dá uma liberdade. É como eu falei pra você, você sabendo diferenciar, se fosse uma fã louca, não ia fazer, não tem, não ia ter isso. É o negócio de saber separar.

L: E o que que você mais gosta das músicas? Nas músicas?

Luana: Ach... A batida. Não é nem a letra, as letra do ostentação, você fica cantando e... mas é as batida. As batida, você pode... você tá lá no trem, escutando, e o seu dedo tá assim ó. Você não pode dançar, mas seu dedo tá assim.

L: E você acha que o tipo de funk que você escuta hoje mudou nos últimos 5 anos?

Luana: Mudou. Antes não tinha aquela putar—tinha putaria, vamos dizer assim, no duplo sentido. Cada um interpretava da forma que quiser. Tanto que tem uma entrevista do Livinho que ele fala: o sertanejo, ele mostra por cima, ele fala o que vai acontecer e pá, e muda a letra. Nós não! O MC Livinho mesmo falou numa entrevista. Nós não, nós já fala o que vai acontecer e como que vai. [inaudível, 7:19]

L: É descarado o negócio?

Luana: Já vai!

M: Mas isso era 5 anos atrás pra você, ou isso é hoje?

Luana: Hoje.

M: E como que, assim, 5 anos, que você acha?

Luana: Era duplo sentido.

L: E sobre a ostentação, o funk ostentação. Tinha, você acha, 5 anos atrás? Ou agora que tá mais?

M: Agora bomba mais... como que você acha que tá?

Luana: Querendo ou não, *bombava* né, porque agora o funk ostentação, ele tá saindo um pouco. Acho que o único que continua é o DR. O DR qualquer coisa que ele lançar, tem. Igual eu falei pra você, dos MC que lança uma música. Tem alguns de ostentação que lança, parou naquilo você nem vê mais o MC. [som alto de moto] Ó a ostentação. Essa é a ostentação, é você estar numa moto dessas.

M: Quem é esse aí, você sabe?

Luana: Esse é... Esse eu não sei. Eu só conheço um das moto aí. Esse é o tal ostentação que todo mundo fala. Muitos, você pode ver, se você for reparar pra ver essas reportagem dos MC, muitos que não tem, eles fala, vamos dizer que eles tão deduzindo uma coisa que eles queria ter. É uma coisa que o quê?, que eles queria ter. Então nem sempre eles tem, demonstra ter, é o que eles queria ter.

L: E com que frequência você vai às festas?

Luana: Quase, *quase* todo fim de semana. Eu dou uma paradinha... fim-de-semana passado eu ‘tava descansando. [risos] Pra ficar com a família né, que também tem que ser esse negócio.

M: E assim, final de semana... sexta, sábado e domingo, ou...?

Luana: Tem meio que dependendo também, às vez pega sexta, sábado e domingo e vai. Virada... Com a cara parecendo—com aquela cara de sono, né?

L: E onde são as festas que você frequenta? Geralmente?

Luana: Aqui no Eddy. Antes eu frequentava só na cidade, agora eu tô indo pra mais longe. A gente foi em uma em Guarujá, Jundiáí...

L: Olha só!

Mariana: E aí vocês saem daqui e vão até o Guarujá pra festa?

Luana: [inaudível, 9:17]

L: E aí vocês vão de ônibus?

Luana: Dependendo, a gente vai de carro, de ônibus... Tem que ser uma pessoa igual a nós. Tipo, dá a louca, a gente vai. Pro Guarujá a gente foi do nada. Vamos pro Guarujá? Vamos! Um que eu quero ir, que eu vou é no Império da Casa Verde, esse eu vou. É as pretensões pro ano que vem.

L: E o que que você curte nas festas, assim?

Luana: Não sei, isso é uma coisa que eu não sei, porque o meu prazer é de me divertir.

L: Mas como que você se diverte, assim?

Luana: Pulando, mex—conversando com todo mundo. Se você já tem-- igual, quando você conhece bastante gente, a gente conversa... e aí vai.

L: E você acha que tem diferença a roupa que você usa aqui e a roupa que você usa no dia a dia?

Luana: Tem. [com intensidade, risos] Eu trabalho é... como assessoria pré-jurídica, então semana qu--, durante a semana, tem que puxar pra social, aquela coisa a mais... Tanto que eu vou trabalhar sem maquiagem nenhuma! Por exemplo, teve festa na empresa sexta-feira. Eu fui de short, fui de salto, povoo olhou pra mim e falei “gente, isso aqui sou eu de fim de semana!” É isso que eu sou durante sem...

M: E assim, tipo... [pausa, som de motos] Hoje você tá assim com a camiseta de promoter. Como que você se veste quando vai só pra curtir mesmo?

Luana: Geralmente, de short, ainda mais quando tá calor. Se tiver frio, a gente, é claro que a gente vai colocar uma calça, né. Eu não vou passar frio só por causa de uma festa. Mas eu me visto com regata, geralmente eu uso blusa aberta. A última que eu vim do Livinho, tava com uma blusa que é toda aberta aqui do lado! Ela vinha aberta até aqui. Mas vamos dizer, a roupa não faz meu caráter.

L: E assim, o que que te atrai numa pessoa?

Luana: Ixi, tem tanta coisa... [risos]

L: Mas assim, do jeito que ela se veste...?

Luana: Do jeito que ela é. Eu não vou [?] o negócio que se veste. Igual, um...doido daqui pode estar com a camisa da maconha... Com a meia na canela, que é ridículo, tudo bem né, cada um vai com seu gosto, e ele tem uma conversa que você conversa e fica “han??” Mas mano, não posso falar nada que eu sou toda colorida né, cabelo preto embaixo, loiro em cima e vai né...

L: Mas tipo assim, que tipo de roupa você acha legal num cara? Num cara que tá aqui?

M: Alguém que chama sua atenção.

L: É, que você acha gato, assim, pela roupa, pelo jeito que ele se veste, tal?

M: Só vendo a pessoa, sem conversar com ela.

Luana: Tem uns que querendo ou não, você já dá aquela visualizada né...

Luiza e Mariana: É, é. Exatamente!

M: Primeiro filtro, ali...[?]

Luana: A roupa assim, vários tipos, vamos dizer que me chama atenção. Você chega, e já fica assim... (sinal de aprovação) Aí vai puxando... daí no final você sempre acaba conversando. Às vezes não é assim né. Aí negócio, você vai pra festa num... igual com o meu professor de bioética, o antes da festa é melhor que a festa. Porque antes você cria uma expectativa. Nossa, vai acontecer isso, vai ter tal... Acaba não acontecendo. Aí dá uma frustração, você vai embora triste.

L: E você tem alguma marca de roupa favorita?

Luana: Não. Eu tô meio que... Ah, gostando... é o que importa, eu não tinha esse negócio de Melissa, aí todo mundo “ai, Melissa”, meu filho comprar uma pra testar, machucou tudo o meu pé. Agora que ela tá... ela tá sossegada. Mas eu não tinha esse negócio. Eu meio que, “ah, tá bom...”. Gostei, tá ótima!

L: E quando você tem uma renda extra, com o que que você gasta?

Luana: Cabelo.

L: E o que que você faz com o cabelo?

Luana: Isso aqui, ó! Deixo cinza... Meu cabelo era loiro dourado, aí eu deixei ele cinza – tava branco até semana passada – e com preto embaixo, ó. Eu faço isso! O resto eu gasto no Mc, comida. Comida, meu negócio é comida.

L: E o seu cabelo já é liso assim, ou você alisa?

Luana: Não, meu cabelo ele é liso, porém ele é muito cheio e eu não gosto. Aí tá com uma progressivinha... uma prancha, pra deixar ele... [risos]

L: E qual foi o valor máximo que você já gastou com uma roupa, com um acessório...?

Luana: Tipo, roupa eu não gastei muito não. Você sabendo o lugar que você comprar, eu comprei 3 blusas da Out por 70 reais. De marca. Acho que eu gasto mais com cabelo. Gastei 250 reais no meu cabelo. Foi minha intuição. Com o meu cabelo, pra fazer minha progressiva.

L: E você tem algum sonho de consumo?

Luana: Sonho de consumo? ...Acho que só comprando um notebook, por enquanto. Por enquanto, que meu celular já comprei, tô terminando de pagar.

L: E pensa assim, num futuro distante?

Luana: Vish... Ah, o negócio ano que vem é pegar algum curso nessa área de eventos. Eu gosto dessa área. O mesmo prazer que o Fernandinho tem de ver o povo se divertir, eu tenho. O negócio é tudo pro ano que vem, ano que vem...!

L: E quais são os seus planos pro futuro?

Luana: Me formar nessa área de eventos.

L: E você já terminou a escola esse ano...?

Luana: Terminei, graças ao bom Deus! [Risos]

L: E você pretende fazer uma faculdade?

Luana: Nessa área de eventos. Porque não dá... acho que, querendo ou não, pra conciliar escola com isso aqui, demora. Demora. Dá uma bagunçada. Gente que, ó, fui trabalhar virada... Tem negócio—dorme, você tá morrendo... Tem negócio que é difícil conciliar. Tem muitos aqui que perdeu por não saber conciliar isso.

L: E você falou que fez curso de Enfermagem?

Luana: Fiz Enfermagem, é.

L: Tipo... escola técnica?

Luana: Fiz escola técnica. Eu fiz só o auxiliar, quando chegou no... técnico eu parei, porque eu não aguentava mais ficar em casa. E eu já trabalhava. Nessa empresa que eu tô hoje, eu já trabalhei. E eu voltei, porque eu falei assim, não, eu fui tentar uma coisa, não deu certo, essa não é a minha área, eu saí. O produtor do [?] me falou, você é louca, porque você faz um pouquinho de cada coisa. Decide onde você vai ficar. Falei, é nessa que eu quero, é eventos. É essa área de eventos.

M: E assim, porque que você é promotor? Qual a diferença entre ser promotor ou tipo, só ir na festa, colar em todas, assim?

Luana: Promoter você, querendo ou não, você tem mais liberdade. Vamos dizer assim, que a gente sabe administrar a liberdade que a gente tem. Muitas vezes [?]. A gente tem uma certa liberdade. As meninas tudo vem atrás de nós às vezes pra maioria das coisas. Só que eu falei pra elas, eu só faço isso por quê?, porque ele me dá liberdade. Ele me deu liberdade, então eu aplico, então gostar, gostou... o dono da festa, gostar, gostou, se não gostar... (sinal de “tanto faz”) Não vai resultar em nada. Às vezes tem alguém querendo derrubar o outro, mas eu sou porque eu gosto. Pessoal sabe, vira-e-mexe eu falo, gente eu sou, eu bato de frete, fico acordada, a gente divulga, porque eu gosto, se eu não gostasse não estaria fazendo isso.

Entrevista com MC Ruanzinho - Realizada em 21/12/2014

Rafael: Às vezes as pessoas falam em classes sociais. À que classe social você diria que pertence?

Ruanzinho: Periferia

Ra: Qual a última série ou ano de estudo que você completou?

R: Primeiro.

Ra: Você completou a maior parte em escola pública ou privada?

R: Particular.

Ra: E pensando nos seus pais ou responsáveis, até que ano da escola sua mãe completou?

R: Terminaram.

Ra: Terminaram? Seu pai também?

R: Também, o ensino médio.

Lígia: Fizeram faculdade?

R: Não.

Ra: Atualmente, você faz algum trabalho além de ser MC?

R: Vivo do funk. Só.

Ra: Qual a atividade ou ocupação principal do seu pai há uns dez anos?

R: Como assim?

Ra: Com o quê que ele trabalhava há uns dez anos?

R: Então, ele... A minha mãe era cozinheira profissional internacional. Ela trabalha... cozinha, faz comida internacional e comida nacional. E o meu pai, ele é vendedor, trabalha com mercado externo.

Li: Há dez anos era isso também?

R: Também.

Ra: E essa foi a profissão que eles exerceram por maior parte, na vida?

R: É.

Ra: E somando a renda das pessoas que moram com você, somando salários, benefícios, aposentadoria ou qualquer outra fonte de ganho, você diria que foi quanto a renda da sua família no...

R: Antes do funk?

Ra: ... No mês passado?

R: Mês passado é assim, só moro eu e a minha mãe. Então tipo... é uma casa grande só pra mim e pra minha mãe, então não... não tem gasto, que eu compro as minhas coisas e ela compra as dela. Tendeu?

Li: E quanto que vocês ganharam mais ou menos?

R: Eu, é muito relativo, que nem... É que eu não vou trabalhar com valor que não pode divulgar, mas é muito relativo, eu ganho por show. Vai ter uma média aí de show, mil reais cada show. Então é muito relativo, mas depende.

Ra: E sua residência atual é própria ou alugada?

R: Própria.

Ra: E há uns dez anos atrás?

R: Própria, própria.

Ra: Quantas televisões tem mais ou menos...

R: Três.

Ra: ... Na sua casa?

R: Dois no quarto, uma na sala.

Ra: E elas são... A cabo ou...

R: É... A cabo, Sky.

Ra: E há uns dez anos, era isso também?

R: Não, parabólica.

Ra: Eram quantas TVs?

R: Era três também. Só modificou.

Ra: Você tem celulares?

R: Tenho.

Ra: Quantos?

R: Eu tenho um celular e um Nextel.

Ra: Eles são smartphones?

R: ...são.

Ra: Há uns dez anos, você tinha celular?

R: Eu tinha, mas era muito simples, só pra falar com a minha mãe.

Ra: E você tem micro-ondas hoje?

R: Tenho.

Ra: E há uns dez anos?

R: Dez anos, não.

Ra: E computadores, você tem quantos?

R: Dois notebook e um computador.

Ra: E há uns dez anos, você tinha quantos?

R: Só um computador simples.

Ra: E... cê diria que sua condição de vida melhorou nos últimos dez anos?

R: Assim, eu sou filho único então... Minha mãe sempre me deu de tudo, nunca deixou faltar nada, só que hoje melhorou bastante. Melhorou bastante porque eu sou maior de idade, então eu vivo do funk, hoje eu posso comprar o que eu quero, entendeu? Não sou rico, não sou... famoso, eu sou conhecido, entendeu? Todo mundo... entendeu? Hoje nós tem... vai, tamo aí na média alta... um exemplo, vai. Mas tá bom.

Ra: E de onde você tira inspiração pra escrever suas músicas?

R: É o tempo que eu fico sem fazer nada, a madrugada. Porque pelo fato de eu trabalhar de noite, na semana eu não faço nada de madrugada. Então, meu irmão canta funk, a filha do meu pai é DJ, então... Cê entendeu?

Ra: Mas de onde cê tira as ideias pras letras?

R: Depende, se eu quero, por exemplo, se eu quero cantar uma putaria, que hoje em dia é... tá tocando putaria; eu vou tirar dos bailes, porque eu curto baile. Só que eu curto um baile mais fechado, pelo fato do público, não porque eu quero, ou porque eu escolho; é porque não dá. A partir do momento que cê é uma pessoa pública, tem que se reservar o máximo possível. Mas eu tiro tipo, eu tô aqui no baile e uma mina dançando, uma mina que quer chamar atenção de um cara à força, vira... vira... é, tema de uma música.

Ostentação, o meu empresário... O meu empresário assim, ele é bem rico, sabe? Meu empresário hoje em dia, ele tem mais de 23 imóveis, então eu quero... eu tiro base dele, só que se eu quero escrever uma ostentação, eu tiro base também de onde eu morava, eu morava no Morumbi. Então eu tiro base de lá. Agora, se eu quero escrever de uma história de vida, eu tiro de onde eu moro, porque Itapevi, é tipo uma cidade mediana, mas tem favela... eu canto em favela, eu canto em quebradas ao ar livre assim, que o palco é na rua, é na favela... Entendeu?

Ra: E o que você mais gosta de ouvir?

R: Cara, eu ouço sertanejo... Pop... Eu ouço Rap... Rap eu não gosto muito. Sertanejo, pop, pagode... Samba... Eu ouço de tudo.

Ra: E tem algum artista que você acha que foi inspiração pra você?

R: ... Cara, é que eu... Eu to assim... Eu sou um pouco meio diferenciado, cê vê os MCs aqui cantando, vai ser diferente, porque eu fiz bastante aula de canto, mas assim, eu me inspiro bastante em sertanejo, pagode... É bem mais puxando pra esse lado...

Pamela: Não tem um artista específico pra você, que você diz assim "Esse artista..."

R: Antigamente eu falava pra você que eu me inspirava, mas hoje não. Artista hoje não é novidade.

Li: Antigamente era quem, assim?

R: Ah, era Rodolfinho, Dedê... Nunca foi o Guimê, mas... Poderia ter sido o Magrinho, han... Esses caras.

Li: Eles cantam que tipo de funk?

R: O Magrinho, putaria, o Dedê canta hoje swag, e o Rodolfinho ostentação. Uma ostentação meio gringa.

Ra: Você faz clipe também?

R: Faço, hoje eu tenho 3 clipe, mais de 250 mil acessos no youtube.

Ra: E como é que funciona a divulgação dos clipes e das músicas?

R: Detona funk. Detona funk é a primeira... é a empresa número um de São Paulo que divulga, que estourou todos os MCs. Aí eu uso eles.

Ra: E com que frequência você faz shows?

R: Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo... É, todo dia. Às vezes não tem terça, porque terça não tem baile, é mais pagode.

Ra: Como você conheceu seu empresário?

R: Numa festa, bêbado.

Ra: Mas alguém indicou ele pra você...?

R: Não... É que eu tenho mania, tipo, de ficar cantando quando eu tô bêbado, sabe? Aí ele viu e achou... ele era ex-cantor de black.

Ra: E ele te influencia nos cliques...?

R: É, ele é... tudo. Tudo. Maquia... ele tipo, contrata minha maquiadora, mas a produção do clipe, a produção musical é dele. Ele manja tudo. Tanto que em 6 meses eu não sou mais funk. Vai ser aquele black misturado com funk. Que não fala mal da mulher... que não fala mal... de nada. Porque hoje putaria é apologia, ostentação é apologia, mas é uma apologia mais... mais tranquila, sabe?

Ra: Na ostentação a gente costuma ouvir várias marcas né, de tênis, de camisa... Você acha que ele influencia nas marcas que aparecem nos cliques?

R: Muitos MCs são mentirosos. Muitos. São alguns que usam... Só que hoje eles usam porque a marca patrocina. Cê entendeu? Hoje... hoje não tá fácil pra ninguém ter uma roupa de marca. Tá difícil, porque tá tudo caro.

Luiza: E alguma marca de patrocina?

R: Hoje eu tenho a Stand-Up, eu tenho um... o Negro [??] Produções [??], sabe quem é? Ele é patrocinado pelo... pela New Era, então hoje ele vem com boné, hoje eu sou patrocinado por lojas, não por marcas. Tendeu? É mais ou menos assim.

Ra: E tem diferença na roupa que você usa nos dias de shows e na roupa que você usa no dia-a-dia?

R: Então, quando eu tô em casa, eu uso qualquer roupa, não importa se é chave [?], não importa que que é.

Ra: Mas quando você vai sair na rua, assim?

R: É... eu coloco um chinelo... Mas quando eu tô em show, eu prefiro usar um tênis mais baixinho. Eu faço, tipo, o conjunto. Se eu vou pro show hoje com um tênis que é baixo, então tem que colocar um shorts que é mais tranquilo, tipo Ralph Lauren, que vai combinar com a moda toda. Se eu vou fazer um show que eu vou colocar uma... Billabong, então vou colocar um Adidas de mil, um exemplo, porque é combinação... entendeu, meu empresário ele cuida de tudo porque ele... ele trabalha com marca de publicidade... ele é... imóveis, entendeu, ele tem uma empresa. Então ele influencia tudo, ele me arruma tudo.

Ra: E... no momento, você tá saindo com alguém? ... Ficando com alguém?

R: É... tô... Só um minutinho que eu vou falar com o Menor da VG. Só um minutinho.

--

R: Ele é meu irmão, tá? Ele canta funk também.

Ra: O que que te atrai numa pessoa?

R: Cê perguntou se eu tava saindo com alguém, né? É, eu tenho uma menina, que eu já fico há um bom tempo, só que eu não namoro por... É... Danos morais, um exemplo, vai. Uns danos que dá no amor mesmo, pode atrapalhar sua carreira tudo, né? Então fico com ela pra conhecer bem, sabe? A gente fica já faz uns 7 meses... Mas o que me atrai numa menina? Eu não pego menina de funk. Eu canto funk, mas eu sei que... É difícil você pegar uma menina de funk. O que me atrai numa menina é uma menina que... Quando eu me apresento como Kaique Ruan, ela vem, conversa, tipo, ou então trombo uma menina num... Trombo uma menina no... num sertanejo. Que o funk hoje tá difícil velho, vocês sabe do que eu tô falando, eu não vou falar mais coisas pra não... pra não me comprometer com nada, mas é difícil.

Ra: Mas assim, a gente também não vai divulgar nada, é só...

Li: É, a gente não divulga nome, não divulga nada, assim.

R: Tá, mas é que tem muita piranha no baile, cê entendeu? Que nem, uma coisa é eu

chegar aqui... como... É que, é difícil, uma coisa é eu falar... eu trocar uma id... uma coisa é eu não ser nada, um exemplo. Não que hoje eu sou grande coisa, mas eu tenho uma imagem mais divulgada. Se eu chegar aqui antes de eu fazer um sucesso, eu tenho música com 100 mil acessos, 200 mil, então aí, tá bom, eu pegar uma menina. Iam ser muitas meninas que iam dar não, não importa se é bonitinha ou não. Uma coisa é eu chegar com cordão, os caramba a quatro e pedir pra eu ficar com uma mina, ela vai me dá sim na cara. Cê entendeu? Então hoje povo dá muito interesse a... bens materiais do que... ao seu interior, entendeu? Ao que você tem no interior de bom pra oferecer a uma pessoa, cê entende? Então é isso. Tá difícil hoje em dia. Encontrar uma mina mesmo pra te acompanhar, te dar uma força... pra te dar uma força é... pra, meu, pra tudo, tá difícil.

Ra: E as mulheres que você costuma sair, elas costumam se vestir de algum tipo... específico, roupa parecida com funk [??]?

R: Não gosto de roupa curta.

Ra: Roupa de marca...?

R: Curta, não... Odeio menina com roupa curta, odeio menina vulgar, menina que fala palavrão, né, gíria... Não... não cola... Porque é meio feio você sair com uma menina pra um lugar, vai... Eu gosto muito de comida japonesa. Cê sai com uma menina pra... pr'um restaurante de comida japonesa, e a menina falando gíria, não tem uma postura que te agrada... Então é muito difícil pra mim... Então eu... Tem que ser uma menina mais comportada. Short curto: tá bom, cê tá ficando com uma menina há um bom tempo, aí ela começa a usar um short curto, ela tá usando com você, ela não tá usando pra se mostrar na balada, ou pra se diferenciar das outras meninas, que tão curtindo o baile, cê entendeu? Então é fogo.

Ra: Você tem alguma marca de roupa favorita?

R: Cara... Assim, hoje a maioria do povo usa roupa de marca pra se aparecer e pra virar centro das atenções. Hoje, o fato de eu ser MC, eu já sou o centro das atenções, um exemplo. Então, marca pra mim, cara, hoje, qualquer uma. Me agradando o estilo de roupa... Assim, boné pra mim tem que ser New Era. New Era, tem que ser... Ou então marca de roupa do MC Gui né, que saiu agora, eu uso bastante também... em alguns bailes, só, mas... não tem tanta frescura não, tipo... Sendo tipo, boa linha né... Primeira linha, porque eu não apoio muito tipo falso.

Ra: Mas marca de tênis, assim, uma preferida...?

R: Tênis? Ralph, Calvin... [??], Adidas, no mínimo [?] e no mínimo Mizuno. Que é os mais... tranquilo.

Ra: E camisa?

R: Camisa? New Era, Stand-Up. Tipo... Lacoste, umas marca mais... boa, sabe? Sem muito algazarra no... no bordado, entendeu? Essas coisas assim.

Ra: E você acha que chama mais atenção tá vestido assim, do que estar sem marca?

R: Meu, o que chama atenção assim é a humildade. Pode ser o MC mais famoso que chegar aqui agora, um MC que é estourado, o Guimé. Se ele não tratar os fans, todo muito com humildade, não vai dar atenção, não adianta. Hoje a simpatia é tudo pra você chegar num baile e chamar atenção de todo mundo.

Ra: E quando você tem uma renda extra você gasta no quê?

R: Roupa. É... curto ir num baile. Baile que eu falo é sertanejo... Eu ajudo a minha mãe... Minha mãe não precisa de ajuda, mas eu ajudo ela, porque ela que me criou, me dava dinheiro pra ir no baile. Isso e... Ah, essas coisas bestas, sabe? É, hoje eu tô fazendo curso de inglês, comecei há pouco tempo. Essas coisas assim mais mínimas.

Ra: E qual foi o valor máximo que você já gastou em roupa?

R: Cara, eu gastei já 7 mil. Foi uma vez que meu empresário fechou com a Transcontinental uma música, um carimbo que eu falava o nome da Transcontinental, e

aí eu investi tudo em roupa, porque tinha acabado, tipo, de sair de um... de uma vida difícil, por que vida difícil? Porque eu tava passando muito perreco, pelo fato de eu estar sofrendo pra conseguir onde eu queria. Cê entendeu? E hoje... e hoje eu peguei, cheguei nesse dia, gastei o dinheiro todo com roupa, tênis, boné, é... tudo, celular... Que eu gosto muito de celular, eu dou muito valor às coisas tecnológicas, entendeu? Demais. Essas coisas, assim...

Ra: Você tem algum sonho de consumo?

R: Meu sonho de consumo, cara. Meu, é comprar um sítio no meio do mato. Eu adoro mato. Um sítio do meio do mato e voltar a morar no Morumbi, porque hoje as condições que eu levo ainda não dá pra voltar a morar no Morumbi, entendeu, não é, que aquela época eu era sustentado, hoje eu tenho que sustentar a minha mãe. Um exemplo, que eu não posso deixar ela me sustentar.

Ra: Você acha que as letras das músicas que você canta reflete o estilo de vida?

R: Depende... Ô moço, eu vou só ver um negócio ali com o Menor da VG, eu volto aqui, eu prometo.

Ra: Falta só mais uma pergunta aqui.

R: Ah, claro.

Ra: Quais são seus planos pro futuro?

R: Cara, continuar no funk e ser um músico, não um funkeiro. Ser músico, eu falo é cantar um pop, uma música que todo mundo possa curtir, tipo, que a música possa sair no canal da Vevo, tocar nos Estados Unidos... Eu não quero ser funkeiro. Amo funk, mas eu quero ser músico. Funkeiro é diferente de músico. O funkeiro tá no funk pra ter status. O músico, ele tá na música porque ele gosta, porque ele ama a música, cê entendeu? Por isso. Esse é meu... meu sonho. Eu quero ser um...

Entrevista com MC BR da Baixada - Realizada em 21/12/2014

Rafael: A gente vai fazer algumas perguntas de caráter socioeconômico, e depois algumas perguntas sobre o funk...

Pâmela: Quantos anos você tem?

BR da Baixada: Eu tenho 25.

P: 25? Você é daqui de São Paulo mesmo?

B: Sou da Baixada Santista, do Guarujá.

[...]

R: Às vezes as pessoas falam em classes sociais. A que classe social você diria que pertence?

B: Ah, creio que assim... Vamos dizer média, vai. Não-- não tão alta, mas dá pra viver, dá pra levar.

R: Qual foi a última série ou ano de estudo que você completou?

B: A última série? Foi o... ensino médio, o ensino médio.

R: Você completou a maior parte dos seus estudos em escola pública ou privada?

B: Não entendi.

R: Você completou a maior parte dos seus estudos em escola pública ou privada?

B: Pública, pública.

R: Pensando nos seus pais, ou responsáveis que te criaram, até que ano sua mãe estudou?

B: Até que ano?
R: É.
B: Minha mãe, se eu não me engano... Até a 5ª série.
R: Quinta série? E o seu pai?
B: Meu pai... por aí também.
R: Atualmente, você faz algum trabalho além do de MC?
B: Faço... Trabalho como balconista numa loja onde vende ferragens, materiais pra casa, essas coisas.
R: E qual era a principal atividade do seu pai há uns dez anos?
B: Segurança.
R: É essa a que ele exerceu por mais tempo na vida?
B: Sim.
R: E a sua mãe?
B: Minha mãe... diarista.
R: E essa que ela exerceu por mais tempo na vida?
Lígia: Hoje eles ainda são segurança e...?
B: Não, minha mãe... Minha-- meu pai, meu pai, eu não-- não sei hoje do meu pai, realmente. Ele me deixou com 2 anos, entendeu? Eu sei muito pouco do meu pai. Já a minha mãe, minha mãe trabalha... como diarista ainda.
R: Somando a renda... a sua renda, com a renda das pessoas que moram com você, considerando salários, benefícios e aposentadoria ou qualquer outra fonte de ganho, qual foi aproximadamente a renda do seu domicílio no mês passado?
B: Olha, tipo assim [?]... Fico meio... como posso falar? Mas assim, não é tão alta, também não é baixa. É que nem eu falei, dá pra levar, dá pra viver.
Li: Cê tem alguma noção, assim? Geral, mesmo?
B: Olha, realmente, na minha casa, quem ganha mais é meu vô, que ele é aposentado pela prefeitura, entendeu? Mas mesmo assim não é isso tudo. É uma renda, vamos supor aí, de... Olha, realmente eu não tenho base de conta... Bem menos de dez mil. Acho que, assim, vamos colocar na faixa de meio a meio. Cinco mil.
R: Sua residência atual é própria ou alugada?
B: É própria. É da minha avó... eu... Eu moro com os meus avós.
R: E há uns dez anos...?
Mariana: Quantas pessoas moram com você?
B: É eu, minha vó e meu vô.
R: E há uns dez anos, era própria também?
B: Há uns dez anos era própria.
R: E quantas televisões você tem na sua casa?
B: Uma só.
R: Só? E há uns dez anos?
B: Uma só também.
L: É a cabo?
B: Não, não.
R: E... quantos celulares você tem?
B: Eu tenho dois.
R: Eles são smartphones?
B: Oi?

R: Eles são smartphones?

B: Não, não. Tsc, tsc.

L: Você trocaria o seu? Por algum outro?

B: ... Na verdade... esse sim, porque esse não tá nem pegando mais. Só tá... só, assim... só uso pra net, wi-fi, essas coisas, mas não tá pegando mais. Eu uso esse daqui mais pra ligação assim, mais pra manter contato com minha avó, com a minha família, entendeu, pra saber onde tá, onde eu tô, e tal. Que assim, querendo ou não, eu devo satisfação pra minha vó; eu tenho 25 anos, mas como ela tá idosa já, entendeu... não causar preocupação, essas coisa, ela liga, “ah, eu tô em tal lugar, vó”, entendeu?

L: E você trocaria por qual, assim? Qual você gostaria de comprar?

B: Olha, muitos falam num iPhone, mas eu não sou muito chegado não... Um pouco mais simples seria bom, assim. Mais ou menos nesse estilo aqui, um...um Sony... Alguma coisa assim, entendeu? Maior um pouquinho.

R: Você tem micro-ondas?

B: Tenho.

R: Quantos?

B: Um.

R: E há dez anos, você tinha quantos?

B: Acho que um também.

R: E computadores?

B: Computadores? Eu tenho um, mas no momento não tá pegando.

R: E há uns dez anos?

B: Tinha um.

R: Você diria que sua condição de vida melhora-- e da sua família melhorou nos últimos dez anos?

B: Creio... creio que... sim, por eu tá trabalhando... entendeu? Por eu tá trabalhando... Minha vó foi aposentada, entendeu? Ela faz o serviço por fora... Creio que melhorou... não muito, mas que melhorou... um pouco.

R: Em que aspectos você acha que melhorou?

B: Olha... tipo assim...

R: Você acha que é mais fácil comprar coisa hoje...?

B: É bem mais fácil, porque querendo ou não, tipo... hoje em dia tá mais fácil pra comprar algumas coisas, entendeu? Parcelado, crediar, essas coisas, tá cada vez mais fácil. Creio que hoje tá mais fácil sim.

R: É, a gente vai fazer algumas perguntas sobre o funk. De onde vem sua inspiração pra escrever as músicas?

B: Ah, primeiramente de Deus... Primeiramente de Deus, que eu tenho muita fé em Deus. É... tipo, de alguns MCs também que estão na mídia, que... querendo ou não, entendeu? Também... mistura um pouco de cada, eu sou eclético. Eu curto um pouco de cada música. O black também... eu gosto bastante, entendeu? Videoclipe, essas coisas. Tipo assim, eu me espelho em alguns, em alguns, entendeu? Eu me espelho em algumas coisas. Tipo assim, o funk—o funk trouxe pra mim, que nem... o Da Leste que, infelizmente não tá mais entre nós, entendeu? Ele trouxe um funk diferente, mais puxado, eu tenho uma voz puxada, entendeu? Eu me inspirei nisso. Antigamente, no funk, não tinha muita voz puxada, entendeu? Isso é o básico.

Luiza: E como é que é voz puxada? Eu não sei.

B: Ah, voz puxada, entendeu?, tipo... que não chega no funk, tipo assim, vamos se dizer.

R: Mais aguda?

B: Puxando assim, ó, eu vou cantar uma parte do-- da minha música assim. *O verão tá aí, igual nunca se viu/A mais bela top [?] você pode crer que tão a mil/E se tiver solteira, nós vai colar do lado/ Você quer ostentar no conforto da minha Suzuki, ou do meu Camaro.*

R: E como que é voz não puxada?

B: Voz não puxada? É o básico. *[canta os primeiros versos sem puxar]*

R: E tem gente que canta assim?

B: Tem.... muita gente.

R: Tem gente que faz sucesso e canta assim? Pode falar.

B: Tem, tem... Tem bastante que tá na mídia que canta assim. Mas tipo, eu não critico, entendeu? Se ele tá prosperando, é porque Deus deu aquela oportunidade pra ele, entendeu, quer pra ele, que ele prospere, que [esteja a sorte mesmo] pra mim também, entendeu? É isso aí.

R: Que que você mais gosta de ouvir?

B: Olha, eu gosto do funk, bastante. Mas o que eu curto mesmo, sempre curti, desde pequeno, foi o black... o hip-hop... entendeu? Sempre me espelhava, que nem, eu gosto... hoje em dia, o meu, o meu ídolo, assim no caso... Meu ídolo no caso é Deus. Mas assim, na Terra, eu curto muito do Chris Brown. Eu gosto muito. Porque a música dele é melody, é puxada... Eu quero trazer isso pro funk também, entendeu? É... é isso aí, eu curto muito, Chris Brown.

R: Que tipo de funk que você canta?

B: Eu canto melody, que é... tipo assim... falando bem de mulher... essas coisas... Tô caindo pra putaria também... Ostentação... Canto de tudo um pouco, só não canto muito proibidão, entendeu? Só não canto proibidão. Às vezes eu canto consciente também, falar muito... Eu gosto muito de cantar dos dilemas da vida, trazer pra realidade, entendeu? Muita gente não... não enxerga o que acontece na... na comunidade, entendeu? Muita gente de fora... entendeu? Tipo assim, pessoas que têm bastante dinheiro, não sabem o que tá passando na comunidade. Eu gosto de trazer isso pra... pra mim, entendeu? Se eu estourar um dia, [um lugar que eu quero trazer] é isso, uma coisa que eu vou falar é da minha comunidade, do que a mãe passa, do que o pai passa pelo filho que tá nas drogas... entendeu? Do que uma pessoa sonha, tá ligado? E querendo ou não, a pessoa morre ali tem um sonho, entendeu? Vem uma pessoa do nada e tira a vida de uma outra pessoa, sendo que à-- nem sabe quem era a pessoa, a pessoa às vezes tinha um sonho de ser... um MC. Entendeu? Muita gente não sabe...

Lu: E quais problemas da comunidade você se refere nas suas músicas?

B: Quais problemas?

Lu: Tipo assim, das drogas....?

B: Tipo assim, das drogas... É... criança que tá se iludindo muito com esse negócio de... querer matar, roubar, traficar... entendeu? Hoje em dia, tá difícil a criança ser-- querer ser jogador, um MC, entendeu? A criança quer o quê, quer traficar, quer roubar, entendeu? Eu quero trazer um... um bagulho que tenta mudar, entendeu? Eu não posso mudar o mundo, mas o que eu puder fazer pra tentar... Desfalcar isso, entendeu, da vida adulta, dos menores, eu vou tentar.

R: Tem algum artista que você acha que serve de inspiração, fora o Chris Brown?

B: Fora o Chris Brown? Ah, o Da Leste, que morreu... Finado também o Felipe Boladão... [?] também. Agora tem o Livinho também, que eu curto bastante, putaria. O Livinho... E... acho que é...

R: Você tem clipe?
B: Não, não...
R: Mas você pensa em fazer algum?
B: Pretendo, com certeza.
R: E que estilo que vai ser o clipe?
B: O estilo?
Lu: Como seria o clipe pra você [?]
B: Vai puxar um pouco pro Brasil e um pouco de fora. Tipo, aqueles carro, aquelas a roupa da hora... de fora... e aqui, tipo assim, o nosso clima. Eu acho, eu acho que no Brasil, o nosso clima é o melhor. Acho o clima o melhor.
Li: Que clima é esse?
B: Clima tropical, verão, todo mundo curtindo, praia... entendeu? Essas coisas.
R: Com que frequência você faz esses shows?
B: Com que frequência? Olha, realmente, eu vou-- não vou mentir. Não é o que eu espero, entendeu? Não é o que eu quero conquistar, mas eu tô indo bem, graças a Deus. Que nem, tipo assim, na quebrada já era mais difícil de eu cantar, na onde eu moro, entendeu? Eu canto mais em... tipo, roda de funk... que as pessoas da comunidade fazem, entendeu? Eu não canto muito em baile grande lá. Eu canto assim, acho que, vou falar a verdade pra você... O-os—é... baile grande mesmo, acho que foi só duas vezes. Eu considero aqui, e numa casa de show que tem lá, que é a... esqueci o nome da casa de show lá. Mas, dois assim, entendeu?
R: Você acha que é difícil conciliar o seu trabalho com o trab--- que você faz durante a semana com o trabalho de MC?
B: Como assim?
R: Cê acha que conciliar, assim, atrapalha um pouco, você fica com pouco tempo...?
B: Ah... sim, sim. Querendo ou não, tipo assim... eu trabalho num lugar, entendeu? Às vezes eu tenho que cantar, aí eu vou cantar de madrugada, num domingo, mesmo... no sábado, na sexta... Aí no outro dia eu já vou ter que trabalhar, às vezes eu nem durmo, eu vou direto, entendeu...
M: Mas você continua como MC por que você gosta, assim...?
B: Ah, porque eu amo. Porque eu amo... Porque eu aprendi de um jeito assim que, tipo, eu descobri minha voz com o tempo né. Eu não tava cantando assim, eu gostava de cantar... sei lá, música estrangeira. Fazia um... um embromation, entendeu? Não falo inglês nem nada, mas eu canto-- acompanhava o Chris Brown. Aí eu falei “pô, aqui o hip-hop não é muito forte... o black não muito forte” que aconteceu? Vou ficar com o funk, eu fiz um funk... Aí ninguém acreditou, só que ouviram minha voz, e tal, “nossa...”, querendo... querendo ou não, eu tenho o quê? Acho que um ano e algum... e um tempinho. Um ano e pouco, não tenho muito tempo de MC, entendeu? Tem MC lá na quebrada que já tem uns 6, 7 ano, e eu já tô mais avantajado entendeu, um pouco. Aí eu fui cri-- adquirindo conhecimento. Graças a Deus, Deus tá me abençoando, espero ainda que abençoe muito.
Lu: Que músicas do Chris Brown você gosta?
B: Ah, eu gosto... With You, é... No Air... é... Nossa, é muito, é muito. Eu tenho várias no celular. Tenho várias, eu curto bastante.
R: Você tem empresário?
B: Não, não, no momento não...
Lu: Você que se vira?

B: Eu me viro sozinho. É eu e meu DJ que tá ali, entendeu? Ele peg-- ele tem... querendo ou não, ele con-- conhece algumas pessoa aqui “ah, vamo cantar então pr--” “não, a gente vai”. Sai dinheiro no meu bolso, às vezes eu não recebo... direto, entendeu? Eu faço isso porque eu gosto, às vezes eu não recebo. Tipo assim, tem proposta assim, “ah, vou ganhar din... você vai ganhar dinheiro” e tal, entendeu? Só que no momento, agora, no momento agora eu vou falar a real, eu não recebi nenhum real ainda. Mas, entendeu, eu tô seguindo. Eu fico feliz do quê?, de não ganhar dinheiro, entendeu? Não é questão de ganhar dinheiro. Dinheiro, a gente precisa. A gente precisa, lógico... Só que eu gosto de ver assim, subir no palco, pessoa que não me conhece, chega assim, eu cantar, e a pessoa tá olhando pra mim fissurado. Não conhece minha música, mas sabe que... Eu sei que ela tá gostando. E se eu souber-- descer do palco, “pô, cê canta bem, cê can--”, daí é mais que o dinheiro pra mim, entendeu?

R: Como é a sua relação com o público durante os shows? Com os fans?

B: Graças a Deus, é bom... é bom.

R: Tem diferença da roupa que você usa no dia do show e no dia-a-dia?

B: Creio... que não... Creio que não... Tipo assim...

R: Quando você vai trabalhar, você vai...?

B: Não, quando eu vou trabalhar? Não, eu vou o mais simples possível. Trabalhar, essas coisas... Vou de bermudinha, de chinelo... Bonezinho, bonezinho eu não... não... [?]

Li: E pra passear, dar uma volta, assim, você vai assim, do jeito que você tá?

B: Pra passear, dar uma volta, eu gosto de me vestir bem. Se for pra um lugar assim, mais... como se diz? Pra algum lugar que eu vou sair, tiver alguma festa, alguma coisa, é assim. O resto eu vou pra, ah, eu vou pra uma pizzaria com meus amigos e tal, eu vou simples, às vezes eu coloco um tênis, uma bermudinha, um bonezinho, e assim vai.

M: E assim, hoje... hoje você veio aqui e tals. Cê falou “meu, o que que eu preciso usar”, assim? O que que eu preciso ter?

B: Ah... uma roupa bem cabulosa mesmo, uma roupa bem irada mesmo. Tipo assim, não querendo que... eu quero me achar na roupa, eu gosto me sentir bem, de me vestir bem.

M: Mas alguma coisa pra você se sentir bem, o que faz você se sentir bem?

B: É, pra eu me sentir bem, entendeu? Tipo, eu gosto de um tênis assim, tal, tipo, antes eu não usava tênis assim, alto. Aí comecei a usar depois com um tempo, uma calça... Uma camisa. Tipo, às vezes a marca não precisa ser conhecida, entendeu? Eu vi o desenho na camisa, eu gostei, eu vou comprar ela, entendeu? Não precisa ser de marca, de grife, essas coisas, entendeu? Se eu gostar, eu bater o olho e gostar, eu vou comprar, entendeu?

R: A gente pode perguntar se você tá saindo com alguém?

B: Se eu tô saindo com alguém? Olha, não vou mentir não...

R: A gente não espalha, não.

B: Mas tipo assim, namorar agora... Porque eu vim de uma relação muito complicada, entendeu? Eu não namoro, agora, mas tipo assim, eu fico com uma menina, aí saio com outra... Entendeu, e assim vai.

R: E como costumam se vestir as meninas que você sai?

B: Como é que elas costumam se vestir? Olha, não é muito diferente das meninas daqui não...

Lu: E como é que é? Assim, descreve o look.

B: Ah, um shortezinho, um tamanquinho, uma blusinha... entendeu, cabelo bem penteado...

R: Essas roupas são geralmente de marca?

B: Geralmente, sim.

Li: Quais marcas?

B: Ah, as minas gostam de Hollister, ??, Hollister, Christiane Dior é... muitas vezes eu nem reparo muito, assim, entendeu? Tipo assim, só sei que elas... são bem arrumadas.

R: E você acha que chama mais atenção uma menina assim?

B: Chama, chama... Chama mais atenção. Tipo assim, não tão vulgar, entendeu? Não tão vulgar. Se for uma mina pra ficar. Mesmo ficando, entendeu, eu não gosto de uma menina tão vulgar. Ah, tem shortinho aparecendo e tal, querendo ou não, isso daí chama atenção do homem. Mas tipo assim, se for pra ficar do meu lado, um shortinho bacana, da hora, uma blusinha, entendeu, eu não vou impedir, entendeu?

R: Você tem alguma marca de roupa favorita?

B: Marca de roupa favorita?

R: Marca de tênis?

B: Ah, marca de tênis? Adidas, Nike, e tô caindo com umas marcas aí que nem eu conheço, mas eu achei bonito as marcas, bacana, tipo, as marca dos cara de lá, entendeu? G Unity?, os cara usa muito Cronic? Também, que eu nunca usei, entendeu? Eu olhei, eu gostei, bacana...

R: Boné...?

B: Boné eu gosto bastante. New Era... eu gosto bastante da marca New Era... Nike também...

Lu: Esse daí é qual?

B: Esse daqui é um Nike. Esse... esse boné é muito antigo, esse boné é muito antigo. É uma marca que foi febre, entendeu? Eu sempre quis ter. Eu fui ter esse boné aqui no final... que tava já acabando, todo mundo já tava desgostando. Aí eu peguei, consegui, conquistei um, aí comprei outro. Comprei um azul, comprei um branco. Aí eu fui, dei de presente, o azul pra um amigo, que morava em Cubatão, aí falei “pô, todo mundo tá usando esse boné aqui”, tal, falei “pô, pega esse daí”, fiquei só com o branco. Aí ele foi e eu levei.

F: E marca de óculos?

B: Óculos? Juliette, ?? Head, Romeu... É... Gosto assim também... entendeu?

R: E marca de relógio?

B: Marca de relógio? Ah... relógio eu sou meio enjoadozinho. ??, Rolex, Quick Silver...É... Bright??

Li: Esse seu é qual?

B: Esse aqui é um Quick Silver.

R: Por que que você gosta dessas marcas?

B: Ah, porque são os que mais... tem coisas, tem mais detalhes, entendeu, mais enfeite... Eu gosto bastante.

R: E você acha que chama mais atenção?

B: Chamar chama, querendo ou não, chamar, chama, entendeu? Mas é que nem eu falei pra você, eu uso pra me sentir bem, entendeu, não pra chamar atenção dos outros. Eu uso pra me sentir bem, entendeu?

R: Você acha que tem gente que usa pra se mostrar?

B: Tem, bastante. Querendo ou não tem, entendeu? Mas, fazer o que, cada um é cada um, né? Eu uso pro meu gosto. Eu gosto de me sentir bem.

R: Uma menina que veste roupa de marca, por exemplo, você acha que ela chama mais atenção dos outros meninos?

B: Hoje em dia eu acho que não... Hoje em dia, a mulher... chama mais atenção pela parte do corpo, eu acho.

M: Você acha que ao contrário, assim, você acha que um cara chama mais atenção da mulher com uma roupa de marca, alguma coisa?

B: Aham, com certeza. Com uma roupa, um carrinho, uma motinha, chama mais atenção, entendeu?

Lu: Se o cara estiver sem, não atrai tanto as mulheres?

B: Depende, se a mulher conhecer como o cara é, entendeu, tipo assim, se eu chegar aqui...?

Lu: Não, uma pessoa que você conhece, eu tô falando.

B: Não chama, muita atenção.

M: Numa festa, assim?

B: Não chama não... O cara, pra chamar atenção hoje, infelizmente, você vale o que você tem hoje. Infelizmente, você vale o que tem... Se você tá numa balada, você tem um relóginho da hora, você tem um bagulho bacana, você tá rodeado daquelas bebida mais cara, você chama atenção da mulher, entendeu? Tem mulher que, pô, tá na dela, tem mulher que é bacana, entendeu? Mas tipo assim, eu creio que na vida é assim, entendeu? É... objetos pessoais, materiais, chamam mais atenção do que o coração, do que o cara é, entendeu, tipo assim.

R: Você tem uma renda extra? Aliás, quando você tem uma renda extra, com o que você gasta?

B: Com o que eu gasto? Tipo assim, se caso eu...

R: Sobrou uma grana assim, com o que você gasta?

B: Sobrou uma graninha... bacana, da hora? Ah, eu...tipo assim, eu dou uma parte pra minha avó, pra ela fazer umas compras, umas coisas assim... compro roupa, porque eu gosto bastante de roupa pra mim. E... Tipo, gosto de juntar com os amigos, fazer uma vaquinha e sair, beber, brincar, comer uma pizza... essas coisas.

Lu: Você tem bastante roupa?

B: Olha... no momento, tenho bastante, mas não o que eu quero e não... entendeu, tipo assim, eu tenho, eu tenho mais as roupas que eu, que eu ganhei antes, que eu tenho antes, que eu consegui antes, do que as que eu tenho agora, entendeu? Tipo assim...

Lu: Que são as mais, assim... legais, sei lá?

B: É, que são as mais assim, legais. Que eu gosto de me vestir bem, entendeu?

R: Qual foi o máximo que você já gastou numa roupa ou num acessório?

B: Olha, o máximo que eu gastei... foi num tênis de 700 reais. 700 reais... Foi um Nike branco.

R: Você tem algum sonho de consumo?

B: Tenho...

R: Um carro, uma roupa...?

B: Tenho... Tenho bastante. Carro, roupa, casa...

M: Conta um, assim, específico pra gente.

Lu: É, qual carro, qual roupa?

B: Ah, um carro, um carro... Se eu tivesse um dinheiro bacana, um dinheiro bom... Olha, tem muitos carro... valor alto mesmo.

Li: Tipo qual, assim?

B: Mas tipo, se eu tivesse, como assim, uma vida... não tão rica, né, uma vida boa assim. Ah, eu gostaria de lançar um... um Punto, um Fiat Bravo... um... quer ver também... um Cruise?? Também, sei lá, uns carro bacana?? Agora, se eu tivesse um dinheiro a mais, eu gosto de lançar carro mesmo, nave mesmo.

Li: Você falou que... tem muita roupa, mas não as que você quer?

B: É, tipo assim. Eu, eu gosto das roupa, entendeu, só que às vez, cê usa uma... Eu gosto de usar uma roupa de cada dia, entendeu? Tipo assim, eu usei essa roupa hoje, amanhã eu gosto de usar outra roupa, entendeu? Tipo assim, eu não tenho isso tudo pra usar uma de cada vez, entendeu? Mas assim, eu pretendo atingir esses objetivos.

R: Você diria que as letras das músicas que você canta refletem seu estilo de vida?

B: Reflete, bastante. Eu trago... bastante coisas da minha vida e coloco na música. Às vezes não pode ser a música toda que é sobre minha vida, mas alguma coisa que já aconteceram comigo, tem na música, tem que ter na música.

R: As letras que você canta, costumam ter muita marca?

B: Creio que sim, creio que sim... Principalmente ostentação, tem que ter né.

R: E são marcas que você costuma usar?

B: No momento, algumas, poucas... Não muito. Roupas de grife, essas coisas assim... Eu to começando a buscar agora, entendeu?

R: E quais são os seus planos pro futuro?

B: Meus planos? Ter uma casa boa, dar uma casa boa pra minha avó, pra minha mãe... É... ser bem de vida, bem estruturado. Se eu tiver um filho também, entendeu, dar uma boa condição pro meu filho...

R: E você pensa em continuar no funk?

B: Creio que sim. O funk já me deu muita felicidade, querendo ou não, nesse pouco tempo... Bati muita cabeça, e tal mas querendo ou não... a felicidade substituiu aquilo, entendeu?

Entrevista com Wellington - Realizada em 01/02/2015

Rafael: Quantos anos você tem?

Wellington: 15, não 16.

R: E como você se chama?

W: Wellington

R: Você mora aqui em Franco?

W: Não, moro em Caieras

R: Às vezes as pessoas falam em classes sociais. A qual classe social você diria que pertence?

W: Como assim?

R: Hmm, por exemplo, tem gente que se diz da elite, classe A, B, tem gente que diz que é do povo, classe média...

W: Ah classe A né

R: Qual foi a última série ou ano de estudo que você completou?

W: Primeiro ano, tô estudando ainda.

R: Você completou a maior parte de seus estudos em escola pública ou privada?

W: Pública

R: Pensando nos seus pais ou responsáveis que te criaram, até que ano da escola sua mãe/madrasta completou?

W: Terceira

R: E o seu pai?

W: Maior parte foi segundo

R: Do Ensino Médio?

W: Sim

R: Atualmente você faz algum trabalho remunerado?

W: Eu canto

R: E qual ocupação ou atividade do seu pai?

W: Ele é aposentado

R: E há 10 anos?

W: Ele era chefe de firma plástica

R: E a sua mãe há uns 10 anos?

W: A mesma coisa, os dois.

R: E hoje?

W: Hoje ela também tá aposentada

R: Essa foi a ocupação que eles exerceram por mais tempo?

W: Foi

R: Somando a sua renda, com a das pessoas que moram com você, qual foi a renda da sua casa no mês passado?

W: 5 mil

R: Sua residência atual é própria ou alugada?

W: Própria

R: E qual era a situação da residência há uns 10 anos? Era própria ou alugada?

W: Sempre foi própria, era do meu pai, ficou de herança do meu avô.

R: Quantas televisões têm na sua casa?

W: Quatro

R: E há 10 anos?

W: Eu não sei, eu não lembro (risos)

R: Era uma ou duas...?

W: Era umas duas acho, é duas ou uma

R: São todas a cabo?

W: Só do quarto e da sala

R: Você tem telefone celular? E é smartphone?

W: Tenho, é galaxy

R: E micro-ondas?

W: Tenho

R: E há 10 anos, você tinha?

W: Tinha sim

R: E computadores?

W: Tenho dois notebooks e dois computador

R: E há 10 anos?

W: Não lembro não, um só tinha, eu acho que só um notebook

R: Sua condição de vida e da sua família melhorou nos últimos 10 anos?

W: Sim sim.

R: Em que aspectos melhorou?

W: Ah, sei lá, comprar móveis, melhorou sim, poder comprar o que você quer.

R: Você acha que é mais fácil hoje?

W: Não muito fácil, mas tá melhor que antes

R: Você acha que tem alguma razão pra estar melhor?

W: Ah não, é Deus que cai na sua vida.

R: Ok, deixa eu perguntar sobre o funk agora. Qual tipo de funk você prefere?

W: Ostentação.

R: E quais são os artistas assim que você prefere?

W: MC da Baixada.

R: Algum outro além desse?

W: MC Kauan.

R: E por que você prefere ostentação?

W: Ah porque é melhor né. Putaria também é bom.

R: Você acha que as letras são melhores?

W: Ah, é tá mais na moda né, é o que o povo gosta.

R: A ostentação?

W: A putaria. Ah mas a ostentação também, tá tudo na moda no momento.

R: E como você entra em contato com o funk? Pelo rádio, internet...

W: Na internet, meu irmão é DJ

R: Tem música no seu celular?

W: Tem música produzida, tem.

R: O que você mais gosta nas músicas?

W: A batida, o que toca, a melodia.

R: Você acha que o tipo de funk que você escuta hoje mudou muito nos últimos 5 anos?

W: Sim.

R: Que mudança que foi essa?

W: Ah antes era mais light, não falava tanto palavrão.

R: E você já ouvia funk nessa época?

W: Era criança ainda, tinha 6 anos

R: Não, mas uns 5 anos atrás.

W: Ehh

R: Quando você começou a ouvir funk?

W: Há uns 4 anos

R: O ostentação você acha que mudou bastante também?

W: Não tinha muita ostentação antes né, era mais light, meio misturado funk com black, esse negócio.

R: Com que frequência você vai nas festas?

W: Como assim?

R: Com que frequências você vai nas festas de funk, que nem no Eddy? Ou em outras festas que tocam funk?

W: De carro.

R: Mas com que frequência, uma vez por mês, uma vez por semana?

W: Ah sempre que tá tendo e dá pra eu cantar eu venho.

R: Por quê que você vem nas festas?

W: Porque é bom e eu gosto né.

R: Mas o que tem de legal nelas?

W: Ah, as meninas, curtir com os amigos, fumar um narguillé.

R: Você vai mais lá no Eddy ou vai em alguma outra?

W: Não, o que tiver pra mim cantar eu venho.

R: Você também é MC?

W: Sou.

R: No último domingo você foi pra cantar ou só pra curtir mesmo?

W: Só pra curtir, mas é nossa equipe que tava fazendo lá.

R: Você é da Bomba Funk?

W: Eu era, saí faz umas duas semanas.

R: Ah tá, e você diria que tem diferença nas roupas que você usa no dia a dia e nas roupas que você vai na festa?

W: Sim.

R: Qual a diferença?

W: Ah, mais arrumado né, os cordão, as corrente, o relógio.

R: Mas no dia a dia você acha que não precisa usar ?

W: No dia a dia não.

R: E no momento você diria que tá saindo com alguém? Uma namorada ou alguma coisa...

W: Não.

R: Mas quando você sai com alguém como que é, essa pessoa se veste de algum jeito? Como uma mulher ou uma pessoa que te atrai se veste? O que chama sua atenção?

W: Roupa né, maquiagem.

R: Como que é?

W: Ah um vestido, um shorts

R: Alguma marca específica?

[silêncio]

R: Você acha que uma pessoa que tá usando uma marca mais famosa chama mais atenção na festa?

W: Não, não muda nada isso.

R: Não muda nada?

W: Não

R: Você tem alguma marca de roupa favorita?

W: Tem não

R: Nenhuma que você goste de comprar? Se você fosse comprar alguma e pudesse escolher?

W: Ah, da Hollister é daora.

R: E você gosta da Hollister por quê?

W: Porque é legal, as forma da roupa.

R: Você acha bonito?

W: Aham.

R: E quando você tem alguma renda extra você gasta com o quê?

W: Com roupa, gravo música, ajudo o meu pai.

R: Você tem algum sonho de consumo?

W: Oi?

R: Você tem algum sonho de consumo?

W: Tenho, de poder crescer na vida, comprar um carro daora.

R: E além do carro, alguma coisa?

W: Dar um conforto pra minha família, esse negócio.

R: Qual carro você acha que seria legal?

W: Ah tem o i30 [Hyundai]

R: E quais são seus planos para o futuro?

W: Ah, crescer na vida né

R: Estudar, fazer faculdade... ?

W: Terminar o estudo né.

R: Trabalhar?

W: Ah terminar os estudos, fazer uma faculdade e continuar cantando.

R: Tem algum artista que você diria que serve de inspiração pra você?

W: Ah todos são né

R: Você pode citar alguns?

W: Ah, o MC Kevin, MC Bin Laden, MC Brinquedo

R: Como funciona a divulgação das suas músicas?

W: Pelo YouTube e pelo Facebook

R: Há quanto tempo você canta?

W: Faz uns 6 meses

R: Você diria que é difícil conciliar o seu trabalho com seus estudos?

W: Não entendi.

R: Você diria que é difícil conciliar seu trabalho como MC com seus estudos?

W: Não, eu estudo primeiramente, e depois canto.

R: Você tem empresário?

W: Tenho sim.

R: Ele influencia nas suas músicas, nos clipes?

W: Não então, eu to começando agora, começando agora mesmo.

R: Mas ele tá organizando de algum jeito? Falando se tem alguma roupa que você tem que usar no clipe?

W: Não, ainda não.

R: E como você diria que é a sua relação com o público como MC durante os shows, sua relação com os fãs?

W: Não, é bom, é bom.

R: E você diria que o funk sofre preconceito ainda hoje?

W: Ah alguns sim, mas alguns não.

R: E por que você acha que tem preconceito?

W: Por causa dos palavrão, das putaria que fala, tudo de menor cantando, de 12 anos cantando, falando sobre putaria, sobre droga, e ensinando os menor a usar drogas.

R: Mas o povo sabe disso?

W: Sabe, tá na moda né. Se o povo gosta né...

R: Mas você acha que não tem problema?

W: Aí depende da mente né, depende dos menor não vê isso.

R: E você acha que antigamente tinha menos preconceito com o funk? Ou a mesma coisa?

W: Mesma coisa. O funk tá começando agora né.

R: Mas e o funk em 2008, 2009, você acha que não tinha preconceito naquela época?

W: Tinha, mas não tanto, agora é muita putaria, muita apologia ao crime, aí começou o preconceito.

R: E o seu nome na internet pra gente te procurar tá como?

W: MC Tomsp

R: Ah, é isso mesmo então, muito obrigado!

W: De nada!

Entrevista com DJ Everton - Realizada em 01/02/2015

Rafael: Que tipo de música você costuma tocar?

Everton: Toco mais funk... funk proibido entendeu? Nessas balada não tem como tocar funk melody porque o pessoal não gosta. Nessa área aqui é mesmo mais funk proibido.

R: A gente vai fazer umas perguntas socioeconômicas só para a caracterização no nosso trabalho e depois umas perguntas sobre funk.

E: Tá bom.

Pamela: Você é de Franco da Rocha mesmo?

E: Não, sou de morato.

P: Qual sua idade?

E: Vinte e três.

R: Às vezes as pessoas falam em classes sociais, a que classe social você diria que pertence?

E: Eu? Média.

R: Qual a última série ou ano de estudo que você completou?

E: Terceiro ano. Comecei a faculdade, mas tranquei entendeu? Por motivos de estar no funk.

R: Não deu pra conciliar?

E: Não, porque eu não quis. Eu prefiri trancar. Não tava dando certo, eu tinha baile, eu tinha que ir pra faculdade, então não dava. Então eu precisei trancar.

R: Você completou a maior parte dos seus estudos em escola pública ou privada?

E: Pública.

R: Pensando em seus pais ou responsáveis. Até que ano da escola sua mãe completou?

E: Minha mãe até a sexta série.

R: E o seu pai?

E: Meu pai tem o ensino médio completo.

R: Sua principal ocupação hoje é como DJ?

E: Como DJ. Eu sou motorista também. Sou motorista de caminhão.

R: Você tem dificuldade de conciliar os dois?

P: Sua principal renda vem de ser motorista?

E: Não, vem do funk. Motorista mais porque, porque é uma área registrada, entendeu? O funk, por enquanto, ainda não tem registro em carteira, esses negócio. Por isso que eu trabalho registrado, por enquanto.

R: Qual era a ocupação ou atividade principal do seu pai?

E: Meu pai, era engenheiro elétrico.

R: E há 10 anos?

E: Há 10 anos atrás, ele só estudava.

R: Engenheiro é a profissão que ele ocupou a maior parte da vida?

E: Sim.

R: Há 10 anos qual era a principal ocupação da sua mãe.

E: Minha mãe, dona de casa.

R: E hoje?

E: Hoje ela trabalha com eventos também. Só que eventos infantis.

R: E o que ela fez a maior parte da vida?

E: Foi dona de casa.

R: Somando a sua renda com a das pessoas que moram com você, qual foi a renda na sua residência no mês passado?

E: Oito mil reais.

R: Sua residência atual é própria ou alugada?

E: Própria.

R: E há 10 anos?

E: Própria também.

R: Quantas televisões tem hoje na sua casa?

E: Três.

R: E há 10 anos quantas tinham?

E: Uma.

R: E hoje elas são a cabo?

E: São.

R: E há 10 anos?

E: Normal.

R: E quantos telefones celulares vocês têm hoje?

E: Dois nextel e três normais.

R: E há 10 anos?

E: Nenhum.

R: E microondas?

E: Tenho um.

R: E há 10 anos?

E: Nenhum.

R: E computadores?

E: Dois.

R: E há uns 10 anos?

E: Nenhum.

R: Você diria que a sua condição de vida melhorou nos últimos 10 anos?

E: Melhorou sim, bastante.

R: E porquê?

E: Pelo trabalho né. Pelo trabalho que nós veio conquistando. Cada dia nós foi conquistando o que nós tem hoje.

Lígia: Mas em qual sentido você acha que melhorou?

E: Qual sentido? Tudo.

R: Você é MC também?

E: Não, só toco.

R: Você já pensou em ser MC também?

E: Não.

R: Porque parece que tá na moda ultimamente ser MC.

E: Tá na moda, virou modinha agora. Qualquer um vira MC. Eu, já tem 15 anos que eu toco.

P: 15 anos?

E: 15 anos. Comecei com meu vô.

P: Você começou com que idade?

E: Com oito.

P: Você já era DJ com oito anos?

E: Junto com meu vô. Meu vô era DJ. Eu ia, meu vô pagou curso, pagou tudo pra mim.

R: O que você tocava com oito anos?

E: Samba rock.

R: E quando você começou a tocar funk nas festas?

E: Tem uns seis anos.

R: Que tipo de funk você começou tocando?

E: Funk melody.

R: Você tem alguns exemplos de MC de funk melody?

E: Antigamente era Naldinho... Tota, GW. Ai agora foi aparecendo esses da atualidade ai.

R: Que tipo de funk você prefere?

E: Eu prefiro os melody. Particularmente melody. Porque não fala muito palavrão entendeu? Mas... no serviço é mais putaria mesmo.

R: Você acha que o melody ainda tá em alta?

E: Não, caiu bastante.

P: Você acha que tem algum motivo pra isso ter acontecido?

E: O motivo foi porque o pessoal mais da área favela gosta mais disso, então pra mim a maior parte é estar dentro dos município de favela. Foi onde caiu os baile, mas ainda tem bastante gente que curte melody.

R: Qual você acha que é a razão de as pessoas gostarem mais dos funks que tocam hoje?

E: Porque... bem assim, vem de geração. A geração de hoje, as criança, tá crescendo no que? Tá vendo a maior parte em escola falar de funk putaria, não tem aquela intuição de partir pra outro estilo de música. Eles gostam disso não porque eles gostam, porque tão vendo de exemplo outras pessoas que tão curtindo isso daí.

L: Ostentação ainda tá em alta?

E: Não, tá caindo. Ostentação tá caindo.

L: Você tem alguma teoria do porque tá caindo?

E: É por motivo de menina saia curta, agora o pessoal vai mais para esse lado.

L: Há quanto tempo estava em alta o ostentação?

E: Vamos supor. Há um ano atrás. De um ano pra cá tá caindo bastante. Porque todo dia lança um MC novo. Pra nós que é DJ todo dia tem uma música nova. E os próprios MCs de hoje não tão gravando umas música... social, vamos dizer. Estão gravando música baixa. E o pessoal tá se deixando levar por essas baixa. Por isso que caiu. O

ostentação falava de dinheiro e tal. Agora a juventude tá vindo mais pra área do proibido.

R: E quando começou o ostentação?

E: Cinco anos atrás, que vinho com o Dedê, o Da Leste, MC Nego Bu.

R: E porque você acha que começou o ostentação?

E: Ostentação começou, tipo, pelo que eu sei, numa brincadeira. O pessoal sempre sonhava em ter alguma coisa e nunca conseguia e ai vamo escrever, vai que nós tem um dia. Foi disso, foi de uma intuição. Eles conseguiram conquistar o que eles tem hoje.

L: Porque você acha que eles queriam aquelas coisas? Tênis de marca...

E: É um sonho de criança né... sempre... vê o patrão passar e pensa “nossa, um dia eu vou ter um carro desse”. Ai surgiu essa oportunidade da área do funk. Ai eles acharam mais fácil, antigamente o pessoal corria para a área do futebol. Ai apareceu o funk. Qualquer um que gravava a música tinha um sonho. Ah, meu sonho é ter um carro, uma moto, uma casa legal.

L: A gente vê aqui várias pessoas com roupas que parecem ser caras. Você acha que é tudo verdadeiro?

E: Hoje pode se falar que a maioria das roupas do pessoal é roupa de marca. Por mais que a pessoa trabalha, ela sempre vai querer tá comprando roupa cara vai, trezentos reais, quatrocentos reais, pra sair. Que nem hoje vai, vou num rolezinho legal. Quero tá de presença. Antigamente não tinha.

R: Você acha que a maior parte das pessoas usa roupa original?

E: Não, ainda não. A maior parte ainda não.

R: Dá pra perceber a diferença?

E: Dá.

R: Aqui no baile hoje, você consegue perceber se a maior parte tá com original ou não?

E: Consigo, dá pra ver, dá pra ver pelo tecido. Mas eu particularmente não gosto de ficar reparando nos outros, entendeu?

R: Você diria que você gosta de funk?

E: Gosto.

R: E porque você gosta?

E: Eu gosto porque eu me sinto bem, entendeu? Eu me sinto bem vendo os outros bem. Então, pra mim, se o público tá bem, eu to bem. É algo que você gosta de fazer também.

R: O que você gosta? Da letra, da batida?

E: Eu gosto da batida. A maioria das letras eu não gosto porque tem muito palavrão.

R: Com que frequência você toca nas festas?

E: De duas em duas horas.

R: Mas quantas vezes por mês?

E: Por dia eu faço três shows. De final de semana, sexta, sábado e domingo. Eu faço uns nove shows.

R: Qual você acha que vai ser o futuro do funk? Depois do putaria, você acha que vem algum outro?

E: Eu acho que vai voltar o Melody. Porque tem uns MC já que canta putaria hoje, que eles tão parando de cantar putaria pra ir pro Melody. Fazer umas letras mais leves

L: Qual, por exemplo?

E: MC GW. MC Magrinho foi consagrado o rei da putaria, ele tá saindo da putaria pra ir pro evangélico. Eles mesmo estão vendo que não estão mais se sentindo bem. E outra, eles tão vendo muitas crianças se perdendo. Porque a letra que eles cantam tão influenciando muitas crianças a fazer coisas erradas, entendeu?

R: Você acha que tem muita diferença das roupas que você usa no dia a dia das que você usa no baile?

E: Hoje tem. Porque eu guardo as melhores minha pra deixar pra tocar.

R: E porque você vem com um roupa diferenciada no funk?

E: Eu venho porque é o estilo né.

R: Mas se você não viesse ia fazer uma diferença?

E: Ia. Tem gente que repara e ia falar “caramba, o cara é DJ e tá com uma roupa daquela, um tênis daquele”.

L: Qual é a roupa ideal pra se vestir?

E: Hoje a modinha tá mizuno, nike, adidas. Eu particularmente venho com uma roupa de grife. O pessoal tá partindo mais pra grife. Que nem hoje, eu vim nesse nipe porque eu escolhi. Que nem hoje, hoje eu vou pra uma baladinha social então já é outro estilo.

R: E quando começou essa modinha?

E: Quando começou? Ah...quando começou a surgir o ostentação, o funk ostentação. Você via os MCs com um tênis legal, uma roupa legal, ai pensava “vou comprar uma roupa daquela”. Por mais que não seja original, mas é uma parecida ai pensa “é igual tal fulano, vou comprar”. Uma marca entendeu?

R: Você tem alguma marca de roupa favorita?

E: Tenho. Quick Silver.

R: Tem alguma marca de óculos?

E: Quick Silver também.

R: E boné?

E: Diariamente eu uso Quick Silver, Rip Curl e Oakley.

R: E quando você tem uma renda extra, com o que você gasta?

E: Eu vou no cinema.

R: Mas se você tem uma renda extra pra comprar alguma coisa?

E: Comprar.... eu compro roupa. Quando eu não compro roupa eu saio com a namorada.

R: E como a sua namorada se veste?

E: Ele se veste bem também, ela se veste nas marcas. Marca de hoje, feminina: Hollister, Armani. É o que elas gosta.

R: Você acha que uma mulher que se veste assim, chama mais atenção?

E: No baile sim. Que nem, pode ver, no baile você só vê as meninas mais de shortinho.

R: Qual o valor máximo que você já gastou numa roupa?

E: Dois mil reais, num têncis.

L: Qual era a marca?

E: Adidas.

P: Você tem algum sonho de consumo?

E: Tenho, meu carro. Quero conquistar meu carro.

P: Qual?

E: Uma captiva. Até o final do ano se deus quiser eu to juntando dinheiro pra isso.

R: Você tem um smartphone?

E: Não, um Moto G 2.

R: E porque você escolheu um desse?

E: Porque eu gostei.

R: E porque um desse e não um mais simples?

E: Porque tem whatsapp, android. Um mais simples não tem.

R: E quais são seus planos pro futuro? Continuar como DJ?

E: Continuar.

P: E terminar a faculdade?

E: Terminar.

R: Qual faculdade?

E: Engenharia civil.

R: E se você se formar como engenheiro civil...

E: Não largo como DJ.

P: Você conseguiria conciliar a engenharia com o trabalho como DJ?

E: Quer ter os dois.

R: Você gosta de ser DJ

E: Gosto. Tá no sangue. Tem dono de balada que fala to quebrado hoje, não tenho como te pagar hoje, tem voê vir? Eu vou, não precisa pagar não, eu vou. Não tenho dinheiro, depois nós acerta.

R: E você acha que sofre algum tipo de preconceito por vir em baile funk ou viver de funk?

E: Hoje não. Tem cara que tem. Mas não tanto que nem antes.

P: Antes tinha mais?

E: Tinha bastante.

R: Porque você acha que mudou?

E: Mudou por causa do estilo de vida. Muita gente que vem no funk tem seu carro próprio, sua casa própria, antigamente não tinha. O pessoal das antiga, quem era do funk era favelado, era nóia, era bandido, hoje não. Hoje já mudou.

R: A gente acha que o funk incorporou muita de coisa de marca e de consumo. Você acha que isso aconteceu com algum outro estilo de música?

E: Sertanejo.

R: E porque você acha que foram no funk e no sertanejo?

E: Os próprios cantores de sertanejo optaram a gravar com os MC porque viram que o funk tava tirando o público deles. Fizeram uma dupla entre eles pra associar os dois públicos.

R: Quando você disse que tinha mais preconceito antigamente, como você acha que se manifestava esse preconceito? Era com comentário, piadinha?

E: Era com comentário.. você passava na rua e falavam “fulano tá chegando essa hora... tava no funk, é bandido”.

R: Hoje é diferente?

E: Tem pessoas que chegou pra mim e falou “quando a gente via você indo pro funk, quando seu pai e sua mãe falava que você ia pro funk, que você tava indo tocar, nós falava, vish... daqui uns dias esse ai é mais um bandido, vai estar preso, matando, roubando”. Hoje essas pessoas viram que mudou. Chegaram até a me pedir desculpa pelo que achava de mim.

Entrevista com William

Rafael: qual que é o seu nome?

William: William.

Pamela: Qual a sua idade?

W: 22 anos.

P: Mora aqui em Franco?

W: Não, moro em Francisco Morato.
R: Com que frequência você toca funk?
W: Oi?
R: Com que frequência que você toca funk?
W: Então, eu já não toco, sou MC.
R: Ah, você é MC...
W: Isso.
R: Então, e com que frequência você toca... canta, como MC?
W: Quinta, sexta, sábado e domingo.
R: Toda quinta, sexta, sábado e domingo... e é sempre aqui no Eddy...?
W: Não, vários lugares. É aqui, Itupeba, São Paulo, Zona oeste, Zona leste...
R: E... é... você é empresário também?
W: Sou.
R: E... de quantos DJs e MCs?
W: Tô com um agora, tô com dois DJ e quatro MC.
P: E você tem alguma outra ocupação além de ser MC e empresário? Emprego, um outro emprego?
W: Não. Só esse mesmo. Faço locução também, faço um monte de coisa, sou radialista... sou, cara, “pau pra toda obra” .
R: Às vezes as pessoas falam em classes sociais. A que classe social você diria que pertence?
W: Ah... à mais humilde que tiver!
R: Qual foi a última série ou ano de estudo que você completou?
W: Então, eu terminei o terceiro agora, e agora eu tô querendo fazer faculdade, agora.
R: Faculdade do quê?
W: Eu gosto de engenharia. Engenharia civil.
R: E... e se você virar engenheiro, vai continuar como MC?
W: Aí... aí acho que eu vou tirar o dinheiro pra investir mais, né? Porque, querendo ou não, eu vou ter uma profissão, né? E, vamos dizer assim, né? Um homem, né, entre aspas, vou ser um profissional.
R: Você completou a maior parte de seus estudos em escola pública?
W: Uhum.
R: Pense nos seus pais ou responsáveis que te criaram. Até que ano da escola sua mãe estudou?
W: Minha mãe terminou até o primeiro e meu pai até a sexta.
R: Seu pai exerce alguma atividade hoje?
W: Meu pai, ele tem dezenove profissões, só que... a área dele é obras. Ele é... mestre de obras. Por isso que eu quero me tornar engenheiro, porque eu acho uma área legal.
R: E há uns dez anos? Ele era... ele era mestre de obras também?
W: É, só que antes ele era... fazia... como posso dizer... piso, sabe? Granito, essas coisas.
R: E essa é a profissão que ele exerceu a maior parte da vida?
W: Foi, ele teve uma firma vinte anos. Aí ele parou com a firme e foi com a obra, agora.
R: E a sua mãe exerce alguma atividade profissional?
W: Não, hoje não.
R: E há uns dez anos, ela exercia?
W: Era cozinheira. Agora tá pensando em montar uma firme de... cozinha industrial.

R: Ser cozinheira é a atividade que ela fez a maior parte da vida?
W: Foi.
R: Somando a sua renda com a das pessoas que moram com você, qual você diria que foi a renda da sua residência no mês passado?
W: Todo mundo?
R: É.
W: Ah... de sete a oito.
R: E quantas pessoas moram com você?
W: Três. Eu, meu pai e minha mãe.
R: Sua residência atual é própria ou alugada?
W: Própria.
R: E há uns dez anos, era própria ou era alugada?
W: Não, morava de... era... caseiro.
R: Hoje quantas televisões você tem na sua casa?
W: Hoje? Uma.
R: E há uns dez anos?
W: Uma, uma só.
R: Mas a que você tem hoje, cê acha que é melhor?
W: Bem melhor. Bem melhor.
R: É uma das modernas...?
W: É.
R: Ela é a cabo?
W: É.
R: E há dez anos?
W: Não.
R: E quantos telefones celulares você tem?
W: Eu?
R: É.
W: Tenho dois.
R: E há uns dez anos...
W: ...Três com o Nextel.
R: E há uns dez anos?
W: Não.
R: E os que você tem hoje, são desses modernos, com Android?
W: Sim.
R: E por que que você escolheu um desses?
W: Ah, porque, tipo, como eu vou dizer que é uma moda, mas é que, na minha área, é... tipo, essencial, entendeu? Ter um telefone bacana, o pessoal vai chegar nos shows, vai tirar uma foto com alguém, entendeu? Eu posso ter um telefone legal.
R: Na sua casa você tem micro-ondas?
W: É.
R: E há uns dez anos?
W: Não.
R: E computadores?
W: Sim.
R: E quantos?

W: Tenho... dois notebook e... quatro PC.
R: E há uns dez anos?
W: Tinha só um... dois!
R: dois?
W: Dois.
R: Você diria que sua condição de vida melhorou nos últimos dez anos?
W: Muito. Muito.
R: Em que aspecto que melhorou?
W: Ah, em tudo. No conforto... é, em tudo!
R: É... você acha que tá mais fácil comprar alguma coisa hoje?
W: Pra mim... assim, pra mim, assim, eu acho que tá.
R: E por que você acha que melhorou?
W: Ah, porque eu sempre investi com arte... meu pai já... meu pai é radialista, a gente tem uma rádio, entendeu? Então, aí agora a gente não tem mais, agora a gente vai voltar, esse ano. Então... eu sempre fui pro lado artístico, então.
R: É... nós vamos fazer umas perguntas sobre funk. É... você já foi DJ?
W: Já.
R: Quanto tempo?
W: Fiquei como DJ há cinco... há sete anos.
R: Você... começou em 2008, mais ou menos?
W: Por aí.
Lígia: Foi sempre funk que você tocou?
W: Não... tocava forró.
L: Forró?
W: Forró.
R: E quando você começou com o funk?
W: O funk eu comecei em... 2009.
R: Por que você começou a tocar funk?
W: Porque eu era DJ. Aí eu... era DJ de um MC. Aí esse MC quis ser DJ. Aí eu quis ser MC. Aí eu gravei uma música, meu irmão gostou, daí eu falei “Ah, vou seguir isso aí”
R: Como era o funk quando você começou a tocar?
W: Era bem mais simples. Não era essas mais de agora. Antes era... [inaudível 6:42]
R: Tem algum nome específico para esse funk?
W: Como assim?
R: Tem o ostentação, o putaria, tem o proibidão... Qual você começou a cantar?
W: Melody. Funk melody.
R: E quais são seus artistas favoritos no funk?
W: Ah, eu gosto mais do...
R: ...fora você mesmo!
W: É (risos)... eu ia falar eu né, mas aí você já falou! (risos). Ah, eu gosto do Leo da Baixada, é... MC Cidinho... mais funk das antiga.
R: Como você entra em contato com o funk? É... você tem músicas no celular, você ouve dentro de casa?
W: Ouço bastante, quase 24 hora por dia, porque eu trabalho nisso, então cê... cê tá ouvindo.
R: Você tem letras próprias?

W: Tenho.

R: E qual é sua maior inspiração pra... pras músicas?

W: Pra mim, é pensar, tipo, se eu tô aqui... depende do lugar. Eu to aqui com um monte de gente então eu vou criar um funk com esse pessoal, entendeu? Essa é minha inspiração, o pessoal. Depende do ambiente que eu tô.

R: E que tipo de funk você canta?

W: Eu, atualmente, tô tocando putaria. Que é o ritmo que tá crescendo mais. Já cantei ostentação, não deu certo. Já cantei, cantei... mais calmo, então eu to mais pensando agora, é... na putaria.

R: Você acha que o ostentação tá em queda?

W: Depende. É aquela balança: tem hora que o funk ostentação tá acima, tem hora que tá baixo, putaria sobe. Daí o proibidão dá aquela subida, então fica... aquela balança.

R: Tem algum artista que você diria que serve de inspiração pra você?

W: ... agora você me pegou! Não sei... eu não sou muito ligado, assim... em inspiração, assim, em outros artistas. Porque, assim, os artista que era legal, da hora, tipo, ficou modinha, ficou uma coisa muito... sei lá.

R: Você é empresário também, né?

W: Sou.

R: E como é que você divulga os clientes... os MCs?

W: Pelo Facebook, pelas redes sociais, Google, rádio... são meio de comunicação, né?

R: Você ajuda na organização dos clipes?

W: Ajudo também.

R: E como que tem que ser um clipe hoje? Um clipe de funk?

W: Ah, depende. Se for de putaria, tem mulher, muita mulher, muita mulher, muita mulher. Ostentação: carro, moto, dinheiro...

R: E que carro tem que ser?

W: Ah, tem que ser uma Lamborghini, porche, captiva, Citroën.

L: Quando começou a ostentação, mais ou menos?

W: Ah, começou em dois mil e... dez.

L: E você atribui isso a alguma coisa? Por que surgiu? Por que estourou tanto?

W: Ah, mais por causa do pessoal, né. O pessoal que faz estourar. Olha, eu sou MC, se eu não tiver esse pessoal, eu não sou nada, entendeu? Então foi mais o pessoal que fez crescer, mais os jovens.

R: Você influencia nas letras dos MCs que você conhece?

W: Muito, sou muito chato.

R: Em que aspecto?

W: Cê tem uma letra, cê canta, “nanananana”: não. Cê tem que se soltar, tendeu? Então eu sou muito chato nisso. Os meus MC fala que eu sou muito rígido mais por causa disso, entendeu? Bom, teve um tempo atrás aí que o meu MC, MC Pepe, foi gravar e eu falei: “ó, se solta mais”, “tá bom”. Tá, foi gravar: “nanananana”. Aí a música chegou pro MC, e aí: “pô, mano, por que que eu cantei assim?”, e eu: “falei pro cê se soltar”. Porque... não adianta nada, cê gravar uma música, cê vai passar o que pra pessoa? Tem que passar alegria, então cê tem que cantar com alegria, né?

R: Qual a sua relação com o público? Com seus fãs?

W: Muito bom.

R: Quando você chega aqui a galera já conhece...?

W: A maioria sim.

R: você diria que tem diferença nas roupas que você usa pra vir cantar das que você usa no dia a dia?

W: Não, nada diferenciado.

R: Mas no dia a dia você costuma usar essas roupas, mesmo?

W: Não.

R: Tem uma diferença, então?

W: Então, é porque é assim, ó... eu... eu não vou usar uma roupa que eu uso todo dia pra depois ir pro baile com essa roupa, entendeu? Bom, aqui eu não vou cantar, vou fazer só apresentação, entendeu? Então é mais light. Mas pra show, aí é diferente, é um boné mais ousado, põe uma camisa mais destacada, entendeu?

R: Por que você acha que tem que usar essas roupas mais destacadas?

W: Ah, é porque o MC tem que ser chamativo, né? Quando chegar, falar: “ô, aquele é o MC!”.

L: Os frequentadores também usam roupas mais... de marca e tal?

W: Sim, usam.

L: E por que você acha que eles também usam essas roupas?

W: É mais o... gostoso de ostentar. Chegar assim e falar: “ô, tenho uma camisa assim e custou 500 reais, tenho uma bermuda assim, custou 300, o tênis custou mil.

L: E quando começou isso de ostentar?

W: Então, foi na faixa de 2010, por aí, 201.

L: Foi junto com o funk?

W: Ah... o funk já veio lá atrás, lá atrás. O funk... o funk é muito antigo, tendeu?

L: Mas o funk ostentação, você acha que ele influenciou muito na vestimenta das pessoas, ou...?

W: Sim, muito, muito. Bom, porque o menino que gosta só de funk, mas ele não canta, entendeu? Ele gosta de funk e fala: “pô, aquele MC usa assim, assim, tal roupa, eu quero usar também”. Então isso vai virando uma bola de neve. Cê vê hoje, que os menino hoje tá andando bem mais arrumado que antigamente.

L: Antes do funk ostentação não tinha tanto essa preocupação?

W: Era mais simples, mas agora... “se o MC tá usando Calvin Klein, eu vou também usar!”, tendeu?

L: Mesmo sendo caro, todo mundo compra?

W: Não todo mundo. O pessoal compra primeiro a réplica, depois compra o original...

R: Você acha que no baile, aqui, hoje, por exemplo, a maior parte tá com original, ou não?

W: A maior parte tá, porque a maioria dos nego vai trabalhando pra poder comprar. Se o... se o tênis custa mil ele vai trabalhar três mês, lá, pra comprar.

R: Dá pra perceber se é original ou não?

W: Dá. Assim... dependendo... dependendo, assim, do sapato, da roupa.

R: E se tiver uma roupa que não dá pra perceber se é original ou não, você acha que a pessoa faz questão de comprar a original?

W: A grande maioria sim.

R: Por quê?

W: Ah, porque o... gostoso de tá ostentando é falar: “isso aqui é caro! Isso aqui custa o seu... celular!”, entendeu?

L: Quem vem com as roupas mais caras, você acha que chama atenção, ou não?

W: Também. Bem mais.

L: Ah, é?
R: Tem alguma marca de roupa favorita?
W: Marca? QS [QuickSilver]
R: E de tênis? De óculos?
W: Nike e Oaskley. São as que eu mais gosto.
L: E boné?
W: Não, boné eu não sou muito chegado, não.
R: Você diria que as suas letras, as letras das suas músicas, refletem seu estilo de vida cotidiano?
W: Não. Totalmente diferente.
L: Diferente como?
W: Quando fala de putaria.
R: E quando você canta ostentação, você acha que ostentação reflete sua vida?
W: Não, eu penso no futuro. Vou cantar aquilo lá porque hoje eu posso ter, então eu vou trabalhar. De domingo a domingo, sem parar.
R: E quais são seus planos para o futuro?
W: Meus planos para o futuro? ... minha produtora tá... bem alta, com os MC bom. E... fazer uma faculdade, que é essencial hoje, sem estudo você não é nada. E com o funk, hoje... hoje o funk tá proporcionando isso pra mim. Que antes eu não tinha nada, entendeu? E hoje, graças a deus, com força de vontade, trabalhando, hoje eu tenho um escritório, hoje eu tenho um estúdio, entendeu? Hoje eu tenho isso, hoje eu tenho. Tô muito suave, não é de hoje... eu tô no funk desde 2008.
R: E hoje você tem uma namorada, tá saindo com alguém?
W: Tô.
R: E como que ela se veste?
W: Não entendeu.
R: E como que ela se veste?
W: Ah, ela é mais simples.
R: Usa roupa de marca também, ou não?
W: Ela já não é mais... fanática igual eu, ela já é mais simples.
R: E você acha que faz diferença uma mulher tá vestida assim pra uma festa?
W: ah, depende, tipo, se eu vou sair pra um lugar, tipo, pra cá, é melhor colocar uma roupa mais ousada, porque tá comigo. Então, a mulher gosta de se sentir bem, tipo, bem mais vestida com um rapaz que é de funk, porque chama a atenção, e aí ela fala: “tem que chamar a atenção”, por que? “porque sou namorade dele”, entendeu?
R: Hoje você sofre algum tipo de preconceito por ser MC, por cantar funk, é... hoje em dia?
W: Não, hoje não.
R: E há alguns anos, você acha que tinha esse preconceito?
W: Tinha. Bastante.
R: E como se manifestava esse preconceito?
W: Ah, a gente levava na crítica, né? É apenas uma crítica. É... uma crítica, tipo, ajuda, te dá mais força. Tipo, você fica naquele pensamento, você fala: “não, isso não tá dando certo, pô, vou parar”, aí cê pensa: “ não, aquele cara ali falou isso de mim, então eu vou parar, não”. É um incentivo, querendo ou não.
R: Eu tava falando com o outro MC, e ele falou que... falavam que se ele fosse pro baile, ele ia ser um novo bandido...você chegou a ouvir esse tipo de cometário?

W: Já, porque assim, mais por causa do funk proibidão, entendeu? Funk proibidão, tipo... tipo pegou por esse lado. Mas o ostentação deu uma puxada pro outro lado.

R: E por que você acha que o povo hoje tem menos preconceito?

W: Ah, porque agora o funk tá em televisão, praticamente tá... virando pra fora, agora. O funk tá em alta. Mas não posso falar que também vai ficar pra sempre, né? Um dia pode cair. Enquanto não cai, vamo aproveitar, né?

R: A ostentação, ela... pelo o que a gente andou conversando com as pessoas, ela começou com o funk e com o sertanejo, há uns cinco, seis anos atrás, mais ou menos. Você teria alguma do ideia do porquê? Por que o funk, que era diferente, agregou esses elementos da ostentação?

W: Por causa do black. Porque, se você for ver, ver o clipe do ... (?) (18:05), cê vai ver lá o peito do cara é mais prata que eles usam. Só pratona, carro, mulher... então, o funk ostentação tirou isso do black e trouxe pro Brasil, entendeu?

L: O funk sempre teve uma relação, assim, com o black, ou começou...?

W: ... é que, querendo ou não o black, ele é um funk.

R: E por que você acha que o funk incorporou isso do black?

W: Ah, porque eles querem ousar.

R: Por que a ostentação?

W: Ah, porque pra cá não tinha, né? Daí os cabra disseram “vamo trazer pra cá!”, então os cabra trouxe pra cá pra... pro funk ficar com uma cara nova.

Entrevista com Thaís

Mari: Primeiro como é que se chama e qual sua idade?

Thaís: Thaís. Tenho 21 anos.

Pamela: Mora aqui mesmo, em Franco?

T: Morava em Embu das Artes aí eu vim pra cá, me separei por que a minha vida é o funk e não tem como ficar casada não (risos)

Mari: E assim, tem umas perguntas mais socioeconômicas e depois uma parte sobre o funk mesmo, tá? Aí ó, primeira, vamo lá. Às vezes as pessoas falam em classes sociais, a qual classe social você diria que pertence?

T: Eu?

M: É

T: Ah, nois é classe baixa, nois é pobre (risos)

M: E qual foi a última série ou último ano que você completou de estudo?

T: Foi o primeiro ano do ensino médio, eu fugi da escola (risos).

M: E você completou a maior parte dos seus estudos em escola pública ou privada?

T: Pública.

M: E pensando nos seus pais ou responsáveis que te criaram, até que ano da escola completou sua mãe?

T: Todos

M: E seu pai?

T: Não sei, nunca perguntei pra ele.

M: Não, não tem problema. E, atualmente você tem algum trabalho remunerado?

T: Eu sou atendente de restaurante e promoter aqui.

M: E se ganha dinheiro pra ser promoter aqui?

T: Eu tenho minhas..como se fala, gente? Minhas..enfim..é.., eu tenho as minhas..isso.

M: E qual ocupação, é a sua ocupação principal é atendente né. E qual é, ai per aí.
Rafael: Qual é, hoje qual é a ocupação do seu pai?
T: Meu pai?
R: É
T: Não sei
Pamela: Sabe qual era a ocupação dele há 10 anos atrás?
T: Sei, ele era atendente de hotel.
R: Se acha que essa foi a ocupação que ele exerceu por mais tempo na vida?
T: Oi?
R: Se acha que essa foi a que ele exerceu por mais tempo na vida?
T: Foi.
M: Tá, e a principal atividade da sua mãe?
T: Minha mãe é auxiliar de enfermagem.
M: E há 10 anos?
T: Ela era funcionária pública.
M: E qual que ela exerceu por mais tempo?
T: Ela tá na enfermagem, foi a que ela exerceu por mais tempo.
M: E somando a sua renda com a das pessoas que moram com você, considerando salário, benefícios, aposentadoria ou qualquer outra fonte de renda, de quanto foi aproximadamente a sua renda no mês passado?
T: Ah, mais ou menos dez mil, por aí. Que meu irmão é enfermeiro também, aí o outro é gerente de caixa..
M: Quantas pessoas moram na sua casa?
T: Minha mãe tem 8 filhos, eu sou a mais velha.
M: E os 8 moram lá e ela?
T: É.
M: E a residência de vocês é própria ou alugada?
T: Alugada.
M: E há 10 anos atrás?
T: A gente tem uma própria, só que ela quer morar de aluguel por que ela e minha vó não se dá muito bem
M: Ah, tá bom. E há 10 anos atrás ela morava em própria ou alugada?
T: Própria.
M: E quantas televisões tem na sua casa?
T: Quanto o que?
M: Televisões.
T: Ah, uma só..
M: E..
R: E há uns 10 anos quantas você tinha?
T: Oi?
R: E há uns 10 anos, quantas tinha?
T: Quando era na casa da minha vó tinha umas 3.
M: E..são a cabo?
T: Oi?
M: É TV a cabo?
T: É SKY

M: E quantos telefones celulares tem na sua casa?
T: Ah, agora você me pegou.. tem o meu o da minha mãe, tem dois do meu irmão, da minha irmã, o meu..
M: E você?
T: Eu? Tenho dois.
M: Dois? E...
R: Eles são smartphones?
T: Um é da LG e a marca é..é touch.
R: São tipo esse aqui? (aponta ao que ela segurava)
T: É, é tipo esse.
R: E há uns 10 anos, quantos você tinha?
T: Nenhum, eu tinha 11 anos (risos).
M: E
T: Um notebook
M: E há 10 anos?
T: Nenhum.
M: E micro-ondas?
T: Um
M: Um? E há 10 anos?
T: Nenhum.
M: Nenhum? Tá certo. E, você diria que a condição de vida melhorou na sua família de 10 anos pra cá?
T: Melhorou, bastante.
P: Acha que tem algum motivo pra essa melhora?
T: Oi?
P: Acha que tem algum motivo pra ter essa melhora?
T: Tem, mais a força de vontade mesmo do pessoal.
R: Em que aspecto você acha que melhorou?
T: Todos, por que antes, assim, é, os meus irmão era tudo nas costas da minha mãe, agora cada um se banca sozinho.
Lígia: Se acha que é mais fácil comprar alguma coisa hoje?
T: É..
M: Tá, agora começa a parte do funk.
T: Ahn
M: E que tipo de funk você prefere? Quais são seus artistas favoritos?
T: É..a MC Tati Zaqui, esse modinha aí de agora..
L: Quais que são esses modinha??
T: É, esses, a Tati Zaqui, o MC Pedrinho, o MC Magrinho, o Daleste que já morreu..Livinho..
L: Você tem algum tipo de funk preferido?
T: Funk pra mim não diferencia muita coisa não, tem a mesma batida, só muda a letra.
M: Aham,e como que você entrou em contato com o funk?
T: Eu...
R: Você acessa a internet, baixa música pelo celular..
T: É, pela internet, baixo música por ele..
M: Aham,e..

R: Mas você compra CD de funk?
T: Compro, compro, ganho dos MC's que vem aqui
R: Os MC's vendem cd?
T: Não, eles dão. Quando depende do MC que vem, ele dá de graça.
R: Mas nas lojas tem CD de funk vendendo?
T: Tem.
M: E..e o que você mais gosta assim no funk?
T: Tudo. Num tem o que reclamar não. Só algumas músicas que foge do padrão aí que fala de mulher né, mas suave, a gente engole.
M: Mas assim, você gosta mais da letra, gosta da batida?
T: Da batida e da letra.
Luiza: Pra dançar, se gosta de dançar?
T: Danço claro.
M: E você acha que o tipo de funk que você escuta hoje assim, mudou muito do que você escutava há 5 anos?
T: Mudou, mudou um pouco.
M: Que que você acha que mudou ?
T: Antigamente era aquele é “Dança do morto”, hoje em dia é “mexe a bunda, faz isso, faz aquilo.”.
R: Se consegue fazer.. contar mais ou menos pra gente a história do funk?
T: Não.
R: Como que ele foi mudando..
T: hã hã, hã hã
R: Ou dos últimos anos pelo menos?
M: Do que mudou pra cá
L: Quando que você começou a frequentar esses bailes, começou a ouvir funk..
T: Ó, foi quando eu fiz a minha primeira tatuagem com 14 anos, que eu fugi de casa.
L: De lá pra cá você acha que mudou bastante o estilo, assim..
T: Mudou, mudou, por que antes não tinha todas essas batidas, essa diferenciação sabe?
L: Agora é bem diferenciado..
R: E os temas, você acha que mudou bastante?
T: Ah, mudou bastante.
L: Quais você lembra que eram os temas? Antigamente era mais assim o que?
T: Era mais “Dança da motinha”, agora é “bate com a bunda na vara”, essas coisa
Lu: E funk ostentação, tinha antes também?
T: Não, apareceu mais de agora né.
Lu: Você gosta também?
T: Gosto
L: Mas ostentação, você acha que então tá caindo assim, ou ainda tá lá no alto?
T: Tá, tá em alta ainda.
L: Por que se acha que começou a estourar o ostentação??
T: Ah..
L: O que se acha que aconteceu assim..
T: Ah, aconteceu de uma hora pra outra né, por que, aqueles menininhos pobres que vem da favela e começa a ostentar, fala o que tem o que num tem, o que começou a ter, aí foi acontecendo..

M: E se falou que vai nas festas assim desde os 14 anos..

T: Isso

M: E, se vai todo final de semana? Com que frequência você vai assim?

T: Antes eu ia bastante, aí quando eu casei, eu peguei e diminuí, não ia em nada..aí nesses últimos tempos comecei a sair de novo.

M: E o que você gosta da festa?

T: Tudo, o pessoal. É gostoso o ambiente, sabe?

M: É, e sobre as roupas. Você diria que tem muita diferença nas roupas que você usa no dia a dia e nas que você vem pra festa?

T: Tem, nos outros dias eu uso calça, camisa. A maioria de garçoneiro padrão

L: Por que que você..

T: Não, por que..andar assim em meio de semana é tenso né? ”Ó a piriguete vindo ali”

R: Por que não usar as roupas que você usa no dia a dia no baile funk?

T: Por que prende muito, segura muito as pernas, moço, ainda mais pra quem dança.

L: É mais pra dançar, assim?

R: Mas é só pra dançar?

T: Isso. Que nem, eu sou promotor e danço no palco, vou dançar de calça jeans? É osso né?

R: Mas se acha que tem alguma coisa a ver com o estilo de vida?

T: Tem um pouco.

Lu: Você se sente melhor com esse tipo de roupa?

T: Não diferencia de nada os dois tipos de roupa.

M: E agora se tá, saindo com alguém?

T: Eu tô com uma pessoa aí..

M: E assim, como é que ela costuma se vestir?

R: Essa pessoa aí

T: Ah, ele costuma se vestir normal..calça, camisa ou bermuda e tênis

R: Costuma ser de marca?

T: É ele é meio fresco.

R: Você acha que faz diferença a pessoa se vestir com roupa de marca, se ela chama mais atenção..

T: Nenhuma

R: Se as pessoas prestam mais atenção nas que se vestem assim

T: Pra mim particularmente não, pra mim vale o caráter..as piranhas quer roupa de marca, quer carro, quer dinheiro..

L: E por que você acha que elas querem isso?

T: Por que é o que você vê, tipo..

Lu: Você tem alguma marca preferida, assim? Pra roupa, maquiagem?

T: Não, minhas maquiagem é tudo baratin, tudo muito extravagante, eu gosto que elas pega bem, elas fixa mais que as de marca.

M: E, quando você tem uma renda extra, com o que que você gasta?

T: Maquiagem, sapato, roupa, celular (risos)

Lu: E sapato, você compra de marca?

T: Eu gosto da Viamarte bastante

Lu: A gente também viu que tem bastante gente que usa Melissa, você gosta?

T: É, eu não curto muito não, ela machuca muito

L: Ah é?
M: E qual foi o valor máximo que você já gastou com alguma roupa ou acessório?
Lu: Maquiagem..
T: Sou meio compulsiva, sabe gente? Pega o salário e vou lá e compro o que eu quiser eu posso ir lá e..
M: Mas numa coisa só, assim?
T: 380 numa camisa.
M: Foi o mais, assim?
T: É, só numa camiseta!
L: Por que que você comprou ela?
T: Por que eu gostei, eu achei bonitinha, aí eu peguei e comprei.
L: Ela é de alguma marca em especial ou não
T: Era da...Emeze(?) Dolce Gabanna,é
M: E, se tem algum sonho de consumo?
T: Tenho. Eu ainda vou comprar minha moto.
M: Que moto?
T: Eu pretendo ter uma Kawasaki (risos)
R: Por que uma Kawasaki e não uma Honda?
T: Por que eu acho bonita, mas não tenho nada contra as fanzinha também, mas a que é a minha cara é a Kawasaki;
M: E celulares, se falou se tem, quantos você tem?
T: Dois
M: E os dois são Smartphones?
T: Não, é..
L: Esse aqui, os dois?
T: É
M: E que que fez você escolher ele? Por que você comprou?
T: Ah, gostei do modelo, câmera frontal..
L: E quais são seus planos pro futuro?
T: Oi?
P: Planos pro futuro, você tem?
T: Então, agora que minha mãe tá pegando muito no meu pé eu acho que vou voltar pra escola, é e meu sonho é ser veterinária
Lu: Legal
R: É, e hoje você acha que sofre algum preconceito por vir em baile funk?
T: Não, e se eu soffro , é aquele negócio, cada um tem seu estilo né, o roqueiro sofre o preconceito dele, o funkeiro o dele, e assim vai. Se a gente for ligar pro preconceito dos outros, a gente não anda..
R: Mas no dia a dia você ouve alguém fazer algum comentário?
T: “Ó a cachorra vindo ali!”.
R: É, ouve mesmo?
T: É..Alguns idiotas fazem essas piadinhas..não, é pouca, entendeu? Mas quando joga também..
P: Se acha que diminuiu nos últimos 5 anos ou aumentou o preconceito, tá a mesma coisa?
T: Tá a mesma coisa, a mesma coisa. Preconceito sempre vai ter né gente

Lu: E se acha que o pessoal conhece mais o funk agora que antigamente, há uns 5 anos?

T: Conhece, conhece, por que, você sempre que você vira tem um escutando

R: E a sua família tem algum preconceito por você vir, gostar?

T: Só a minha mãe. Ela é chaata, nossa.. só que todos meus irmão escuta, aí é aquela guerra dentro de casa.

R: Seu marido tinha algum preconceito?

T: Não, ele até cantava, só que ele era muito chato, reclamava de roupa, reclamava de tudo, ai

Lu: É isso então?

R: É isso então.

T: Tem mais gente?

Pamela/Mariana/Luiza: Obrigada.

Lígia/Rafael: Obrigada.

T: Nada.

Anexos III – Levantamento Socioeconômico

Luana

Classe: média

2000~2500 para 2 pessoas - ela e mãe

estudou até 3º ano, pública, telemarketing (cobrança)

pais: estudaram até a 4ª série

Condição melhorou, razões familiares - morar separada do pai?

Danielle

Classe: à mais humilde. “Não tem como falar que eu sou classe C sendo que eu não sou”

Renda: 4 mil para 2 pessoas - ela e mãe

estudou até 1º grau, escola pública.

mãe: não estudou

pai: até 5ª série

não trabalha, não é estudante

Condição “melhorou, *muito*”. Antigamente as coisas eram mais difíceis, precisava de muito dinheiro pra ter um mercado, trabalho pra pedreiro era muito difícil.

MC Ruanzinho

Classe: Periferia

Renda: não diz. “É muito relativo”; ganha +- mil reais por show (para 2 pessoas - ele e mãe)

estudou até 1º ano, escola particular

pais terminaram estudo, não fizeram faculdade

vive do funk

MC BR da Baixada

Classe: Média; “não tão alta, mas dá pra viver”

Renda: “não é tão alta, mas também não é baixa”; chute: 5 mil para 3 pessoas (ele e avós)

Estudou até o ensino médio, escola pública

Mãe: até a quinta série

Pai: “por aí também”

Trabalha como balconista em loja de ferragens e materiais pra casa

Condição: “creio que melhorou”, porque ele está trabalhando, a avó está aposentada.

Hoje tá mais fácil, comprar parcelado etc.

Wellington

Classe: A

Renda: 5 mil (quantas pessoas?)

1º ano, pública, cantor

Mãe: 3º ano do Ensino Médio

Pai: 2º ano do Ensino Médio

Condição de vida melhorou, mais fácil comprar o que quer, razão: Deus.

DJ Everton

Classe: Média

Renda: 8 mil

Estudou até 3º ano, começou faculdade e trancou; escola pública, DJ e motorista de caminhão (principal renda do funk, motorista = área registrada). Condição de vida melhorou bastante, trabalho.

Mãe: até a 6ª série

Pai: ensino médio completo

William

Classe: “A mais humilde que tiver”

Renda: 7 a 8 mil para 3 pessoas

MC, empresário, radialista, locutor

Estudou até 3º ano, quer fazer faculdade de engenharia civil.

Mãe: até 3º ano

Pai: até 6ª série

Condição melhorou muito - em conforto, em tudo, pra ele está mais fácil de comprar, porque sempre investiu com arte.

Thais

Classe: baixa

Renda: 10 mil (para 9 pessoas)

Estudou até 1º ano (fugiu da escola), escola pública

Mãe: completou todos os anos

Pai: nunca perguntou

atendente de restaurante, promoter

Condição melhorou bastante, motivo: força de vontade; melhorou em todos os aspectos, todos os irmãos se bancam sozinhos, sem depender da mãe. É mais fácil comprar as coisas.

	antes	depois
Danielle	pai: zelador mãe: faxineira residência: própria TV: - celulares: 4 (quando pai morava em casa) micro-ondas: 0 computadores: 2	pedreiro dona de mercadinho própria 2, 1 a cabo 2, smartphones 1 0
Luana	pai: operador de máquina mãe: supermercado, lanchonete residência: própria TV: tinha celulares: - micro-ondas: - computadores: -	operador de máquina limpeza (na Uol) própria 1, normal 3 (2 dela), todos smartphones 1 0

Ruanzinho	<p>pai: vendedor mãe: cozinheira residência: própria TV: 3 parabólicas celulares: 1 muito simples micro-ondas: 0 computadores: 1 simples</p>	<p>vendedor cozinheira própria 3 a cabo 2 (1 nextel, 1 smarthphone) 1 2 notebooks, 1 computador</p>
BR da Baixada	<p>pai: segurança mãe: diarista residência: própria TV: 1 celulares: - micro-ondas: acha que 1 computadores: ?</p>	<p>não sabe (o deixou com 2 anos) diarista própria 1 parabólica 2, não smartphones (segundo ele, mas 1 é) 1 1, não está pegando</p>
Wellington	<p>pai: chefe de firma plástica mãe: chefe de firma plástica residência: própria TV: não lembra, 2 ou 1 celulares: tinha micro-ondas: tinha computadores: 1</p>	<p>aposentado aposentada própria 4 (2 a cabo) tem tem 2 notebooks, 1 computador</p>
DJ Everton	<p>pai: estudante mãe: dona de casa residência: própria TV: 1, normal telefones celulares: 0 micro-ondas: 0 computadores: 0</p>	<p>engenheiro elétrico trabalha com eventos infantis própria 3, a cabo 2 nextel, 3 normais 1 2</p>
William	<p>pai: mestre de obras, mas (?) mãe: cozinheira residência: alugada (caseiro) TV: 1 celulares: micro-ondas: tinha computadores: 2</p>	<p>19 profissões, mestre de obras (pensando em montar firma de cozinha industrial) própria 1 a cabo, tecnológica 3 (1 nextel, 2 smartphones) tem 2 notebooks, 4 computadores</p>
Thais	<p>pai: atendente de hotel mãe: funcionária pública residência: própria TV: na avó, 3 celulares: 0</p>	<p>não sabe auxiliar de enfermagem alugada (mesmo tendo uma própria, da avó) 1, a cabo 2 (dela, ambos smartphones)</p>

	micro-ondas: 0 computadores: 0	1 1 notebook
--	-----------------------------------	-----------------

Anexos IV – Músicas

Músicas e MC's presentes nas festas e citados pelos entrevistados e informantes e relevantes para a pesquisa

MC Pedrinho

Vida Diferenciada (part. MC Léo da Baixada)

(2014)

Traz Whisky, Red Bull pra comemorar
Deixa ela se divertir, viver e ostentar
Vida diferenciada é no Guarujá
Só não vale se apegar e nem se apaixonar.

Moleque bem vivido, pensando no amanhã
Prepara minhas coisas, partindo pra Amsterdã
Comecei lá de baixo e eu sei que superei
Fui levando a diante, tu que eu sempre sonhei.

Mc Daleste

As Top's de Angra

(2013)

Eu sou daleste com as top's de angra do lado
Cheguei sai fora voltei mais bem acompanhado.

Cheguei sai fora voltei mais bem acompanhado
Eu sou daleste com as top's de angra do lado

São Paulo é ostentação o dele é lata o meu é ouro
O que eles tem nós tem em dobro

Nóis tem tanto dinheiro, que to ate enjoando
De onde ele vem tu vai morrer se

perguntado
Malandro é malandro mané é mané
Cada um na sua eu vou na minha assim que é.

House de boy com nove quartos tudo liberado
Certo é o certo o errado é o errado
Sem responsabilidade ninguém e de ninguém
Vilão que é vilão faz bandida virar refém

A 240 partindo para os bailes
O moleque doido ta sem freio na nave
Antes contava moeda hoje só conta nota de cem
Chama as top's vem, vem, vem, vem, vem, vem.

Mc Livinho
Origem

(2014)

Menino que era pequeno cresceu, sua mente desenvolveu
Que agilidade, virtude da vida ele concedeu
Uma jóia muito rara difícil de encontrar
Na mente veio as ideias e começou a rimar.

Muitas barreiras teve, mas não o abalou
Pois tudo que ele sonhou bastante conquistou
Só de nave do ano, de carro importado
Destaque da Range Rover, Nextel do lado.

O Juju tá na cara, o Rolex no pulso o Cavalo Ralph Lauren destacou o

Mc Léo Da Baixada
Estilo de Bandido

(2014)

O meu jeito de andar olha o estilo do meu pisante,
No pulso o breitling bracelete de diamante.
As novinha tão loka e as cachorras toda latem,
O brilho do cordão é peso de vários kilates.

Armani, Calvin Klein e parte da Nike 90,
Aroma da natura pra combinar com a vestimenta,
O ronco do motor, ele é posante e exuberante,
Em cima da bandit ela me olha a todo instante.

O malote no bolso, pode pedir o que tu quiser,
Whisk importado, red Bull e várias

conjunto
Quando chego no baile já sabe como é Camarote reservado e várias mulher.

Mas não me iludo com isso porque pra mim é pouco
Pois o sonho de um guerreiro é alcançar o topo
Persistência na luta, cabeça erguida sempre
Porém o fruto da humildade é o elo da corrente.

Então chega ai, então pode chegar
Nosso bonde é boladao, joga os malote pro ar.

Então chega ai, então pode chegar
Nosso bonde é boladao, joga os malote pro ar
Nosso bonde é boladao joga os malote pro ar.

mulher.
A mesa tá lotada, já separei do meu chaveiro
Eu posso te dizer, eu tenho a chave do puteiro.

O porte na cintura combina com meu nextel,
Nóis tem acesso vip, oê na suite do motel.
Mais se quiser caxeta treta de elite é o que nós tem,
Mais não se apega muito, oê nós não fica com ninguem.

Mais vou te avisar que a firma é forte, nós é foda
No estilo bandido, anda na grife e lança moda.

Eu vou te avisar que a firma é forte, nós é foda
No estilo bandido, anda na grife e lança moda.

Mc Léo Da Baixada e Daleste
Ostentação fora do normal
(2012)

Ostentação fora do normal
Quem tem motor faz amor
Quem não tem passa mal

Ostentação fora do normal
Quem tem motor faz amor
Quem não tem passa mal

Hoje tem baile funk me trajei no estilo,
liguei no ID
Da bandida quando der meia noite eu
vou te buscar
Convida suas amiguinhas tá bom?
Conta pra ninguém, também não pode
tira foto
Quando amanhecer vou levar vocês pra

MC Kauan
Shopping Center
(2014)

Aê eu falo assim pra ela ó:
Joga a camisa, joga a bermuda, joga o
boné & tênis na mesa
Agora abaixa as porta porque eu quero a
loja inteira (2x)

Agora abaixa as porta, agora abaixa as
porta... tá ligado né moleque ?

Jamais nós vai no shopping quando tá
em liquidação
Nóis gosta de pagar caro, nós qué
produto do bom
Nu importa se é 500, 600 ou 700,
O importante dessa porra é levar os
lançamento.

Quando nós chega na loja, balconista
se impressiona

Nossa Melhor Façanha

dar um rolé de helicóptero
A pegação é lá no ar, aproveita que nós
á bancando
E enquanto geral tá dormindo ninguém
tá sabendo
Mas eu tô lucrando então.

Eu sei como te impressionar
Boto o cordão pra fora que elas morre
Vou de RR trajado de Cristian, as
mulherada entra em choque
Eu sei que elas sabe o que é bom
Eu sei que elas sabe o que é bom
Vem que é o Daleste e o Léo da
Baixada
E até a santinha desse até o chão
Chamei as santinhas, chamei as taradas
Pra dar um rolé em alto mar
E quando a lancha para é que a festinha
vai começa. Então!

Oakley da cabeça aos pés, nós faz 5.
ooo de compra
Gerente chega perto & paga um pau
também
Porque com dinheiro no bolso tu sempre
se sente bem

Só relógio cabuloso, relógio de marca
grife
Aquela camisa polo, calça jeans &
puma disk
O cordão de ouro pra fora, que é pra te
chama atenção
Um perfume Hugo boss em qualquer
lugar tá bom...

...& detalhe disso tudo, é os brilho que
impressiona
Conforme cê mexe a mão, aquela
dedera mostra
Conforme cê mexe a mão, aquela
dedera mostra
& detalhe disso tudo, é os brilho que
impressiona...

Mc Dimenor DR
(2014)

Na pegada que eles tenta nós estamos
vindo
Faça seu desejo, que nós atente a pedido
Os carros é tunado, e os moleques é
taloso
Pra pegar as mais gatas nós não
fazemos esforço.

Chama as top model, aquelas que
fascina
Elas vem de fora, mulher seja bem
vinda
Longe do declínio, malandro calculista

Mc Rodolfinho
Mustang
(2014)

Tô no pião de Mustang, tô no pião de
Mustang
Com um cordão gigante
Aquele bolão de 100, aquele Giorgio
Armani
Aonde chego elas entram em pane
Onde eu chego elas entram em pane.

Andar de naveira já virou costume
Tanta aquisição que até me confunde
Nada de aparência que a parada é
quente

Kit da Ed Hardy
Mc Dedé
(2012)

Ela Deu um role de 1100...
Ela deu um role de Hayabusa...

Ela anda só de ED HARDY que nos
tem camisa Bombeta e blusa

Quem vem da minha terra é a mesma
batida.

E o comboio é monstro, só de Hummer
pra cima
De Juju na cara só filmando as felinas
Quer fazer valer então, tá feita a aposta
Nós faz logo o hit da sua trilha sonora.

Nóis não se cansa, eles não alcança
A vida mudou e você notou a mudança
Nóis tá de Elantra, as gatas se assanha
Mexer com a sua mente é nossa melhor
façanha.

Eu gosto das onças mas prefiro os
peixes

Nós que faz o rolê de Yamaha e R1
Quando eu acelero ela empina o
bumbum
Champanhe pra ela garçom trás, trás
Eu sei que os cara forga, mas nós já é a
mais

Nós tem de tudo, carro de luxo
Dinheiro e muito
E as minas que cola parece de outro
mundo

Vem pro camarote, com "uísque"
Johnny Walker
A que não gostar de mim vai gostar do
meu malote.

Então liga toda galera
Então liga toda galera

Porque o show e do MC Dede
Vem bandida vem a cinderela
To ninfeta tira um lazer. Tira um lazer,
(3x)

Ela dança com a mão no cabelo
De vestido curto...
Ainda tira vantagem de vestido da ED
HARDY.

Ele passa com um mizuno monstro
Com cordão de ouro 18 quilates

Só portando é ED HARDY

De mizuno perfume e o Ferrari
O cordão é 18 quilates
Vem comigo na onda do momento
Brilhante e chavoso portando Ed Hardy
Cheio de pedras abrilhantadas
Do jeitinho que as bandida gosta
As modelo desfila pra grife
Pra divulgar é o Gaúcho que porta

Plaque de 100

**MC Guimê
(2012)**

Contando os plaque de 100, dentro de
um Citroën
Ai nós convida, porque sabe que elas
vêm
De transporte nós tá bem, de Hornet ou
1100
Kawasaki, tem Bandit, RR tem também

A noite chegou, nós partiu pro Baile
funk
E como de costume toca a nave no
rasante
De Sonata, de Azzera, as mais gata
sempre pira
Com os brilho da jóias no corpo de
longe elas mira
Da até piripaque do Chaves onde nós
por perto passa
Onde tem fervo tem nós, onde tem fogo
há fumaça.

Bonde da Juju

**Backdi e Bio-g3
(2008)**

Quem não é, não se mete

Porra
Nóis só porta Oakley
É o bonde da Juliet

As top chega de Veloster
Vestindo Ed Hardy ela me deixa louco
O Vestido subindo com as flores
E no pescoço corrente de ouro
Ela pede logo seu blue label
E o copo vem com Red Bull
As bandida vem de Hayabusa
E as ninfeta pilota R1
Peço a Deus que me livre do mal
A inveja é a maldade do homem
Brilha Ed Hardy da cabeça aos pés
Um cordão dois quilos é um pingente
com nome

É desse jeitinho que é, seleciona as mais
top
Tem 3 porta, 3 lugares pra 3 minas no
Veloster
Se quiser se envolver, chega junto,
vamo além
Nóis é os pika de verdade, hoje não tem
pra ninguém.

Nóis mantém a humildade
Mas faz sempre parar tudo
E os Zé povinho que olha, de longe diz
"que absurdo"
Invejoso se pergunta tão maluco o que
que é isso
Mas se pergunta pra nós, nós responder
"churiço".

Só comentam e critica, fala mal da
picadilha
Não sabe que somos sonho de consumo
da tua filha
Então não se assuste não, quando a
notícia vier à tona
Ou se trombar ela na sua casa, em cima
do meu colo, na sua poltrona.

Tá de Juliet, Romeo 2 e Double Shox
18 K no pescoço, de Ecko e Nike Shox
Tá de Juliet, Romeo 2 e Double Shox
Vale mais de um barão, esse é o bonde
da Oakley

Porra
Nóis só porta Oakley
Hei Hei Hei Hei

É o bonde da Juju
É o bonde da Juju
Porque água de bandido
É uísque Red Bull

É o bonde da Juju
Ó os mano só de Juju
Porque água de bandido
É uísque Red Bull

O bonde da Juju
Tá de Ecko, tá de Oakley.

Vida Boa

Mc Gui

(2014)

Vida boa, vida boa
Chegando com meu evoke
As meninas ficam loucas.

Vida boa, vida boa
Chegando de lamborghini
As meninas ficam loucas.

Na balada não tem jeito
Onde eu chego eu represento
Zé povinho passa mal
Eu sou o cara do momento

Chama elas que elas vem, vem
Vem pro camarote

Mc Bin Laden

Kit do Vilão

(2014)

Nóis tá de Juju
De colete e luva na mão
Abre a umbrela
Kit dos vilão
Abre a umbrela
Kit dos vilão

A Oakley tá de volta
Mas nunca foi embora

Tá de Juliet, Romeo 2 e Double Shox
Os mano de Mark Ecko, as mina de Eco
Red

Pra completa o visu, ó bonde de juliet.
Tem a Fire a is Red, tem a pena e a
ruby.

Ó o bonde da juliet, tá passando por
aqui.

O Nandinho ta convocando
Pra subi as mina top.

Então escuta novinha
Tu tem 2 opção
Que subi na minha garupa
Ou entra no meu carrão

Não vai embora a pé
Vai parti de santa fé
Um apê no Guarujá,
Ou um hotel onde quisé

Hoje vocês tão com nós
E vai ser primeira dama
Pode consumi
Que depois nós vai pra cama

Vida boa-vida boa
Com o gui e o Nandinho
As meninas ficam loucas
Nóis só usa ó...
É elite, não é moda.

Nóis que tá de volta
Mas nunca foi embora
Nóis só, nós só, nós só, nós só
Nóis só usa ó
É elite, não é moda
Nóis só, nós só, nós só, nós só
Nóis só usa ó...
É elite, não é moda.

Mc Nego Blue
A Vida Que Eu Pedi Pra Deus
(2012)

Hoje é dia de role
Deus me dá e procede
Mandei uma mensagem
Pras novinhas qual vai ser?

E o veloster eu vo tocar
E o perfume exalar
Ed hardy eu to portando
De ktron nois tá forgando
Sitio, casa com a piscina
Baile em Santa Catarina
Pega varias novinha
Nego blue que tá na gama

Que é luxuria e ostentação
A grossura dos cordão

Então faz por merecer
Pra ser a princesa do negão

A vida que eu pedi
A vida que eu pedi pra Deus
Eu garanti uma mansão no Morumbi
Na pista to de cayenne
Na água de jet sky (x2)

Hoje é comemoração
Traz o whisky e o chandon
Seleciona as mais gatas
Pra enfeitar a mansão

De hammer vou embrasar
Não tem como não nota
Vou te fazer um convite
Bota o seu decote chique

Som de Preto
Amilcka e Chocolate
(2005)

É som de preto
De favelado
Mas quando toca ninguém fica parado
Tá ligado
É som de preto
De favelado
Demoro
Mas quando toca ninguém fica parado
O nosso som não tem idade, não tem raça
E não tem cor
Mas a sociedade pra gente não dá valor
Só querem nos criticar pensam que somos animais
Se existia o lado ruim hoje não existe mais
Porque o funkeiro de hoje em dia caiu na real
Essa história de porrada isso é coisa banal
Agora pare e pense, se liga na resposta
Se ontem foi a tempestade hoje vira abonança
É som de preto
De favelado
Mas quando toca ninguém fica parado
Tá ligado
É som de preto
De favelado
Demoro
Mas quando toca ninguém fica parado
Porque a nossa união foi Deus quem consagro
Amilke e Chocolate é new funk demoro
E as mulheres lindas de todo o Brasil
Só na dança da bundinha pode crer que é mais de 1000
Libere o seu corpo vem pro funk vem dançar
Nessa nova sensação que você vai se amarrar
Então eu peço liberdade para todos nós Dj's
Porque no funk reina paz e o justo é o nosso rei
É som de preto
De favelado
Mas quando toca ninguém fica parado
Tá ligado

É som de preto
De favelado
Demoro
Mas quando toca ninguém fica parado
É som de preto
De favelado
Mas quando toca ninguém fica parado
Tá ligado
É som de preto
De favelado
Demoro
Mas quando toca ninguém fica parado
É som de preto
De favelado
Mas quando toca ninguém fica parado
Tá ligado
É som de preto
De favelado
Demoro
Mas quando toca ninguém fica parado

Como é Bom Ser Vida Loka
Mc Rodolfinho
(2012)

É o som do mc rodolfinho
Mas dessa vez não tô sozinho,
Tô com kondzilla e com meu mano dj nino.
Pra todos vida loka

Bolso esquerdo só tem peixe,
E o direito ta cheio de onça,
Ai meu deus como é bom ser vida loka

De carrão, de motona,
O bagulho te impressiona,
Ela brisa, ela olha, ela pisca, ela chora,
Só pra andar de navona,
Ai meu deus como é bom ser vida loka

Traz bebida pras gatona,
Deixa elas malucona,

Camarote, área vip, baladinha mostra,
Ai meu deus como é bom ser vida loka
Final de semana, só aventura,
Fluxo também, se tem balada,
Casa lotada, se prepara que hoje tem.

E nós sai de casa pesadão,
Apavorando de carro zero,
Bate o contato da ix35,
Acelera o camaro amarelo.

Tamo de griffe, de areá vip,
Envolvido na situação,
Novo mizuno, boné da quik,
E as ice thug tampando a visão.

É o som do menor rodolfinho,
Estremecendo os coração dos fã,
O progresso de hoje,
É a garantia a de amanhã.

Relógio rolex, double x,
Ed hardy a firma é forte,
Chego no shopping,
Ei gerente,
Quero sair daqui todo de oakley.

Saca o malote, joga na mesa,
Que diferença que faz uma grana,
Tá ligado, ei balconista,
Quanto que custa você na minha cama.

Vem não tem tempo ruim,
Disposição ta exalando,
Bate no radio, tô disponível,
É só falar qual é o plano.

Pé no chão, consciente,
Na melhor hora nós ataca,

Imbicamo na agência,
E saímos de veloster sem placa.

Cordão de ouro no pescoço,
Ferrari dos novo na cintura,
Qual que é o corre do menino,
É o que os bico se pergunta.

Se que saber eu vou dizer,
Joga lá no youtube,
Aproveita me faz um favor,
Compartilha esse vídeo,
Lá no facebook.

Nós ta pesado, mesmo sim,
Não vou negar para você,
E a pati chora,
As cachorra adora,
E a concorrência quer morrer.

E quando o bonde passa,
Chama atenção das mais top da vila,
Ela olhou, disfarçou,
Mas depois comentou com as amiga.

Comentou tipo assim,
Com esse menino ai eu caso,
Ele tem dinheiro, ele é ligeiro,
Não anda a pé, só de moto, ou de carro.

E se as amiga pergunta,
Esse menor onde se conheceu,
Fala pra elas colar na quebrada,
Que os moleque é mesma fita que eu.

Nossa senhora, ave maria,
Eu vou tocar o puteiro,
Fica a vontade na limousine,
Que eu vou fazer chuva de dinheiro.

Jogo a de 5, jogo a de 10,
Jogo a de 20, jogo as onça,
Ai meu deus como é bom ser vida loka

Ai meu deus como é bom ser vida loka

Anexos V - História do Funk

O funk como estilo musical e de manifestação cultural tipicamente brasileira já tem uma longa história, que é bem mais longa quando consideramos seus primeiros passos dados fora do país, em especial nos Estados Unidos.

Muito se discute hoje a respeito do alto teor sexual e das batidas repetitivas das músicas de funk brasileiras, alegando-se que tais características não refletiriam o “funk de verdade, dos primórdios, aquele do James Brown” sem saber que são justamente esses traços que caracterizam o funk desde aqueles tempos.

Os primeiros registros que se tem do termo o tratam como uma gíria muito difundida entre os afro americanos do início do século XX para fazer referência ao odor exalado pelos corpos durante ou após o ato sexual, *funk funk*. Ainda hoje no Brasil, HQ's usam onomatopeia parecida para representar cheiros: *func func*, demonstrando alguma ligação com o ancestral *funk funk*.

Além dessa acepção, significava também “dar uma apimentada na música”, como ao acrescentar-se riffs na música, dava-se um “funk”.

Desde então esteve constantemente associado aos subúrbios americanos e às músicas feitas por seus moradores majoritariamente negros. Como estilo musical independente do soul, R&B ou do jazz, surge na década de 60 com James Brown, ao radicalizar e mudar o tempo musical tradicional de 2:3 para 1:3, base ligada na época às “músicas de brancos” em pleno tempo de segregação racial, adicionou também metais ao som e estava criando o *funky*.

Pouco depois, na década de 70 o funk já quebrava fronteiras e chegava no Brasil, primeiro, nos bailes promovidos por DJ'S viajados que tocavam o que ouviam ser a última tendência em música dançante lá fora. Um dos primeiros palcos do funk fora a lendária casa de shows Canecão, onde era realizado o chamado “Baile da pesada”.

Não demorou muito para que subisse aos morros e se tornasse o ritmo preferido entre os jovens moradores das favelas, tornando-se um dos maiores fenômenos de massa do Brasil.

Na década da 80, o antropólogo Hermano Vianna foi o primeiro cientista social a abordá-lo como objeto de estudo para sua tese de mestrado; durante a pesquisa fizera amizade com o então ascendente DJ Malboro, que recebera de presente do antropólogo uma bateria eletrônica, com a qual produziria o primeiro disco de funk brasileiro “FUNK BRASIL” em 1988. Com influencia de ritmos emergentes no exterior como o Miami bass e o freestyle, o funk carioca era de início uma versão em português das músicas de sucesso lá fora.

Pouco a pouco, foi-se criando melodias propriamente brasileiras e as letras buscavam referências no também novato *rap* nacional. Na década de 90, o funk melody multiplicou-se, juntamente com os bailes nos quais eram tocadas, e conseqüentemente a popularização do ritmo. Nesse tempo, começa a crescer o preconceito aos funk e aos funkeiros, caracterizada como “som de preto e favelado”, e por isso, som de marginais.

Ao fim da década de 90 e início dos anos 2000, o funk começa a falar de temas mais eróticos e sensuais, o pancadão, tendo seu auge até o fim da década. Nesse tempo o funk carioca popularizou-se por todo o Brasil e pelo mundo.

Até pouco tempo, funk brasileiro era sinônimo de funk carioca o que passou a mudar recentemente com a ascensão do funk ostentação ou funk paulista ao topo dos ritmos funk mais ouvidos. Em São Paulo os funks produzidos antes do ostentação, não se

diferenciavam muito dos funks cariocas a não ser pela diferença de sotaque. A violência nas comunidades, o erotismo, eram temas constantes.

Porém, a partir de 2008 surge o Funk Ostentação com MC Bio G3 e seu “Bonde da Jaju”, música na qual ostenta óculos de grife, os juliettes, colares de ouro e tênis de marca. O sucesso veio de imediato, mas a partir de 2011 e do lançamento do 1º vídeo-clipe de funk ostentação, “Megane” de Mc Boy do Charme, centenas de MC’S passaram a cantar a ostentação e o sucesso era grande para cada novo vídeo clipe e Mc que surgia no cenário.

Kondzilla, produtor e empresário foi o responsável pela criação da estética da ostentação. As mulheres dançando em volta de caros carros, muitas jóias, notas e bebidas caras. Adaptação da estética do hip hop americano de nomes como 50 Cent ou Snoop Dogg, a ostentação de bens materiais tornou-se regra nos dois anos seguintes em boa parte dos clipes de funk e até mesmo de outros ritmos musicais, como o tecnobrega e o sertanejo que incorporaram tais elementos em suas letras e produções.

Referências bibliográficas

Bibliografia Obrigatória

(1) BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.

(2) FREIRE, Libny Silva. **Nem luxo, nem lixo**: Um olhar sobre o funk da ostentação In: Revista Entremeios, Pouso Alegre, v. 9, n. 9, 2012.

(3) MIZRAHI, Mylene. **Indumentária funk**: a confrontação da alteridade colocando em diálogo o local e o cosmopolita. In: Horizontes Antropológicos, Rio de Janeiro, n. 28, 2007.

(4) POCHMANN, Marcio. **O mito da nova classe média**. São Paulo: Boitempo, 2014.

Bibliografia Complementar

(5) BATISTA, Raquel de Aguiar. **Funk, cultura e juventude carioca**: um estudo no Morro da Mangueira. 2005. 72 f. Dissertação - Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.

(6) BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

(7) MEDEIROS, Janaina. **Funk carioca**: Crime ou cultura? O som dá medo. E prazer. Rio de Janeiro: Editora Terceiro Nome, 2006.

(8) PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Funk ostentação em São Paulo**: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação In: Revista Estudos Culturais, São Paulo, v.1, n.1, 2014.

(9) VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

(10) FUNK Ostentação. Realização: “A Liga” / Emissora Band. Produção: Sebastián Gadea. São Paulo, 2013. Reportagem, 58’40”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=vAsS5vcC_iY&index=99&list=WL>. Acesso em: outubro de 2014.

(11) FUNK Ostentação. Realização: Quarto Mundo/ IPTV USP. São Paulo, 2013. Entrevista, 24’43”. Disponível em: <iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=7323>. Acesso em: outubro de 2014.

(12) FUNK Ostentação - O Filme. Realização: Kondzilla / 3K Produtora / Funk na Caixa. São Paulo, 2012. Documentário, 36’31”. Disponível em: <<http://vimeo.com/53295440>>. Acesso em: outubro de 2014.

(13) FUNK Ostentação: o Sonho. Realização: Bendita Filmes/Marques Mariano Produções São Paulo, 2014. Documentário, 23',42''. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=QjrGVmKEF3Y>. Acesso em: outubro de 2014.

(14) NO Fluxo!. Realização: Renato Barreiros. São Paulo, 2014. Documentário, 16'35''. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=G4HCHChb9k>. Acesso em: 2 de dezembro de 2014.

(15) REVISTA 247. A história do funk carioca contada pelos MC'S. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/128761/A-hist%C3%B3ria-do-funk-carioca-contada-pelos-MC's.htm>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2015.

(16) SOUL BRASILEIRO. Funk. Disponível em: <<http://soulbrasileiro.com.br/main/brasil/musica/funk/funk/>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2015.

(17) COMPLEXO DO FUNK. A origem do funk e sua evolução. Disponível em: <<http://complexodofunk.com.br/site/2014/03/29/origem-funk-e-sua-evolucao>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2015.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA II

Profª Paula Marcelino

Lígia Coelho Janasi nº USP 4327912

Luiza Heyden Zerbinatti nº USP 8979386

Mariana Quadrada Santos nº USP 8978854

Pamela Carla Gomes da Silva nº USP 8577499

Rafael Aparecido Martins Frade nº USP 8032143

(5)

PLANO DE PESQUISA

a) **TEMA:** Funk ostentação em São Paulo e a emergência da "nova classe média" brasileira.

b) **PERGUNTA DE PESQUISA:** De que maneira o funk ostentação traduz um modo de parte da "nova classe média" projetar uma identidade por meio do consumo?

c) **CAMPO:** Bailes Funk em Francisco Morato e Franco da Rocha; frequentadores dos bailes e MCs.

Campo parece muito extenso.

d) **HIPÓTESE:**

Na última década, uma parcela considerável da população brasileira teve maior acesso ao consumo ou produtos industrializados. Surgiu, então, a hipótese de que ela corresponderia a uma suposta "nova classe média". No entanto, de acordo com Marcio Porchmann, as características dessa parcela não fazem com que ela se enquadre como parte da classe média tradicional – corresponderiam, na verdade, a uma parcela da classe trabalhadora que, devido a diversos fatores (queda do desemprego, aumento do rendimento médio e da inserção da mulher no mercado de trabalho, entre outros), tiveram maior acesso aos bens de consumo.

Os componentes da classe trabalhadora também expandiram seu acesso a tecnologias importantes em consequência da repercussão da grande mídia, dos desejos de consumo e ascensão social atrelados à possibilidade de se ter acesso aos bens materiais já adquiridos pela classe média tradicional, cuja privação colocava a classe trabalhadora numa posição de inferioridade na hierarquia social.

EAC

Para Bourdieu, os bens culturais considerados legítimos e superiores estão relacionados a posições de classes também superiores no espaço social; essas classes tem o poder de impor seu estilo de vida e modo de consumo como legítimos, fazendo com que grupos de posição social inferior aceitem tais padrões de consumo e estilo.

Acreditamos que esses valores são formas de criação de auto-identidade e o funk ostentação é uma forma de expressão cultural que reflete esse processo.

boa justificativa

e) BIBLIOGRAFIA:

- ✓ (1) PORCHMANN, Marcio. **O mito da nova classe média**. São Paulo: Boitempo, 2014
- ✓ (2) FREIRE, Libny Silva. Nem luxo, nem lixo: Um olhar sobre o funk da ostentação In: **Revista Entremeios**, Pouso Alegre, v. 9, n. 9, 2012. - *História do funk*.
- ✓ (3) PEREIRA, Alexandre Barbosa. Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação In: **Revista Estudos Culturais**, São Paulo, v.1, n.1, 2014. EACH
- (4) BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- (5) VEBLÉN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Abril, 1983.

(✓ O mundo dos bens - Mary Douglas)

↳ cap 2

- para ajudar a entender o Bourdieu. "Bourdieu e a educação". C. Hoqueira. "O espaço social e suas transformações!" e cap. 3

- guardem esta versão do plano, pois ela deverá ser anexada ao trabalho final.

"O habitus e o espaço dos estilos de vida"

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA II

Profª Paula Marcelino

Lígia Coelho Janasi nº USP 4327912

Luiza Heyden Zerbinatti nº USP 8979386

Mariana Quadrada Santos nº USP 8978854

Pamela Carla Gomes da Silva nº USP 8577499

Rafael Aparecido Martins Frade nº USP 8032143

PLANO DE PESQUISA

a) **TEMA:** Funk ostentação em São Paulo e a emergência da "nova classe média" brasileira.

b) **PERGUNTA DE PESQUISA:** De que maneira o funk ostentação traduz um modo de parte da "nova classe média" afirmar sua posição social por meio do consumo?

c) **CAMPO:** Festas funk, em Franco da Rocha, no espaço conhecido como "Chácara do Eddy", nos dias 30/11, 21/12/14 e em uma terceira data a definir; frequentadores das festas e MCs.

d) **HIPÓTESE:**

Para Marcio Pochmann, a reorganização das atividades econômicas em escala global possibilitou a massificação mundial do consumo a partir dos anos 90. Esse padrão incluiu bens não duráveis, como calçados esportivos, alimentação fast-food e roupas de grife, e de bens duráveis diversos, como veículos e eletrônicos. Essa massificação foi produzida pela generalização de um novo padrão de produção que alia alta tecnologia ao baixo custo de produção.

Assim, o comportamento dos preços de 1995 à 2012 mostra uma queda nos artigos de residência, como eletrodomésticos, alimentação e vestuário. Consagrou-se, então, a onda de consumo de bens duráveis mais acessíveis à base da pirâmide social brasileira.

Além da queda dos preços, houve mudança no padrão de rendimento dos brasileiros. Pochmann aponta, como fatores explicativos: a redução no tamanho médio

das famílias; aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho; queda do desemprego; aumento do rendimento médio real motivado pela elevação do salário mínimo, pelas negociações coletivas de trabalho e pelos programas de transferência de renda; e ampliação de crédito ao consumo popular.

Assim, no Brasil, a partir da década de 2000, parte da classe trabalhadora teve acesso ao consumo de bens duráveis, como televisão, fogão, geladeira, aparelho de som e computador. Entretanto, essa parcela não configura ^{uma} nova classe social, nem corresponderia a existente classe média. Ela constitui parte da classe trabalhadora reorganizada em novos padrões de consumo.

Os componentes da classe trabalhadora também expandiram seu acesso a tecnologias importantes em consequência da repercussão da grande mídia, dos desejos de consumo e ascensão social atrelados à possibilidade de se ter acesso aos bens materiais já adquiridos pela classe média tradicional, cuja privação colocava a classe trabalhadora numa posição de inferioridade na hierarquia social.

Utilizaremos, como arcabouço teórico, as categorias bourdieusianas de espaço social e *habitus*. O espaço social poderia ser definido como uma construção abstrata a partir da qual seria possível analisar os pontos dos quais os agentes enxergam o mundo social. Bourdieu o considera como o espaço prático da existência cotidiana. E *habitus* seria uma essência geradora de práticas que são objetivamente classificáveis e o sistema de classificação dessas práticas. A partir da relação entre a capacidade de produzir práticas classificáveis e definir o gosto sobre essas práticas, que constituem as duas dimensões pelas quais se constitui o *habitus*, é que se define o espaço dos estilos de vida. *referência?*

A relação entre a condição econômica e social e as características distintivas associadas à posição ocupada no espaço pelos diferentes estilos de vida não se torna compreensível, a não ser pelo *habitus* como meio de justificar práticas e julgamentos. As ações dos indivíduos são expressão do *habitus* de classe. O caráter sistemático das práticas de classificação e distinção encontra-se no cotidiano dos indivíduos, como no vestuário, alimentação e distrações culturais. O gosto, que é a disposição para apropriação e classificação de determinadas práticas, é "a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida", e é o que transforma coisas em sinais distintivos (BOURDIEU, 2007).

Assim, acreditamos que o estilo de vida próprio do funk ostentação está relacionado a incorporação de parte da classe trabalhadora a novos padrões de bens de consumo, e é uma expressão cultural, tanto considerando o vestuário dos frequentadores, como o conteúdo das letras das músicas, que reflete a posição desse grupo no espaço social, e para qual o consumo se configura como prática distintiva. *hem!*

e) TÉCNICAS DE PESQUISA:

- **Observação direta**, pois a festa funk é um momento no qual as pessoas interagem, e do contato com os pesquisados é possível depreender elementos que consideramos importantes para a análise, tais como as letras das músicas, as vestimentas (apresentação), o comportamento dos indivíduos e as relações afetivas;
- **Entrevista semi-dirigida**, pois esta é uma maneira de identificar se os entrevistados fazem parte da parcela emergente da classe trabalhadora. Além disso, como não há bibliografia diretamente relacionada ao nosso problema de pesquisa, esse tipo de entrevista permite que os indivíduos discorram sobre os elementos supra-citados;
- **Análise documental**: um método auxiliar, para a triangulação. As análises das letras das músicas e dos videoclipes são fundamentais para o estudo dessa forma de expressão cultural, o funk ostentação.

f) **FONTES DE DADOS**: letras das músicas, documentários, videoclipes e páginas em redes sociais.

g) BIBLIOGRAFIA:

- (1) BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- (2) FREIRE, Libny Silva. Nem luxo, nem lixo: Um olhar sobre o funk da ostentação In: **Revista Entremeios**, Pouso Alegre, v. 9, n. 9, 2012.
- (3) PEREIRA, Alexandre Barbosa. Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação In: **Revista Estudos Culturais**, São Paulo, v.1, n.1, 2014.

(4) POCHMANN, Marcio. **O mito da nova classe média**. São Paulo: Boitempo, 2014

(5) VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Abril, 1983.

(6) **FUNK Ostentação- O Filme**. Realização: Kondzilla / 3K Produtora / Funk na Caixa. São Paulo, 2012. Documentário, 36'31". Disponível em: <<http://vimeo.com/53295440>> Acesso em: outubro de 2014.

(7) **FUNK Ostentação**. Realização: "A Liga" / Emissora Band. Produção: Sebastián Gadea. São Paulo, 2013. Reportagem, 58'40". Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=vAsS5vcC_iY&index=99&list=WL> Acesso em: outubro de 2014.

(8) **FUNK Ostentação**. Realização: Quarto Mundo/ IPTV USP. São Paulo, 2013. Entrevista, 24'43". Disponível em: <iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=7323> Acesso em: outubro de 2014

(9) **FUNK Ostentação o Sonho**. Realização: Bendita Filmes/Marques Mariano Produções São Paulo, 2014. Documentário, 23',42". Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=QjrGVmKEF3Y> Acesso em: outubro de 2014.

(10) **NO Fluxo!**. Realização: Renato Barreiros. São Paulo, 2014. Documentário, 16'35". Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=G4HCHChb9k> Acesso em: 2 de dezembro de 2014.

↳ salvar todos esses vídeos em CD para entregar junto com o trabalho final.

QUESTIONÁRIO

Socioeconômico (Mc's e frequentadores)

1. Às vezes as pessoas falam em classes sociais. A qual classe social você diria que pertence?
(espontânea – Resposta única)

9 não sabe

2a. Qual foi a última série ou ano de estudo que você completou?

2b. Você completou a maior parte de seus estudos em escola pública ou privada?

3a. Pensando nos seus pais ou responsáveis que te criaram, até que ano da escola sua mãe/
madrasta completou?

3b. E seu pai/ padrasto?

4. Atualmente você faz algum trabalho remunerado?

(Se NÃO trabalha) Qual é a sua ocupação principal:

você é estudante, é aposentado(a), é dona(o)-de-casa ou está desempregado(a)?

5a. Qual era a ocupação ou atividade principal de seu pai há 10 anos?

(anote): _____

5b. Esta foi a ocupação que ele exerceu por mais tempo?

1. Sim 2. não

6a. Qual era a ocupação ou atividade principal de sua mãe há 10 anos?

(anote): _____

6b. Esta foi a ocupação que ela exerceu por mais tempo?

1. Sim 2. não

7. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, considerando salários, benefícios, aposentadorias ou qualquer outra fonte de ganho, de quanto foi aproximadamente a renda na sua casa no mês passado? [somar renda só de familiares ou pessoas com que partilha despesas alimentares]

Copiarão de método I?

R\$ _____ (anote valor e faixa correspondente abaixo – Se necessário mostre CARTÃO RENDA)

1. Até R\$ 724,00	6. Mais de R\$ 3.620,00 a R\$ 5.068,00	11. Mais de R\$ 21.720,00 a R\$ 36.200,00
2. Mais de R\$ 724,00 a R\$ 1.448,00	7. Mais de R\$ 5.068,00 a 7.240,00	12. Mais de R\$ 36.200,00
3. Mais de R\$ 1.448,00 a R\$ 2.172,00	8. Mais de R\$ 7.240,00 a R\$ 10.860,00	13 não tem renda
4. Mais de R\$ 2.172,00 a R\$ 2.896,00	9. Mais de R\$ 10.860,00 a R\$ 14.480,00	14. não sabe
5. Mais de R\$ 2.896,00 a R\$ 3.620,00	10. Mais de R\$ 14.480,00 a R\$ 21.720,00	15. recusa

8. Sua residência atual é própria ou alugada? Qual era a situação da residência de sua família há dez anos atrás?

9. Quantas televisões têm na sua casa? São todas a cabo? E telefones celulares (smartphones)? Micro-ondas? Computadores? Esse número é o mesmo de 10 anos atrás?

10. Você diria que a condição de vida melhorou na sua família nos últimos 10 anos?

ROTEIRO DE PERGUNTAS SEMI-DIRIGIDAS PARA OS MCS

11. De onde vem sua inspiração para escrever suas músicas?
12. O que você mais gosta de ouvir?
13. Tem algum artista que você diria que serve de inspiração pra você?
14. E como funciona a divulgação das suas músicas e dos seus shows?
15. Com qual frequência você faz shows?
16. Você diria que é difícil conciliar seu trabalho com o seu trabalho como MC? [depende da questão 5 do questionário socioeconômico]
17. Você tem empresário?
18. Onde vocês se conheceram? Alguém o indicou? Ele te influencia nos cliques? Nas letras das músicas?
19. E como é a sua relação com o público durante um show ou com os fãs?
20. Você diria que há muita diferença entre as roupas que você usa no dia a dia e as roupas que você usa pra fazer os shows ?
21. Você está saindo com alguém?
 - a. [Sim] como ela costuma se vestir?
 - b. [Não] como uma outra pessoa tem que se vestir para ser atraente?
22. Você tem alguma(s) marca(s) de roupa favorita? Você considera as marcas importantes? Qual sua marca favorita de tênis/calçado? De camiseta/blusa? De boné?
23. Quando você tem uma renda extra, com o que você gasta?
24. Qual foi o valor máximo que você já gastou em uma roupa ou acessório?

25. Você tem algum sonho de consumo? Qual?
26. Você diria que as letras das suas músicas refletem o seu estilo de vida cotidiano?
27. Quais são seus planos para o futuro? Pretende continuar os estudos depois da escola?
Fazer uma faculdade?

ROTEIRO DE PERGUNTAS SEMI-DIRIGIDAS PARA OS FREQUENTADORES

12. Que tipo de funk você prefere? Quais são seus artistas favoritos do meio funk?
13. Como você entra em contato com o funk? [Resposta espontânea. Se necessário, especificar: pela internet, rádio, nas festas, etc...]
14. O que você mais gosta nas músicas? [Resposta espontânea. Se necessário especificar: as letras, a batida, a dança, etc...]
15. Você acha que o tipo de funk que você escuta hoje mudou muito nos últimos 5 anos?
16. Com que frequência você vai a essas festas?
17. Geralmente, onde são as festas que você frequenta?
18. Há quanto tempo você frequenta esse tipo de festa?
19. E o que você vê de legal nelas?
20. Você diria que há muita diferença entre as roupas que você usa no dia a dia e as roupas que você usa pra ir às festas?
21. Você está saindo com alguém?
 - c. [Sim] como ela costuma se vestir?
 - d. [Não] como uma outra pessoa tem que se vestir para ser atraente?
22. Você tem alguma(s) marca(s) de roupa favorita?
23. Quando você tem uma renda extra, com o que você gasta?
24. Qual foi o valor máximo que você já gastou em uma roupa ou acessório?
25. Você tem algum sonho de consumo? Qual?
26. Você tem um celular?
 - a. [Sim, e é um smartphone] O que te fez escolher um smartphone?
 - b. [Não/Sim, mas não é um smartphone] Gostaria de comprar um/trocar o seu? Qual modelo compraria? Por quê?
27. Quais são seus planos para o futuro? Pretende continuar os estudos depois da escola?
Fazer uma faculdade?

P.S. Anexar este plano ao trabalho final.

[Assinatura]
26/11/15